UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
COMPARADA

BEATRIZ MASSON FRANCISCO

Leitores e leituras de *Harry Potter*

Versão corrigida

São Paulo

2019

BEATRIZ MASSON FRANCISCO

Leitores e leituras de *Harry Potter*

Versão corrigida

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção de título de Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andrea Saad Hossne

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

FF8191 Francisco, Beatriz Masson
Leitores e leituras de Harry Potter / Beatriz
Masson Francisco ; orientadora Andrea Saad Hossne. -
São Paulo, 2019.
118 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Teoria Literária e Literatura
Comparada. Área de concentração: Teoria Literária e
Literatura Comparada.

1. Leitura. 2. Romance de Formação. 3. Literatura
Infanto-Juvenil. 4. Literatura Inglesa. 5.
Personagens. I. Hossne, Andrea Saad, orient. II.
Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Beatriz Masson Francisco

Data da defesa: 20/09/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Andrea Saad Hossne

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 18/11/2019

A handwritten signature in blue ink, reading 'Andrea Saad Hossne'.

(Assinatura do (a) orientador (a))

FRANCISCO, Beatriz Masson. **Leitores e leituras de *Harry Potter***. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andrea Saad Hossne

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Escrever uma dissertação no mundo bruxo deve ser bem fácil: basta utilizar uma pena de repetição rápida e o texto se reproduz praticamente sozinho. No mundo dos trouxas, no entanto, a tarefa é mais ardilosa. Por isso, gostaria de agradecer a quem me ajudou a percorrer este longo caminho de trabalho:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela concessão da bolsa de mestrado;

Aos meus pais, Claudio e Jussara, por sempre terem apoiado meus sonhos e meus projetos. Agradeço pela confiança que depositaram em mim, por acreditarem neste trabalho e por serem o porto seguro para o qual eu sempre posso voltar. À minha irmã, Luísa, pela companhia nos dias solitários em São Paulo e por sempre me fazer enxergar que a vida pode ser mais simples do que a gente pensa;

À Mariana, a irmã que São Paulo me deu, agradeço por ter incentivado a existência desta pesquisa quando ela ainda apenas morava na minha imaginação, por ser uma ouvinte sem igual e por sempre me ajudar a enxergar meu valor quando eu mesma não consigo fazer isto. Agradeço, também, por sua revisão atenta a este texto;

Ao Luiz Felipe, por ter sido meu maior e melhor interlocutor, meu companheiro de trabalho e meu amigo. Agradeço por ter mediado junto comigo o projeto que mais tenho orgulho de termos criado juntos, que foi o Clube do Livro de *Harry Potter*. Se a vida é uma grande jornada a ser percorrida, fico feliz de poder dividir com você esta parte de minha jornada;

À Carolina e toda sua família maravilhosa, por terem me acolhido em vários almoços, fazendo com que eu me sentisse verdadeiramente em casa. À Lígia, pelas caronas, pela participação em *Harry Potter: Caminhos Interpretativos* e pelas pizzas com ketchup. À Amanda, por ter acompanhado as reuniões do Clube do Livro de *Harry Potter*;

À Talita, pela ajuda durante toda a pós-graduação, pelos conselhos, reflexões, pela companhia durante o período do estágio PAE e por sempre estar aberta a ouvir o ponto de vista do outro;

Ao Jefferson, por ter me instigado a procurar todos os narradores de *Harry Potter*, por sempre me deixar à vontade para expor minha opinião, pelas noites de karaokê e pelas sopas;

À Mari, por ter movido mundos e fundos para eu conseguir voltar ao trabalho na época da concessão da bolsa CAPES. Obrigada por todo o acolhimento, pelos abraços de mãe e pelas caronas;

À Maria Paula e Dafna, por terem me ensinado a ser professora dos pequenos, por terem sempre apoiado os meus estudos, por entenderem as minhas ausências mesmo quando eu gostaria de ter estado presente;

À Camila, Mila e Tatí, pelas risadas diárias, pelos conselhos atentos, pela troca de experiências, pelos desabafos e por todos os almoços compartilhados. À Patrícia, pelos brigadeiros, pelos bolos e, principalmente, por ser um dos meus maiores exemplos de caráter. Aos meus pequenos alunos, por todos os abraços sinceros e por terem sido, durante quase quatro anos, minha fonte diária de alegria, de carinho e de contato com o mundo real;

A todos os alunos que passaram pelas duas edições do curso *Harry Potter: Caminhos Interpretativos*, por terem me mostrado um dado que nenhuma pesquisa conseguiu mapear em números: os leitores de *Harry Potter* são pessoas incríveis, sinceras e apaixonadas. Também agradeço pela oportunidade de ter aprendido tanto com seus pontos de vista e por terem se disponibilizado a ouvir aquilo que eu tinha a dizer;

À Aline Barbosa, Aline Saldanha, Alissa, Amanda, Bruno, Caroline, Danyelle, Dayane, Felipe, Flávia, Geraldo, Gabrielle, Janaína, Letícia, Luana, Mariana Almeida, Mariana Limberg, Michelle Brito, Michelle Yamada, Murilo, Natalia, Pedro, Ranielle, Renata Cortez, Renata Pereira, Samya, Tatiana e Vanessa, por terem se disposto a responder o questionário que é o cerne desta pesquisa;

Ao pessoal da Secretaria de Cultura e Extensão, principalmente ao Danilo, por toda a ajuda com a burocracia necessária para a criação de *Harry Potter: Caminhos Interpretativos* e por seu apoio irrestrito durante a (insana) fase de divulgação do curso;

Ao Wilson Paião, que acreditou no potencial do Clube do Livro de *Harry Potter* e cedeu o espaço para que ele se realizasse na Livraria da Vila;

Ao Prof. Dr. Daniel Puglia, por ter aceitado orientar meu primeiro projeto de iniciação científica, lá em 2013, por sempre ter se mostrado extremamente receptivo com a ideia de um estudo acadêmico sobre *Harry Potter* e pelo diálogo que continuou a acontecer durante a pós-graduação, na disciplina sobre Materialismo Histórico e na banca de qualificação;

À Profª. Drª. Patrícia Nakagome, por ser, antes de toda e qualquer coisa, a Patrícia. Por ter acompanhado de perto toda a minha trajetória de pesquisa, por ter me ajudado a amadurecer meu olhar a respeito da crítica literária, do leitor e de *Harry Potter*. Agradeço por sempre ter me incentivado a continuar e a tentar novamente, por ter acreditado que esta dissertação de mestrado poderia existir e por ter pavimentado um caminho acadêmico admirável, que tanto me inspira;

À Profª. Drª. Andrea Saad Hossne, por ter acolhido minhas ideias desde a iniciação científica e por ter me mostrado, talvez sem saber, a importância do exercício da escuta. Agradeço, também, por ter me ensinado tanto a respeito da prática docente durante o estágio PAE, além de ter dado um apoio incondicional para a existência e para a continuidade de *Harry Potter: Caminhos Interpretativos*, apesar de todos os percalços enfrentados;

À Lia Wyler, que me inspirou a seguir a carreira em Letras. Obrigada pelo Quadribol, pelo Lembrol, pelos Testrálios e pelos Trouxas.

À Joanne Rowling, por ter presenteado o mundo com *Harry Potter*.

“No story lives unless someone wants to listen. The stories we love best do live in us forever. So whether you come back by page or by the big screen, Hogwarts will always be there to welcome you home.”

J.K. Rowling, 2011.

RESUMO

FRANCISCO, Beatriz Masson. **Leitores e leituras de *Harry Potter***. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Harry Potter, a série escrita pela britânica J.K. Rowling, é mundialmente famosa por ter quebrado vários recordes de venda: até o ano de 2017, os sete livros já haviam vendido mais de meio bilhão de exemplares mundo afora, criando uma extensa rede de leitores apaixonados pelas aventuras de Harry, Rony e Hermione. Em um primeiro momento, este trabalho tenta entender quais elementos da narrativa de *Harry Potter* contribuiriam para a geração de tamanha comoção. Ao dividir a obra em três blocos narrativos, analiso como foram construídos o espaço da narrativa (Hogwarts), a relação de amizade entre o trio principal de personagens, bem como o crescimento e amadurecimento do próprio Harry, tendo em vista os paradigmas da novela romanesca estudados por Frye e do romance de formação, segundo os estudos de Bakhtin, Lukács e Moretti. Realizo, ainda, uma pesquisa de campo com leitores empíricos da série com o objetivo de constatar se a minha leitura analítica justificaria o fato de *Harry Potter* ser uma obra literária de extrema relevância na vida de tantos leitores. Os resultados coletados mostram a reflexão que estes leitores fazem sobre o espaço da narrativa, sobre o trio de personagens principais e sobre a importância que a série teve em suas formações pessoais e em suas formações enquanto leitores. Por fim, debato a respeito dos elementos que fariam *Harry Potter* se perpetuar no tempo, além de apontar como a experiência e a memória afetiva que os leitores da série criam com ela são bastante relevantes para a construção do olhar crítico sobre o texto de *Harry Potter*.

Palavras-chave: *Harry Potter*, leitor, romance de formação.

ABSTRACT

FRANCISCO, Beatriz Masson. **Harry Potter's readers and readings.** 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Harry Potter, the series of books written by J.K. Rowling, is worldwide famous for breaking several sales records: until 2017, the seven books have already sold five hundred million copies in the entire planet, creating a network of readers that love the adventures of Harry, Rony and Hermione. Firstly, this dissertation intends to understand which *Harry Potter's* narrative elements contributed to generate all this commotion. By splitting Rowling's work in three different narrative blocks, I analyze how the space of narrative (Hogwarts) was constructed, the friendship between the three main characters and Harry's growing and evolution, according to the romance paradigms studied by Frye and *Bildungsroman*, according to Bakhtin, Lukács and Moretti's studies. In addition, we did a field research with *Harry Potter's* empirical readers, aiming to note if my analytical reading would justify the fact that *Harry Potter* is an extremely important book in the lives of so many readers. The results that were collected show the observations that these readers do about the space of narrative, the three main characters and the importance that the series had on their personal formation and on their formation as readers. Finally, I debate about the elements that make *Harry Potter* endure on time, as well as to indicate how experience and affective memory are very important to build a critical approach on *Harry Potter's* text.

Keywords: *Harry Potter*, readers, *Bildungsroman*.

SUMÁRIO

PARTE 1.....	13
1.1 Do que trata <i>Harry Potter</i> , afinal?	15
1.2 Os blocos narrativos de <i>Harry Potter</i> e a passagem do tempo.....	19
1.3 Crianças em formação: os personagens-chave de <i>Harry Potter</i>	24
1.4 Um espaço narrativo singular: a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.....	36
1.5 Por uma possibilidade interpretativa em <i>Harry Potter</i> : o romance de formação	39
PARTE 2.....	50
2.1 A repercussão de “ <i>Harry Potter: Caminhos Interpretativos</i> ”	51
2.2 Os participantes de “ <i>Harry Potter: Caminhos Interpretativos</i> ”	58
2.3 Espaço narrativo: uma leitura de projeção	61
2.4 Harry, Rony e Hermione: leituras de identificação.....	64
2.5 Lições sobre amadurecimento: a função fraterna.....	70
2.6 <i>Harry Potter</i> : um romance de formação de leitores?	77
PARTE 3.....	86
3.1 A forma narrativa de <i>Harry Potter</i>	87
3.2 A perpetuação de <i>Harry Potter</i> no tempo.....	90
3.3 <i>Harry Potter</i> , experiência e memória	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
ANEXOS	105

PARTE 1

“(...) He’ll be famous – a legend – I wouldn’t be surprised if today was known as Harry Potter Day in the future – there will be books written about Harry – every child in our world will know his name!”

Harry Potter and the Sorcerer’s Stone, 1997.

Era uma vez uma mulher inglesa, professora de francês e estudos clássicos, leitora voraz de Charles Dickens e J.R.R. Tolkien chamada Joanne. Um dia, durante uma viagem de trem de Manchester a Londres, essa mulher sonhou com um menino – um menino muito magro, de cabelos pretos, dono de um par de óculos redondos, que carregava bem no meio da sua testa uma cicatriz fininha com o formato de um raio. Esse menino era bruxo e estudava em uma escola de magia junto com crianças que possuíam os mesmos poderes que ele.

Desperta de seu sono, Joanne achou que esse menino seria o personagem ideal para protagonizar um livro que há muito ela queria escrever. A vida não parecia ser lá muito justa com ela: sua mãe havia falecido há pouco tempo; ela havia tentado trabalhar como professora de inglês em Portugal, mas as coisas não deram muito certo; ela se casou com um jornalista português e teve uma filha com ele, mas ambos se divorciaram pouquíssimo tempo depois do nascimento da criança; ela se mudou para a Escócia, desempregada e dependente dos programas de auxílio do governo local; ela entrou em depressão. Mas, apesar de tudo isso, Joanne continuava a escrever – porque nada poderia impedir que ela desse vida ao personagem de seu sonho.

Depois de muito tempo, Joanne possuía o manuscrito completo de um livro intitulado *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. Ela estava feliz por ter concluído a história, mas parece que a vida queria continuar com suas injustiças: o manuscrito foi rejeitado por doze editoras até ser aceito pela décima terceira. O livro teria uma tiragem inicial de mil cópias e seria publicado se ela concordasse em modificar seu nome e torná-lo mais neutro, porque, segundo o editor, nenhum menino iria ler um livro escrito por uma mulher. E assim, Joanne tornou-se J.K. Rowling, a autora superfamosa de *Harry Potter*.

A escolha do tom fabular para contar a história de J.K. Rowling não foi feita ao acaso: hoje em dia, sua história de vida possui um tom tão literário quanto a história de *Harry Potter* em si. A vida da autora possui episódios bastante dramáticos, como os descritos acima, que pareceram sempre ser norteados pelo seu desejo de escrever – desejo este que começou na infância, quando ela fez uma historinha de um coelho chamado Coelho, e que percorreu sua adolescência e sua vida adulta até chegar em *Harry Potter* e outros romances¹.

¹ Em 2012, Rowling lançou seu primeiro livro de ficção para adultos, *The Casual Vacancy*. Sob o pseudônimo de Robert Galbraith, ela escreveu uma série de romances detetivescos, cujos títulos são *The Cuckoo's Calling* (2013), *The Silkworm* (2014) e *Career of Evil* (2015).

J.K. Rowling se tornou mundialmente famosa à medida que *Harry Potter* foi se popularizando ao redor do mundo. No ano de 2018, o site *Pottermore*² anunciou que a série havia vendido, até meados daquele ano, mais de meio bilhão de exemplares no mundo inteiro³ e já tinha sido traduzida para mais de oitenta idiomas. E esses números estão relacionados apenas aos sete livros da série: se juntarmos à conta as bilheterias de suas adaptações cinematográficas, a adesão do público à peça teatral *Harry Potter and the Cursed Child* e o alcance que os personagens e sua autora têm dentro da internet, constataremos que *Harry Potter* atinge, mesmo, muitos milhões de pessoas.

A história que a quase esquecida Joanne escreveu funde-se, hoje em dia, a números milionários: números de venda, números de tradução, números da fortuna acumulada por Rowling. Este último, principalmente, parece ilustrar como a história de vida da autora é extremamente bem-sucedida, porque ela conseguiu sair da pobreza extrema para ter uma conta bancária que está quase superando – se já não superou - a fortuna da rainha Elizabeth. Mas, se tirarmos todos esses números da frente do nome *Harry Potter*, será que sobra alguma coisa? Ouso dizer que sim. E não sobra “apenas” alguma coisa: sobra toda uma obra complexa, ambientada em um universo ímpar e com personagens cativantes – obra essa criada pela Joanne, muito antes de ela ser J.K. Rowling.

1.1 Do que trata *Harry Potter*, afinal?

A série de livros *Harry Potter* foi publicada ao longo de dez anos e é composta por sete volumes: *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (1997), *Harry Potter and the Chamber of Secrets* (1998), *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), *Harry Potter and the Goblet of Fire* (2000), *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2003), *Harry Potter and the Half-Blood Prince* (2005) e *Harry Potter and the Deathly Hallows* (2007). Cada um dos livros narra um ano da vida de Harry Potter, dos onze aos dezessete anos.

² *Pottermore* é um site criado por J.K. Rowling e sua equipe, com o objetivo de revelar segredos do universo expandido de *Harry Potter*. O site é alimentado por histórias escritas pela própria Rowling a respeito de pontos que foram pouco desenvolvidos na narrativa da série. Além disso, o site comporta uma espécie de rede social para os leitores, que podem ter a experiência de estudarem em Hogwarts através de jogos e leituras.

³ A matéria pode ser encontrada no link: <<https://www.pottermore.com/news/500-million-harry-potter-books-have-now-been-sold-worldwide>> Acesso em: 01/04/2019.

Harry é um garoto órfão, que mora em um lar horroroso, com seus tios Vernon e Petunia Dursley e seu primo Dudley, que são igualmente detestáveis. Aos onze anos, Harry descobre que é um bruxo, filho de James e Lilly Potter. Rubeus Hagrid, o guarda-caças da escola de magia e bruxaria de Hogwarts, explica ao menino que seus pais morreram em uma situação bastante trágica: eles foram atacados por Lord Voldemort, o bruxo das trevas mais poderoso e cruel da época. Voldemort também tentou assassinar Harry, mas alguma coisa o impediu de realizar esse feito. Como resultado disso, Harry ganhou uma cicatriz em forma de raio no meio da testa e uma fama inigualável dentro da sociedade bruxa por ter derrotado o mago das trevas com apenas um ano de idade, e Voldemort foi aparentemente banido do mundo da magia para sempre. Hagrid também diz a Harry que ele tem direito a uma vaga em Hogwarts, e que a escola seria a responsável por fazer com que crianças bruxas pudessem controlar e aperfeiçoar seus poderes mágicos.

Hogwarts é uma escola que separa seus alunos entre quatro casas que acolhem crianças e adolescentes com personalidades em comum: na casa de Gryffindor estudam os alunos destemidos e corajosos; na casa de Ravenclaw ficam os alunos de inteligência aguçada; na casa de Hufflepuff estudam os alunos leais, que prezam pelo trabalho duro; na casa de Slytherin são alocados os ambiciosos e aqueles que detêm astúcia, além de ser conhecida por ter sido a casa de grandes bruxos das trevas, como o próprio Voldemort. Quem separa os alunos entre as casas é o Chapéu Seletor, que, quando colocado sobre a cabeça dos alunos, julga qual casa seria a mais adequada para a criança integrar⁴.

Harry, que já conhecia a má fama da casa de Slytherin, pede ao Chapéu que ele o selecione para qualquer outra casa que não esta,⁵ e, por conta deste pedido, ele é alocado na casa de Gryffindor. Lá ele faz amizade com Rony Weasley e Hermione Granger, amigos fieis que o acompanharão em absolutamente todas as aventuras em que irá se meter. Além das

⁴ Durante a cerimônia de seleção, o Chapéu Seletor sempre canta uma pequena música para explicar sua função. A canção que ele canta para a seleção da turma de Harry é a seguinte: "Oh, you may not think I'm pretty,/ But don't judge on what you see,/ I'll eat myself if you can find/ A smarter hat than me./ You can keep your bowlers black,/ Your top hats sleek and tall,/ For I'm the Hogwarts Sorting Hat/ And I can cap them all./ There's nothing hidden in your head/ The Sorting Hat can't see,/ So try me on and I will tell you/ Where you ought to be." (1997, p. 117)

⁵ " 'Hmm', said a small voice in his ear. 'Difficult. Very difficult. Plenty of courage, I see. Not a bad mind either. There's talento, oh my goodness, yes – and a nice thirst to prove yourself, now that's interesting...So where shall I put you?' Harry gripped the edges of the stool and thought, *not Slytherin, not Slytherin*. 'Not Slytherin, eh?' said the small voice. Are you sure? You could be great, you know, it's all here in your head, and Slytherin will help you on the way to greatness, no doubt about that – no? Well, if you're sure – better be GRYFFINDOR!" (1997, p. 121)

amizades, Harry também arranja um rival: Draco Malfoy, um bruxo herdeiro de uma importante família da sociedade bruxa e que pertence à casa de Slytherin.

É na escola que Harry encontra suas potencialidades e suas fraquezas. Por exemplo, ele descobre que é um excelente jogador de quadribol⁶, que possui um talento aguçado para a disciplina de Defesa contra artes das trevas⁷ ao mesmo tempo em que fracassa miseravelmente em Poções, matéria ensinada pelo misterioso professor Severus Snape. Lá ele também aprende que os bruxos se dividem em três categorias: há aqueles considerados sangue puro, que são descendentes de pai e mãe bruxos e que, de modo geral, possuem grande poder aquisitivo e influência na sociedade; há, também, os nascidos trouxas⁸, que são bruxos filhos de pai e mãe trouxas, sendo eles os primeiros de suas famílias a possuírem o dom para a magia e, por fim, existem os bruxos mestiços, que possuem um dos pais nascido trouxa (ou trouxas de fato), enquanto o outro é bruxo de sangue puro. Harry é mestiço, Rony é um bruxo de sangue puro e Hermione é nascida trouxa. É na escola, também, que Harry vai descobrir mais a respeito do seu passado, do passado de seus pais e do passado de Lord Voldemort, com a ajuda de seus professores, seus amigos e do querido diretor de Hogwarts, Albus Dumbledore.

Este é o enredo central da série. Cada um dos volumes irá revelar subtramas específicas, onde Harry, Rony e Hermione terão que desvendar algum tipo de mistério para salvarem suas próprias vidas e as vidas dos alunos de Hogwarts dos planos de Voldemort. Junto disso, cada um dos volumes apresenta personagens que são centrais para o desenrolar da

⁶ Quadribol é um esporte bastante popular no mundo bruxo, que possui, dentro da narrativa de Rowling, diversos torneios: há a Copa das Casas, que é jogada dentro de Hogwarts e a Copa Mundial de Quadribol, que, como o próprio nome sugere, é uma competição internacional. Um time de quadribol possui sete jogadores: três artilheiros, dois batedores, um goleiro e um apanhador e, para vencer, eles devem marcar gols e conseguir apanhar o pomo de ouro, que é uma bolinha pequenina e voadora e que dá ao time 150 pontos de vantagem em relação ao adversário. Harry joga justamente na posição de apanhador, assim como seu pai jogava no passado. O termo criado por J.K. Rowling em inglês é “Quidditch”, mas ao longo da dissertação vamos utilizar o termo traduzido para o português, idealizado por Lia Wyler.

⁷ Quando os jovens bruxos entram em Hogwarts, eles são obrigados a cursar seis disciplinas: astronomia, defesa contra as artes das trevas, herbologia, transfiguração, trato das criaturas mágicas e poções. À medida que eles vão adquirindo experiência, eles podem cursar disciplinas eletivas, como aritmância, adivinhação e estudo dos trouxas. A partir do sexto ano, os alunos são obrigados a cursar as disciplinas que tenham relação com suas futuras carreiras no trabalho.

⁸ “Trouxa” é o termo em português escolhido pela tradutora Lia Wyler para designar seres humanos que, a princípio, não possuem nenhum tipo de poder mágico. O palavra utilizada originalmente em inglês é “Muggle”, que segundo a definição do Cambridge Dictionary, é um adjetivo que designa pessoas que não são dotadas de algum talento específico.

história⁹, como, por exemplo, Sirius Black, que é padrinho de Harry e melhor amigo do seu pai; Remus Lupin, um notável professor de Defesa contra as artes das trevas que ensina Harry a lidar com seu maior medo; Dolores Umbridge, uma funcionária do Ministério da Magia que é extremamente autoritária e preconceituosa, Belatrix Lestrange, uma seguidora fiel de Lord Voldemort que tortura e mata bruxos por puro *hobby* e a família Weasley, cuja casa é um refúgio para Harry e que o acolhe como filho.

É bastante complicado tentar resumir a história de sete livros em apenas alguns parágrafos. Mais do que complicado, me parece até injusta com todo o universo que gira em torno do nome *Harry Potter* a tentativa de esboçar um resumo: a história é intrincada e cheia de nuances, possuindo não apenas esse enredo e esses personagens centrais, mas também todo um entorno narrativo que se mostra muito importante para o desenvolvimento da história de Harry. Por exemplo, a autora criou uma categoria de criaturas mágicas próprias¹⁰, além de ter povoado o imaginário dos leitores com feitiços que só existem dentro deste universo¹¹ e, ainda, construiu um referencial de escola que, hoje em dia, já faz parte do imaginário coletivo – por exemplo, é bastante comum as pessoas reclamarem que suas cartas de Hogwarts ainda não chegaram ou perguntar aos amigos a qual casa de Hogwarts eles pertencem.

⁹ Uma pesquisa rápida na Wikipédia nos revela que a série apresenta, pelo menos, setenta e cinco personagens agindo no universo dos sete livros da série. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_personagens_da_s%C3%A9rie_Harry_Potter> Acesso em: 26/01/2019.

¹⁰ Apesar de ter pegado emprestadas várias criaturas folclóricas que fazem parte da tradição literária, como os centauros, os unicórnios e os dragões, J.K. Rowling criou os seus próprios animais fantásticos, como por exemplo, os testrálios, os dementadores, os sereianos, os grindylows, o tronquilho, as fadas mordentes, os diabretes da Cornuália, o pelúcio, dentre outros. A relação completa das criaturas fantásticas – criadas por ela e as pertencentes à tradição, podem ser encontradas no bestário *Fantastic Beasts and Where to Find Them*. O livro existiu, em um primeiro momento, como uma referência literária: ele faz parte do material escolar dos alunos de Hogwarts, já que eles devem estudar criaturas mágicas. Mas J.K. Rowling acabou publicando-o no mundo real, para arrecadar fundos para sua instituição de caridade, a Comic Relief. No ano de 2016, a Warner Bros. em parceria com a própria autora lançou o primeiro filme de uma série de cinco, cuja história se dedica a narrar parte da vida do autor de *Fantastic Beasts*, Newt Scamander, em um período pré Harry Potter. Até o ano de 2019, dois filmes da franquia já haviam sido lançados: *Fantastic Beasts and Where to Find Them* (2016) e *Fantastic Beasts: The Crimes of Grindelwald* (2018).

¹¹ Por ter formação em literatura clássica, J.K. Rowling buscou referências do latim para dar nome aos feitiços utilizados pelos personagens. *Wingardium leviosa* é um feitiço que permite a levitação; *Lumos* fornece iluminação ilimitada ao bruxo que o conjura; *Alohomora* permite que qualquer porta seja aberta; *Obliviate* é um feitiço que permite a extração da memória; *Priori incantatem* revela quais feitiços foram realizados com a varinha de determinado bruxo; *Expelliarmus* é um feitiço que serve para desarmar seu oponente; *Imperio* é considerada uma maldição, pois o bruxo que a conjura é capaz de controlar magicamente a ação de outros bruxos; *Crucio*, outra maldição, tem a função de torturar animais e seres humanos e, finalmente, *Avada Kedavra* possui a função de dizimar a vida de qualquer ser vivo. Voldemort matou os pais de Harry com essa maldição e usou a mesma para tentar acabar com a vida do garoto, mas ele foi capaz de sobreviver à maldição da morte.

A citação que abre esta seção poderia ter sido retirada de qualquer site que dedique seu conteúdo a *Harry Potter*, ou de algum livro crítico que se dedique a estudar a série. Contudo, o trecho foi retirado de *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. A fala proferida pela professora Minerva McGonagall prevê não apenas a fama do menino bruxo dentro das fronteiras da própria narrativa, mas também fora dela, no nosso mundo de carne e osso. Muitas crianças do nosso mundo conhecem sim, Harry Potter – e *Harry Potter* também. Portanto, transformar a série em objeto de estudo nesta dissertação tem, como objetivo primeiro, voltar o olhar acadêmico a um texto que merece atenção dos estudos literários por ter sido uma leitura bastante importante para milhões de pessoas mundo afora.

1.2 Os blocos narrativos de *Harry Potter* e a passagem do tempo

Como já mencionamos, *Harry Potter* é uma série constituída de sete livros, e estes livros são bastante diferentes entre si. Cada um deles possui um enredo próprio que se articula ao enredo maior da série; basicamente, cada um dos sete episódios tem influência direta no embate entre Harry e Voldemort, que já era algo previsto de acontecer desde o primeiro volume. Além disso, a história possui uma importante demarcação temporal. Isso se dá não apenas porque Harry, Ron e Hermione vão ficando mais velhos conforme os anos em Hogwarts vão passando, mas porque eles todos, principalmente Harry, se tornam mais maduros e experientes à medida que esse tempo passa. Para se tornar um oponente à altura de Voldemort, Harry precisa se formar enquanto bruxo e enquanto sujeito, e essa formação é, em nossa visão, a grande força do enredo da série.

Mikhail Bakhtin, que se dedicou a estudar as formas do romance, fez a seguinte consideração acerca do que é trabalhado em uma obra onde o personagem está se formando:

(...) Em contraposição à unidade estatística, aqui se fornece a unidade dinâmica da imagem do personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma *grandeza variável* na fórmula desse romance. A mudança do próprio herói ganha *significado de enredo* e em face disso reassimila-se na raiz e reconstrói-se todo o enredo do romance. (BAKHTIN, 2010, p. 219)

Diferentemente do tempo construído nas novelas de cavalaria¹² e nos romances de aventuras, que é muito mais linear e que não possui uma interferência direta no desenvolvimento do caráter de seus heróis e heroínas, o tempo do romance moderno é, basicamente, seu maior produto. O modo como este tempo age em seus personagens e como estes personagens vão mudando conforme ele passa é, por si só, o tema máximo do romance moderno, ganhando significação ainda maior com o romance de formação.

Os três primeiros livros da série, *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, *Harry Potter and the Chamber of Secrets* e *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* são significativamente mais curtos que os quatro últimos livros, além de possuírem um enredo mais fechado. Em cada uma dessas histórias, Harry, Rony e Hermione são convidados – embora não sejam *literalmente* convidados – a desvendar um mistério. Eles passam por uma espécie de teste em cada uma das histórias, onde a resolução de cada um dos pequenos enigmas os leva a resolver, também, a grande charada que é colocada ao leitor nos primeiros momentos da narrativa.

Em *Philosopher's Stone*, por exemplo, existe toda uma discussão a respeito de quem poderia ter roubado de um cofre superseguro a famosa Pedra Filosofal. Movido pela sua curiosidade e por sua grande aptidão para quebrar as regras, o trio de crianças começa a investigar por conta própria quem poderia ter cometido o delito. E essa investigação é bastante prática: guiados por inúmeras pesquisas em livros da biblioteca, eles descobrem a motivação para a criação da Pedra Filosofal, que era a de tornar seu dono imortal. Não foi muito difícil para as crianças ligarem Voldemort ao desejo de viver para sempre, afinal de contas, o bruxo das trevas havia se tornado menos que um fantasma após o embate com o bebê Harry Potter e desejava, desde então, voltar ao mundo para viver eternamente.

Além disso, as crianças acharam que seriam de bom tom *elas mesmas* caçarem e protegerem a Pedra d'Aquele-que-não-deve-ser-nomeado¹³. O que se segue, na narrativa, é praticamente uma prova física que testa os conhecimentos práticos do mundo bruxo para aqueles que tentarem se aproximar da Pedra Filosofal: eles entram em um alçapão guardado

¹² Em *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*, Bakhtin afirma que “o romance de cavalaria opera com o tempo aventureiro – basicamente do tipo grego, embora em alguns romances haja uma grande aproximação com o tipo apuleico de aventuras e costumes. (...) O tempo se decompõe numa série de segmentos-aventuras, em cujo interior ganha uma organização técnico-abstrata e um vínculo igualmente técnico com o espaço.” (2018, p. 99)

¹³ Uma das várias denominações que Lord Voldemort recebe ao longo da série.

por um enorme cão de três cabeças e têm que passar por uma plantação de visgo do diabo; em seguida, eles devem conseguir abrir uma porta mágica usando uma chave voadora, cujo acesso só é permitido com o uso de uma vassoura, que deve ser montada por um velocista experiente; depois disso, eles se envolvem em uma partida mortal de xadrez de bruxo¹⁴, da qual Rony sai gravemente ferido e, para finalizar, Hermione usa toda a lógica que ela conhece para tomar uma poção não envenenada para que, finalmente, eles possam chegar ao esconderijo da Pedra. Uma vez que o trio passa por esse teste, Harry consegue descobrir que quem estava tentando roubar o artefato mágico era o professor Quirrell, agindo a mando de Voldemort. Pela segunda vez em sua vida, o garoto consegue afugentar o Lorde das Trevas e afastá-lo de si e de seus colegas de Hogwarts.

Esse esquema de desvendar enigmas e resolver charadas também é utilizado nos dois livros seguintes, mostrando que esses três primeiros volumes possuem enredos mais fechados do que os quatro livros publicados posteriormente. As narrativas dos três primeiros livros dialogam bastante com os clássicos livros de romance policial, como os de Agatha Christie, por exemplo, onde Harry, Rony e Hermione normalmente fazem as vezes de detetives para descobrir algum episódio misterioso que cerca a escola de magia e bruxaria de Hogwarts¹⁵. Além disso, a história tem um discurso fabular bastante forte, assim como o enredo de histórias que são escritas para crianças. *Philosopher's Stone* se inicia com a seguinte frase: “Mr. And Mrs. Dursley, of number four, Privet Drive, were very proud to say that they were perfectly normal, thank you very much.” (1997, p. 1) A distinção entre os primeiros volumes de *Harry Potter* com relação aos últimos livros nos mostra que se faz necessário dividir a narrativa maior da série em três blocos diferentes. Vou alocar os três primeiros livros no que chamarei de Bloco 1.

¹⁴ As regras dos xadrez de bruxo, no universo criado por J.K. Rowling, são as mesmas que as regras que os trouxas aplicam em suas partidas de xadrez. A única diferença entre um jogo e outro é que as peças daquele se mexem sozinhas, conforme a ordem do jogador. Além disso, os personagens do jogo se atacam quando uma jogada é feita, onde a rainha, por exemplo, pode cortar a cabeça do cavaleiro ou do bispo.

¹⁵ Em *Chamber of Secrets* (1998), Hogwarts se encontra ameaçada por ataques constantes de um basilisco aos alunos nascidos trouxas. Segundo a lenda milenar, o basilisco é conhecido como o rei das serpentes porque ele consegue matar uma pessoa apenas com o contato visual, além de produzir um veneno extremamente poderoso. Graças a uma investigação certa de Hermione, Harry e Rony descobrem que Lord Voldemort está, mais uma vez, tentando tomar uma forma corpórea sem se importar com o número de pessoas que ele tenha que matar para realizar seu feito. Além disso, Harry ganha conhecimento de mais uma característica de si mesmo: ele, assim como Voldemort, pode conversar com cobras. Em *Prisoner of Azkaban* (1999), Harry se vê pessoalmente perseguido pelo notório assassino Sirius Black, que, segundo fontes, foi o responsável por entregar James e Lillian Potter a Voldemort. Mais uma vez, o trio investiga pistas deixadas pelo falecido pai de Harry e seus amigos e acabam por descobrir que Black, além de ter sido acusado de um crime que não cometeu, também é padrinho de Harry.

Harry Potter and the Goblet of Fire é um livro visualmente maior que os três livros anteriores, tendo em vista as suas 636 páginas de texto. J.K. Rowling já havia anunciado¹⁶ que havia ganhado mais liberdade criativa de seus editores a partir do terceiro livro, e isso fica bastante claro neste quarto volume. O enredo da história ainda mantém muitos elementos narrativos do romance policial: Harry Potter é compelido a participar do Torneio Tribruxo, uma prova para bruxos maiores de idade que testa a coragem e o conhecimento prático de magia em nome da conquista da glória eterna. As provas do torneio envolvem lutar contra um dragão, resgatar uma pessoa querida de um exército de sereianos e passar por um labirinto repleto de criaturas mágicas, que colocam à prova tanto o potencial que os bruxos têm para realizar magia quanto seu potencial para (mais uma vez) desvendar mistérios e resolver charadas.

A grande questão a ser resolvida, aqui, é que Harry ainda não tem idade para participar deste Torneio, o que nos leva a acreditar que alguém colocou seu nome para ser sorteado, desejando que o garoto saísse morto da competição. A relação mais óbvia que o leitor pode fazer é que Voldemort está arquitetando este plano a distância. Rony e Hermione tentam ajudar Harry a desvendar, mais uma vez, este enigma, mas as coisas aqui não são necessariamente tão pretas e brancas como nos livros anteriores. A história vai ganhando contornos narrativos mais cinzentos à medida que os personagens vão passando por experiências mais complicadas: não é possível saber mais em quem confiar, então grande parte dos personagens é candidata a ser vilões em potencial.

Comparado com os livros anteriores, *Goblet of Fire* possui um final bastante aberto. Voldemort saiu da clandestinidade, ganhou um corpo e nem Harry e nem Dumbledore podem prever quais serão seus movimentos futuros. Tudo o que o garoto sabe, até agora, é que o Ministério da Magia não acredita em sua palavra, pois ele foi o único a presenciar o retorno do Lorde das Trevas e isso não lhe dá perspectiva alguma de um futuro tranquilo.

Ao mesmo tempo em que *Goblet of Fire* mantém muito da estrutura narrativa detetivesca de seus pares anteriores, além dos episódios bastante engraçados e coloridos, ele também apresenta tons narrativos próprios, mais autorais se comparado aos três primeiros

¹⁶ “[*Prisoner of Azkaban*] ‘the best writing experience I ever had...I was in a very comfortable place writing (number) three. Immediate financial worries were over, and press attention wasn't yet by any means excessive’.” Disponível em <https://www.maria-online.us/books/article.php?lg=en&q=Harry_Potter_and_the_Prisoner_of_Azkaban>. Acesso: 03 mar. 2019.

volumes. Enquanto *The Philosopher's Stone*, *The Chamber of Secrets* e *The Prisoner of Azkaban* apenas sinalizavam a complexidade do mundo da magia, com suas regras e costumes próprios, a partir de *The Goblet of Fire* passamos a conhecer mais e mais as particularidades deste mundo. O mesmo vale para o desenvolvimento do personagem de Harry. Se antes o menino se valia de toda sua coragem e curiosidade para salvar seus amigos e familiares, a partir do quarto volume o enredo faz com que Harry olhe mais para suas próprias necessidades do que para as necessidades dos outros. Em muitos momentos, vemos o menino bruxo temer pela sua vida, se ver completamente sozinho e no escuro, não sabendo em quem acreditar. Por se mover entre estas duas esferas, que englobam tanto o plano narrativo que se dedica a investigar enigmas quanto o plano que foca em uma ambientação mais turva e em personagens multifacetados, é possível dizer que o quarto livro da série se mostra uma história de transição. Deste modo, *Goblet of Fire* integra, sozinho, o segundo bloco narrativo, ou Bloco 2.

A grande narrativa de *Harry Potter* encontra seu fecho nos três últimos volumes. Há uma visível mudança estrutural, que se configura tanto no tamanho dos livros (*Harry Potter and the Order of the Phoenix* possui 870 páginas em sua edição original, publicada no Reino Unido), quanto na escolha da paleta de cores para as capas¹⁷, que ganham tons monocromáticos se comparados aos quatro primeiros livros. Além disso, há uma mudança drástica na caracterização dos personagens. Em *Order of the Phoenix*, Harry dá adeus à inocência infantil e mostra um lado que os leitores não tinham visto até aqui: irritado, orgulhoso, vingativo, o Harry de quinze anos é desacreditado pela imprensa bruxa, é forçado a não receber notícias de seus melhores amigos, não recebe apoio direto de Dumbledore, é tachado de mentiroso pela Alta Inquisidora de Hogwarts e se encontra impotente no movimento anti-Voldemort, que está circulando livremente pela sociedade bruxa.

Além disso, tanto *Order of the Phoenix* quanto os livros subsequentes não terão um enigma tão claro a ser resolvido. As histórias dos três últimos volumes apresentam tantas subtramas, tantas bifurcações com tantos pequenos enredos, que é praticamente impossível

¹⁷ As capas dos sete volumes de *Harry Potter* que ficaram mundialmente conhecidas são as ilustradas por Mary GrandPré, para as edições americanas dos livros. Estas capas, em específico, foram importadas por várias editoras mundo afora, inclusive pela editora Rocco, que publica os livros no Brasil. As ilustrações para os quatro primeiros volumes resumem, em desenho, o enredo de cada história, além de serem extremamente coloridas e bastante próximas dos desenhos de livros infantis. A partir de *The Order of the Phoenix*, as capas ganham tons monocromáticos mais escuros, de modo a acompanhar a complexidade e a obscuridade dos novos enredos. As capas podem ser encontradas no anexo C.

mapearmos qual é a charada da vez. Hogwarts vai se tornando cada vez mais sombria, os maiores mentores de Harry são forçados a abandoná-lo, figuras das trevas vão ganhando mais força e o menino que sobreviveu acaba se tornando a pessoa eleita para derrotar Voldemort. No meio desta grande confusão, Rony e Hermione são o único porto seguro a quem Harry pode recorrer e serão eles quem irão seguir e auxiliar o garoto e aniquilar, de vez, Aquele-que-não-deve-ser-nomeado. *Order of the Phoenix*, *The Half-Blood Prince* e *The Deathly Hallows* integrarão, por fim, o último grande bloco narrativo de *Harry Potter*, a que chamarei de Bloco 3.

Separar a série em três blocos narrativos facilita e torna mais didática a análise que vamos fazer a respeito da construção dos personagens, do espaço narrativo e da narrativa em si. O todo temporal da série acontece, majoritariamente, em um espaço de sete anos. E esses sete anos serão responsáveis por gerar a força motriz do enredo da série, que é o de mostrar ao leitor um Harry que muda, que se molda e que amadurece conforme os anos vão se passando.

1.3 Crianças em formação: os personagens-chave de *Harry Potter*

É possível afirmar que a base do enredo de *Harry Potter* vem de dois pilares que são bastante firmes na narrativa da série: seus personagens, que dão significação a este enredo, e seu espaço, representado pelo velho castelo de Hogwarts. Embora a série carregue em seu título o nome de um único personagem, bem à moda do romance inglês de Richardson e Dickens, a história em si não é somente apenas sobre esse personagem. Claro, nós leitores acompanhamos o percurso de Harry frente à ameaça iminente de Voldemort, mas a grande questão que fica é: Harry, sozinho, conseguiria percorrer todo o caminho que percorreu sem o apoio de outros personagens?

A resposta pode ser encontrada em qualquer página da internet que se dedique a discutir os pormenores de *Harry Potter*: não, o garoto não teria chegado nem na metade do primeiro livro se ele não tivesse a ajuda de seus amigos, principalmente a ajuda de Hermione. Por conta disso, o enredo da série mostra que o percurso formativo do protagonista não é percorrido de forma solitária, de modo que ele conta com mais dois personagens-chave que ajudam a dar à história sua própria significação: Rony Weasley e Hermione Granger.

Em “A personagem do romance”, Candido afirma que “a personagem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.” (2014, p. 54) E como os personagens de *Harry Potter* provocam adesão afetiva¹⁸... Não apenas os personagens que integram o trio de amigos, mas principalmente eles. Nas várias discussões realizadas em um clube do livro que mediei¹⁹, um dos pontos que os participantes mais comentavam era a respeito das semelhanças e diferenças existentes entre eles próprios e Harry, Rony e Hermione. Não é possível desvincular o protagonista de seus dois melhores amigos, porque juntos eles formam um todo que é praticamente imbatível. Cheio de falhas, e, justamente por conta disso, imbatível.

De modo geral, cada um desses personagens é atrelado a características bem específicas na narrativa. Harry é o menino que sobreviveu, o escolhido para derrotar Voldemort e sua cicatriz está lá para mostrar que, dentre todos os outros, ele é quem é o escolhido para essa função. Rony é desleixado, pobre, e está em segundo plano, mas sempre ganha um protagonismo inesperado quando consegue confiar mais em si mesmo; Hermione é a bruxa mais inteligente de sua idade e julga que os livros apresentam a solução para os problemas em que eles se metem.

No mencionado texto de Antonio Candido, ele afirma que o autor do romance terá que dar ao personagem algum tipo de significação, de certo modo mais simplificada, se compararmos este com os seres humanos de carne e osso: “daí a necessária simplificação, que pode constituir uma escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza” (2014, p. 58). É justamente por conta dessa “necessária simplificação” que qualquer leitor de *Harry Potter* consegue relacionar esta imagem ao trio principal:

¹⁸ Discutiremos mais a respeito na Parte 2, quando formos analisar os dados de nossa pesquisa de campo.

¹⁹ Durante o ano de 2018, eu mediei, em parceria com Luiz Felipe Baute, um clube do livro sobre *Harry Potter* na Livraria da Vila. Nossos encontros eram mensais e abertos ao público, e tínhamos o objetivo de discutir como alguns gêneros da narrativa apareciam na obra, como a ideia da formação era apresentada na série e como o protagonista se desenvolvia enquanto personagem durante os sete anos da narrativa. Além disso, nosso maior objetivo era o de proporcionar um ambiente de troca e discussão, onde os leitores pudessem se sentir à vontade para expressar seus pontos de vista sobre a série.

A coroa representa Rony, cuja significação está atrelada ao bordão “Weasley is our king! ”, entoado pelos alunos de Gryffindor quando o garoto passa a participar do time de quadribol da casa; a lâmpada representa Hermione, o “crânio” do grupo e a cicatriz é (literalmente) a representação gráfica de Harry. A “necessária simplificação” mostra apenas um plano das facetas de Harry, Rony e Hermione. A amizade dos três e, consequentemente, suas evoluções enquanto personagens vão se tornando mais complexas à medida que eles vão crescendo e se conhecendo melhor.

Em um primeiro momento, Harry se aproxima de Rony porque a enorme família do garoto havia lhe explicado como entrar na plataforma 9 ½, que dá acesso ao Expresso de Hogwarts. O primeiro contato de um com o outro acaba nos mostrando as características centrais destes dois personagens: apesar de Harry ser extremamente famoso no mundo dos bruxos, ele não se dá conta desta fama e nem se deslumbra com ela. Por ter sido tratado com indiferença, rigidez e preconceito pelos seus tios trouxas, Harry não se acha nada especial. Rony, por ser o sexto de sete filhos, o que sempre ganha roupas, livros, varinha e até um animal de estimação de segunda mão, também não se acha importante. A verdade, porém, é que ambos acabam se tornando interessantes um para o outro por serem quem são: Harry é o Menino-Que-Sobreviveu, e Rony nasceu e cresceu em uma genuína família bruxa:

Harry pulled back his bangs to show the lightning scar. Ron satred.
“So that’s where You-Know-Who - ?”
“Yes”, said Harry, “but I can’t remember it.”
“Nothing?” said Ron eagerly.
“Well – I remember a lot of green light, but nothing else.”
“Wow”, said Ron. He sat and stared at Harry for a few moments, then, as though he had suddenly realized what he was doing, he looked quickly out of the window again.
“Are all your family wizards?” asked Harry, who found Ron just as interesting as Ron found him.

“Er – yes, I think so”, said Ron. “I think Mum’s got a second cousin who’s an accountant, but we never talk about him.”
“So you must know loads of magic already.”
The Weasleys were clearly one of those old wizarding families the pale boy in Diagon Alley had talked about.
“I heard you went to live with Muggles”, said Ron. “What are they like?”
“Horrible – well, not all of them. My aunt and my uncle and cousin are, though. Wish I’d had three wizard brothers.” (1997, p. 99)

Rony tem muita vergonha de ser pobre, de ter que dividir tudo com seus irmãos e irmã e de morar em uma casa não usual, mas Harry, que fora criado de forma bastante solitária, acha o máximo o fato do amigo ser rodeado de pessoas com quem ele possa dividir suas coisas. Rony, por sua vez, acha incrível o fato de ele ser amigo do famoso Harry Potter, já que o garoto conseguiu derrotar o Lorde das Trevas quando ainda era um bebê. O fato de ambos admirarem um ao outro, por razões totalmente diferentes, acaba se tornando o pilar que sustenta a amizade dos dois, e este pilar também vai sustentar a amizade que ambos construirão com Hermione.

Em um primeiro momento, os garotos não gostam nada do jeito de ser de Hermione. A garota é filha de trouxas e foi criada em um ambiente trouxa, mas, a partir do momento em que ela recebe sua carta de Hogwarts, estuda com afinco todo tipo de livro bruxo que cai em suas mãos, mostrando seu conhecimento aprofundado a respeito deste mundo, mesmo não tendo pertencido a ele desde seu nascimento:

Are you sure that’s a real spell?” said the girl. “Well, it’s not very good, is it? I’ve tried a few simple spells just for practice and it’s all worked for me. Nobody in my family’s magic at all, it was ever such a surprise when I got my letter, but I was ever so pleased, of course, I mean, it’s the very best school of witchcraft, I’ve heard – I’ve learned all our course books by heart, of course, I just hope it will be enough – I’m Hermione Granger, by the way, who are you?” She said all this very fast. Harry looked at Ron, and was relieved to see his stunned face that he hadn’t learned all the course books by heart either. (1997, pp. 105 – 106)

Hermione parece ter uma predisposição natural para liderar: por estudar muito e por conhecer várias coisas, ela normalmente toma a frente nas mais variadas situações, principalmente quando a situação envolve a resolução de um mistério, ação que exige várias visitas à biblioteca e perícia em magia. Ela também não tem vergonha de ser quem é, pois raramente se afugenta quando seus amigos tiram sarro de sua cara por fazer perguntas demais, por estudar demais, por cobrar demais dos outros. Trocando em miúdos, Hermione é bastante autêntica e fiel a si mesma, mas isso não significa que a garota não tenha seus momentos de insegurança.

Um desses momentos, que passa a ser a marca do início da amizade dos três, é quando ela se esconde no banheiro feminino para chorar e acaba sendo atacada por um trasgo montanhês²⁰. Rony a havia magoado anteriormente, afirmando que a garota era um “pesadelo” por sempre achar que deveria ensiná-lo a realizar magia,²¹ mas ele se arrepende de seus dizeres ao ver que ela sumira na mesma hora em que o trasgo adentrara o castelo para atacar os alunos. Os garotos, então, a encontram e os três, juntos, conseguem lutar contra o monstro, usando suas melhores habilidades dentro do pouco conhecimento mágico que possuíam. A cumplicidade do momento, o trabalho em equipe e a sinceridade que percorreu as ações dos três os transformaram em amigos inseparáveis: “(...) from that moment on, Hermione Granger became their friend. There are somethings you can’t share without ending up liking each other, and knocking out a twelve-foot mountain troll is one of them.” (1997, p. 179)

Esse episódio do trasgo é bastante significativo porque cada uma das três crianças revela as características que lhes são mais primordiais, e que, de certa forma, nortearão seus arcos narrativos até o fim da história: o instinto de Harry pede para que ele encontre Hermione e tente salvá-la; Rony, arrependido de sua grosseria, vai se valer do primeiro feitiço que possui na manga²² para salvar os três da situação em que se encontravam e Hermione, como a voz da consciência para os garotos, ensina-lhes feitiços até nessa situação arriscada.

Harry Potter, além de ser guiado por seus instintos, tem inclinação natural para salvar os outros. No primeiro bloco narrativo, essa característica heroica do garoto é bastante salientada, tornando-se praticamente a sua marca registrada. Ora ele está tentando salvar sua escola, ora ele está tentando salvar seus amigos de uma ameaça comum: o retorno de Voldemort. Neste sentido, Harry não é um personagem que evolui muito nos três primeiros

²⁰ O trasgo montanhês é uma das criaturas que pertencem exclusivamente ao mundo escrito por J.K. Rowling. De acordo com o bestário *Fantastic Beasts and Where to Find Them*, esta raça de trasgos é maior e mais violenta do que um trasgo comum. Durante a festa de Dia das Bruxas, um trasgo montanhês entra na escola e quase ataca Hermione, que é salva a tempo por Harry e por Rony.

²¹ “ ‘It’s no wonder no one can stand her’, he said to Harry as they pushed their way into the crowded corridor, ‘she’s a nightmare, honestly’. Someone knocked into Harry as they hurried past him. It was Hermione. Harry caught a glimpse of her face – and was startled to see she was in tears.” (1997, p. 172)

²² Neste primeiro volume de *Harry Potter* o narrador nos deixa bastante claro que Rony não possui tanta habilidade em magia quanto Hermione. Um dos episódios que mostra essa questão é aquele onde Rony não consegue conduzir o feitiço de levitação, *Wingardium Leviosa*, sendo duramente criticado por Hermione. Quando os garotos partem para resgatá-la, Rony usa justamente este feitiço para fazer com que a arma do trasgo montanhês levite e caia sobre sua cabeça.

livros, tendo em vista que “salvar os outros” acaba sendo o mínimo que nós, leitores, esperamos dele.

Por conta disso, em *The Sorcerer’s Stone*, *The Chamber of Secrets* e *The Prisoner of Azkaban*, Harry muito se assemelha aos heróis de narrativas épicas e romanescas, cujas ações são muito mais pautadas em suas habilidades inatas, como a coragem, a força e a bravura do que, necessariamente, em habilidades que são adquiridas ao longo do tempo e conforme o personagem vai ganhando experiência.

Em seus estudos sobre a novela romanesca, Northrop Frye (1976) ressalta temas que são recorrentes neste tipo de narrativa, onde o herói aparenta ser um homem comum, mas na verdade ele sempre irá apresentar características extraordinárias frente às características dos homens ordinários²³. Para todos os efeitos, Harry, de certa forma, é este herói. O garoto possui habilidades que, no mundo dos trouxas, ao qual ele acreditava pertencer, são totalmente não usuais; Harry é alguém extraordinário vivendo dentro do mais ordinário dos mundos.

Frye também fala a respeito das narrativas descendentes e das narrativas ascendentes. No primeiro tipo, o herói se vê compelido a descer de sua zona de ação para “um degrau mais baixo”: histórias deste tipo narram a ação do protagonista em espaços que representam o submundo. Nas narrativas ascendentes, os homens comuns se revelam heróis porque eles passam por uma série de episódios que mostram sua ascensão a este patamar. Um dos motes que mostram esta subida de degrau é justamente a recuperação da memória:

The theme of restoring the memory is, naturally, often an element of recognition scene itself, as the action then normally returns to the beginning of the story and interprets it more truly than the previous account has done. The favourite device employed is what I call a talisman of recognition, some emblem or object, a birthmark on the body, tokens put beside an exposed infant, and the like, which symbolizes the original identity. (FRYE, 1976, p. 145)

Harry Potter se mostra como uma narrativa que é, dentre muitas coisas, uma história sobre autodescoberta e identidade. Harry carrega uma marca de nascença que o liga a seu passado e que mostra sua singularidade dentro do mundinho ordinário dos trouxas: sua cicatriz. Hagrid é o primeiro, mas não o último, a ajudar o garoto a conhecer e entender seu

²³ “A hero may appear to be of low social origin, but if he is a real hero he is likely to be revealed at the end of the story as belonging to the gentry.” (1976, p. 161)

passado, bem como a aceitar sua identidade e sua capacidade de ação dentro do mundo da magia.

Harry não acredita ser um bruxo poderoso. Ainda que seu desejo mais profundo fosse o de se ver livre dos Dursley e da vida infeliz que eles lhe proporcionavam, o primeiro impulso do garoto foi o de negar toda a informação que Hagrid deu a ele:

Hagrid looked at Harry with warmth and respect blazing in his eyes, but Harry, instead of feeling pleased and proud, felt quite sure that there had been a horrible mistake. A wizard? Him? How could he possibly be? He'd spent his life being clouted by Dudley, and bullied by Aunt Petunia and Uncle Vernon; if he was really a wizard, why hadn't they been turned into warty toads every time they'd tried to lock him in his cupboard? If he'd once defeated the greatest sorcerer in the world, how come Dudley had always been able to kick him around like a football? (1997, p. 57)

Os questionamentos de Harry acerca de seu potencial enquanto bruxo são totalmente fundados em sua opinião a respeito de si mesmo: se ele era realmente um bruxo importante, a ponto de ter combatido Lord Voldemort do alto de seu um ano de idade, como ele nunca pôde afugentar seu primo brigão ou seus tios detestáveis? Isso parece lhe demonstrar que ele não é o herói que todo mundo diz que ele é.

Acontece que, mesmo dentro de seu mundo, que é extraordinário aos olhos dos trouxas, Harry possui características bastante excepcionais: com sua pouca idade, ele é extremamente curioso e corajoso, e não tem medo de se colocar à prova em situações arriscadas se for para fazer o que é certo. E fazer o certo, para Harry Potter, normalmente tem a ver com salvar as pessoas de um mal comum: Voldemort. É interessante notarmos que tais características “vieram de casa” com Harry; elas não foram adquiridas com aprendizado ou experiência, Harry é *naturalmente* corajoso e leal aos amigos.

É por isso que talvez haja um estranhamento quando o primeiro bloco narrativo se encerra para o segundo entrar: o Harry dos três primeiros livros é justo, bondoso e praticamente servil. *The Goblet of Fire* mostra um personagem que ainda possui essas características, mas já nos revela que Harry não é “só” isso. O Harry do quarto livro tem que lutar para salvar a *própria* vida, mais do que tentar ganhar o dia salvando os outros. Submetido a uma série de provas físicas que exigem um grande conhecimento de técnicas de

magia²⁴ que ele ainda não possui, Harry deve lutar para sobreviver a um Torneio que é destinado a bruxos muito mais experientes do que ele.

Além disso, ele presencia o retorno de Voldemort ao mundo dos bruxos e testemunha o assassinato de Cedric Diggory, um aluno de Hogwarts, a sangue frio. Harry sempre temeu seu arqui-inimigo, mas dessa vez entramos em contato com um personagem extremamente amedrontado e traumatizado, nos mostrando que não é possível ser cem por cento corajoso dentro de um mundo que está sendo realmente ameaçado pelo maior bruxo das trevas de todos os tempos. A dor de ter presenciado a morte do colega de escola junto da ameaça latente de Voldemort levarão Harry – e nós, leitores – a entrar em contato com uma faceta do personagem que não tem absolutamente nada a ver com aquelas dos heróis que não possuem falhas, nem medo e nem crise moral:

A kind of numbness and a sense of complete unreality were upon him, but he did not care; he was even glad of it. He didn't want to think about anything that happened since he first touched the Triwizard Cup. He didn't want to examine the memories, fresh and sharp as photographs, which kept fleshing across his mind. Mad-Eye Moody, inside the truck. Wormtail, slumped on the ground, cradling his stump of an arm. Voldemort, rising from the steaming cauldron. Cedric...dead...Cedric, asked to be returned to his parents. (2000, p. 447)

O quarto livro se encerra com uma frase bastante significativa, enunciada por Dumbledore: “Remember, if the time should come when you have to choose between what is right and what is easy, remember what happened to a boy who was good, and kind, and brave, because he strayed across Lord Voldemort.” (2000, p. 724). Fazer o certo, de agora em diante, não implica apenas em tentar derrotar a ameaça latente de Voldemort, mas também em lutar contra um sistema que desacredita a palavra de crianças, adolescentes e idosos frente a uma aparente ordem social.

É por isso que o Harry do terceiro bloco narrativo, principalmente o de *Order of the Phoenix* causa ainda mais estranhamento aos leitores que esperavam um personagem bondoso, acima de qualquer outra coisa.²⁵ O garoto começa a narrativa emburrado e nervoso,

²⁴ As provas do Torneio Tribruxo fazem eco aos Doze Trabalhos de Hércules, um grande herói da narrativa épica clássica.

²⁵ Em *Harry e seus fãs*, Melissa Anelli, ao registrar suas primeiras impressões sobre *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, afirma: “- Que diabo está acontecendo neste livro? Isso não é *Harry Potter*. Quero dizer, é *Harry Potter*, mas não é *Harry Potter*. É tão diferente! A porta estalou e se abriu atrás de mim, e Meg e Kathleen apareceram. Ambas pareciam tão perplexas quanto eu me sentia. Até aquele momento, Harry tinha se transformado em um cretino resmungão e tinha tratado mal todo mundo que um dia fora bom pra ele. Mais nada era mágico e feliz e encantador. Harry era arrogante, orgulhoso e petulante, e ficava o tempo todo fazendo e dizendo coisas antes de pensar, e de maneira geral havia se tornado uma pessoa com quem eu não

porque não recebe há muito tempo notícias do mundo mágico pós retorno de Voldemort, além de receber cartas esquivas de Rony, Hermione e de Sirius. Além disso, como Hogwarts está sendo diretamente monitorada pelo Ministério da Magia, a fama de que Harry Potter é um mentiroso se espalha aos quatro cantos, já que o Ministério achou conveniente não divulgar o retorno de Voldemort na imprensa e nem em lugar algum.

Como resultado de todas essas injustiças, vemos um Harry com raiva de tudo e de todos porque ninguém lhe dá crédito o suficiente ou confia o suficiente em sua palavra. Ele age com indiferença, tem episódios de raiva e angústia e se sente impotente, porque não recebe apoio nem de seu maior mentor, que é Dumbledore. Nos blocos narrativos anteriores, o garoto pensava mais antes de agir, o que não é o caso deste livro. Como resultado dessas atitudes precipitadas, ele acaba perdendo seu padrinho. O garoto, em um surto de raiva, afirma a Dumbledore que ele não aguenta mais segurar o fardo de ter passado por tanta coisa²⁶, de sempre ter que perder alguém querido, de sempre ter que sentir tanta dor. É curioso vermos que talvez esse seja um dos primeiros momentos em que testemunhamos a vulnerabilidade do personagem, dando a ele contornos de humanidade mais claros e delineados do que nos volumes anteriores. Vemos, neste caso, que Harry é um herói, mas um herói com tantas falhas quanto qualquer um de nós.

Este terceiro bloco narrativo acaba por explorar ainda mais a humanidade do personagem, que faz escolhas acertadas e erradas na mesma medida, e tem que lidar com as consequências desses acertos e erros. Ao sair em missão, em *The Deathly Hallows*, para caçar e destruir os pedaços de alma que Voldemort espalhou por aí em busca de alcançar sua imortalidade, encontramos vários momentos de frustração²⁷, onde o garoto se vê no escuro sem o conselho daqueles que normalmente o ajudavam, como Dumbledore, tendo que lidar, também, com a frustração de seus amigos por ele não ser o líder que eles esperavam.

tinha grande interesse em passar mais oitocentas páginas. Enquanto isso parecia que dementadores tinham sugado toda a felicidade do livro.” (2008, pp. 185 – 186)

²⁶ “ ‘I DON’T CARE!’ Harry yelled at them, snatching up a lunascope and throwing it into the fireplace. ‘I’VE HAD ENOUGH, I’VE SEEN ENOUGH, I WANT IT OUT, I WANT IT TO END, I DON’T CARE ANYMORE – ’” (2003, p. 824).

²⁷ “He could not hide it from itself: Ron had been right. Dumbledore had left him with virtually nothing. They had discovered one Horcrux, but they had no means of destroying it: the others were as unattainable as they had ever been. Hopelessness threatened to engulf him. He was staggered now to think of his own presumption in accepting his friends’ offers to accompany him on this meandering, pointless journey, He knew nothing, he had no ideas, and he was constantly, painfully on the alert that Hermione too was about to tell him that she had enough, that she was leaving.” (2007, pp. 313 – 314)

No fim das contas, vemos que o personagem Harry foi construído em camadas que ficam mais complexas à medida que ele e sua história vão crescendo. Se ao Harry do primeiro bloco narrativo cabem características que o aproximam do herói clássico, como a coragem, a lealdade e a bravura que fazem dele o Eleito para derrotar Voldemort, o Harry mais maduro aprende a lidar com questões que estão diretamente relacionadas à nossa humanidade, como o fato de sentirmos amor, dor, de termos que lidar com perdas, de termos que superar a angústia de determinados momentos e de termos que confiar basicamente em nós mesmos, fazendo dele o personagem mais complexo de toda a saga. Temos acesso direto a essa complexidade porque o narrador de *Harry Potter* é onisciente seletivo, ou seja, ainda que a obra seja narrada em terceira pessoa, nós temos acesso principalmente aos pensamentos e sentimentos do próprio protagonista, além de conseguirmos ver através de seus olhos alguns dos acontecimentos.

Por termos a possibilidade de acompanhar os passos de Harry dentro da história, acabamos não acompanhando tanto o crescimento dos arcos narrativos de Rony e Hermione da mesma forma que acompanhamos o do protagonista. Isso não significa, no entanto, que esses personagens não cresçam para além de suas representações mais típicas que são circunscritas no primeiro bloco narrativo da série.

Rony sempre viverá à mercê de sua imagem de “personagem secundário”. Conforme já discutimos, o garoto tem como principal característica o fato de ser sempre deixado de lado e isso é um assunto que o acompanha desde o início da narrativa²⁸, ganhando novos contornos conforme os anos vão se passando. Por exemplo, ele sofre *bullying* nas mãos de Draco Malfoy, que não perde uma oportunidade de dizer como sua família é pobre em relação à dele e de como ele sempre viverá à sombra da fama de Harry.

Rony está na posição de melhor amigo de Harry Potter, que, além de ter derrotado Voldemort, é um exímio jogador de quadribol e possui uma conta bancária bastante recheada, que ele herdou de seus pais. Embora Rony não sofra diariamente com essas questões, em alguns momentos elas ficam bastante claras para nós, leitores, principalmente em *The Goblet*

²⁸ “I’m the sixth in our Family to go to Hogwarts. You could say I’ve got a lot to live up to. Bill and Charlie have already left – Bill was head boy and Charlie was captain of Quidditch. Now Percy’s a prefect. Fred and George mess around a lot, but they still get really good marks and everyone thinks they’re really funny. Everyone expects me to do as well as the others, but if I do, it’s no big deal, because they did it first. You never get anything new, either, with five brothers. I’ve got Bill’s old robes, Charlie’s old wand and Percy’s old rat.” (1997, pp. 99 – 100)

of Fire, onde Rony acha que Harry se candidatou ao Torneio Tribruxo para receber mais atenção do que recebe e para ter mais dinheiro do que ele já tem²⁹.

Acontece que Rony sente tudo isso devido a uma tremenda falta de confiança em si mesmo. Quando ganha notoriedade como jogador de quadribol e quando é nomeado monitor da casa de Gryffindor, ele passa a se sentir tão importante quanto ele imagina que Harry seja. De Rony, ainda conhecemos melhor o funcionamento de sua incrível família, que é gerida pelos adoráveis Arthur e Molly Weasley. Os pais do garoto possuem filhos extremamente diferentes uns dos outros, e essas particularidades são, em certa medida, respeitadas. Conhecemos muito da família de Rony porque Harry geralmente passa parte de suas férias de verão com ele, e, mais uma vez, somos guiados pelo olhar do garoto a respeito de suas vivências e impressões.

No que se refere à Hermione, não temos muitas informações e dados que mostram o *background* da personagem. Como mencionamos anteriormente, ela tem um pendor natural para liderar justamente por ser muito estudiosa e entender de vários assuntos, tanto do mundo trouxa quanto do mundo bruxo. Sabemos que seus pais são dentistas e que ela sofre muito preconceito por ser uma bruxa nascida trouxa, principalmente da parte de bruxos puro sangue.

Todo esse preconceito faz com que a garota advogue por várias causas dentro da narrativa. Uma delas, e a mais importante, é o Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos, onde ela tenta convencer seus colegas de escola a tratarem os elfos domésticos³⁰ como seus iguais. Além disso, ela deu a Harry a ideia de eles montarem uma frente de resistência à política do Ministério da Magia dentro de Hogwarts, a famosa Armada de Dumbledore.

Se a Rony falta autoconfiança, para Hermione isto não parece ser um problema. Mesmo sofrendo preconceito por sua ascendência e mesmo sendo recriminada por sempre levantar a mão para responder uma pergunta, Hermione permanece cem por cento fiel aos

²⁹ "If you don't want everyone else to know, fine, but I don't know why you're bothering to lie, you didn't get into trouble for it, did you? That friend of the Fat Lady's, that Violet, she's already told us all Dumbledore's lettering you enter. A thousand Galleons prize money, eh? And you don't have to do end-of-year tests either..." (2000, p. 287)

³⁰ Os elfos, no mundo criado por J.K. Rowling, trabalham nas casas de bruxos ricos e poderosos. Eles têm uma predisposição natural à servidão, não podendo nunca se opor aos desejos de seus mestres. Caso eles se oponham, são obrigados a se sacrificarem para se lembrarem que eles devem ser fiéis aos seus donos. Caso um elfo desobedeça muito às ordens de seu mestre, a ele é dada uma peça de roupa, como sinal de libertação – mas isso é uma das maiores ofensas que um elfo doméstico pode receber na vida. Hermione se mostra veementemente contra esse regime trabalhista, que ela considera um regime escravo.

seus princípios: ela faz o que considera certo para ela e para a sociedade em que vive, mesmo que ela tenha que arcar com comentários maldosos e perseguição.

Rony e Hermione, juntos, funcionam como uma balança para Harry. Rony é um garoto levado totalmente por suas emoções: por não saber lidar muito bem com elas, às vezes comete grosserias e injustiças, mas nunca tem medo de admitir seus erros e tentar novamente. Prova disso é o episódio de *The Deathly Hallows* em que o garoto decide abandonar os dois amigos em sua missão de caçar as horcruxes; graças ao seu arrependimento, ele teve coragem de voltar para Harry e Hermione e lhes pedir perdão. Na parte da balança que concerne ao Rony, ele fica com as emoções.

Hermione, por sua vez, é extremamente racional. Ela é uma espécie de “Grilo Falante” para Harry, sua voz da consciência: além de ajudá-lo em suas missões e em suas lições de escola, ela dá o alerta de racionalidade aos pensamentos impulsivos do garoto. Ela estimula atitude quando é necessário, mas também o refreia quando é preciso. Hermione fica com a parte racional da balança.

Por conta disso, seria injusto dizer que Harry constrói sua jornada de amadurecimento e desenvolvimento sozinho... Se não fosse por seus amigos e suas respectivas representações, o garoto talvez não tivesse sido tão bem-sucedido no processo. Rony dá a Harry tudo aquilo que ele não tinha: uma família. Nesse sentido, Rony é a normalidade necessária dentro da economia da história; os Weasley dão a Harry o amor, a amizade e o acolhimento que o garoto jamais encontrara com os Dursley.

Hermione, por sua vez, é praticamente a equipe tática de Harry. Sem ela, o garoto não teria aprendido milhares de feitiços que são necessários para sobreviver, não teria desvendado milhares de pistas para os mistérios em que se enfia, não teria conseguido fazer metade das coisas que fez. É por conta disso que o amadurecimento de Harry não é solitário, e isso fica claro em vários momentos da narrativa. Dessa forma, os personagens do trio deixam de ser apenas representações de indivíduos-solo para se tornarem, os três, a representação de uma unidade bastante intrincada em si mesma. Cada um dos três personagens foi construído para complementar um ao outro, cada qual à sua maneira, tornando-se, juntos, um só.

1.4 Um espaço narrativo singular: a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts

Talvez o maior símbolo que representa o mundo mágico criado por J.K. Rowling seja a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Muitas partes da narrativa são dedicadas a descrever os pormenores do imenso castelo, que guarda em si os mais variados segredos e mistérios. Nosso encantamento pela escola acompanha o encantamento de Harry por ela, sendo este o primeiro lugar no qual o menino se sentiu verdadeiramente em casa.

O universo de *Harry Potter* traz consigo as mais variadas representações físicas da magia, seja em forma de varinhas, seja em forma de vassouras. Mas Hogwarts é o lugar onde a magia realmente toma forma: com seu teto encantado, que imita o céu, suas escadas que se movem de um lugar para outro e seus quadros que se mexem, a escola dá vida ao mundo maravilhoso em que Harry e seus amigos vivem:

Harry never imagined such a strange and splendid place. It was lit by thousands and thousands of candles that were floating in midair over four long tables, where the rest of the students were sitting. These tables were laid with glittering golden plates and goblets. At the top of the hall was another table where the teachers were sitting (...). (1997, p. 92)

Harry descobre muito a respeito de si mesmo e de sua família nos corredores da escola, tendo em vista que seus pais também a frequentaram e também foram ensinados pelos mesmos professores. O garoto vê que seu talento natural para o quadribol, por exemplo, é herdado de seu pai, que foi um jogador tão bom a ponto de possuir honrarias distribuídas nos quadros do castelo. É em Hogwarts que Harry descobre que é ofidioglota³¹, por conseguir ouvir o basilisco que estava atacando os nascidos trouxas. É em Hogwarts que Harry descobre as motivações de Voldemort para matá-lo e é em Hogwarts que o garoto conseguirá, por fim, destruir seu inimigo.

Dumbledore, em *Harry Potter and the Chamber of Secrets* afirma que “help will always be given at Hogwarts to those who ask for it” (1998, p. 169), trazendo o cerne da existência de Hogwarts: mais do que servir de cenário para a magia acontecer, a escola dá vida a ela e literalmente age a favor daqueles que necessitam de ajuda, interferindo nos acontecimentos, como um *deus ex machina*. Harry consegue livrar a escola dos ataques do basilisco graças à ajuda de uma fênix, aparentemente fornecida pela escola; ele e seus amigos

³¹ No mundo criado por J.K. Rowling, ofidioglota é uma pessoa capaz de falar a língua das cobras. Voldemort, na tentativa frustrada de assassinar Harry, transferiu esse dom ao garoto, que não gosta de possuí-lo por ele estar ligado às características dos bruxos das trevas. O termo em inglês é *parselmouth/parseltongue*.

conseguem encontrar um lugar seguro para terem aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas porque a escola lhes mostrou os benefícios da Sala Precisa³²; durante os ataques de Voldemort e seus seguidores, a própria escola montou guarda para se defender, servindo de refúgio para aqueles que queriam derrotar o vilão.

O mais interessante de Hogwarts, no entanto, é que ela não serve de espaço narrativo somente para a história de Harry Potter, mas também para a história de outros personagens que são essenciais para os desdobramentos do enredo que envolve o garoto. A escola foi cenário para a história dos pais de Harry, para a história de Severus Snape, para a história de Voldemort e, posteriormente, servirá de cenário para as histórias dos filhos de Harry³³. A Hogwarts de Harry, na linha temporal que nos é narrada, acaba sendo a Hogwarts com que o leitor mais tem contato, e as leis mágicas a que a escola está circunscrita neste momento da narrativa acabam sendo tomadas como padrão.

Em outras palavras, a escola estava lá antes de Harry Potter e vai continuar presente depois dele; ela traz consigo histórias que não envolvem diretamente o garoto, mas que possuem significação o suficiente para ele realizar suas ações no âmbito do *agora* da narrativa. E é bastante simbólico o fato de uma *escola* ser o espaço em que a magia se consolida, tendo em vista que este ambiente é tido como um local universal de formação. É neste espaço que Harry aprende feitiços, a fazer poções e a duelar, é, portanto, neste espaço que ele se forma enquanto bruxo. E é também, neste espaço, que o garoto amadurece enquanto indivíduo, onde ele passa de garotinho inocente deslumbrado com a magia e amedrontado com seu destino a jovem adulto consciente de seu fardo e de sua importância para a salvação do mundo bruxo.

Neste sentido, seguindo as proposições de Brandão acerca das formas de abordagem do espaço em *Teorias do Espaço Literário* (2013), em que enumera as formas de representação deste elemento nos textos literários, Hogwarts atua na narrativa de *Harry Potter* entre duas esferas de representação: primeiramente, ela condiz com o conceito de cenário,

³² A Sala Precisa é um cômodo em Hogwarts que se transforma no ambiente que a pessoa necessitar no momento. Harry, por exemplo, precisava de um lugar equipado com ferramentas que lhe permitisse ensinar feitiços defensivos em *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, e a sala lhe forneceu isso. Em *Harry Potter and the Deathly Hallows*, os alunos que formavam a resistência contra o movimento de Lord Voldemort precisavam de um espaço seguro para se esconderem, e a sala serviu de refúgio.

³³ Fora da narrativa da série *Harry Potter*, Hogwarts ainda servirá de cenário para a peça teatral *Harry Potter and the Cursed Child* e para os filmes da franquia *Animais Fantásticos*, que mostram a época de juventude de Dumbledore.

tendo em vista que serve de palco para grande parte das ações da série e para as articulações entre os personagens. Apesar de ser um cenário próprio ao maravilhoso³⁴, Hogwarts é uma escola. E a escola é um espaço que fez ou faz parte da realidade dos leitores da série, já que a instituição existe no mundo real.

Em segundo lugar, Hogwarts pode ser vista como espaço psicológico, porque o narrador abarca todas as projeções que são feitas envolvendo o todo da escola³⁵. Exemplo disso é o fato de o narrador sempre mostrar ao leitor como o protagonista encara esse espaço narrativo: por vários motivos, Hogwarts é o *lar* de Harry e reflete, em si, grande parte das vivências do garoto.

Em certa medida, Hogwarts não é apenas o espaço da narrativa, mas também passa a ser um personagem central para os acontecimentos da saga. É como se o castelo tivesse uma aura muito particular, com seus corredores que escondem inúmeros segredos, sua floresta que abriga milhares de criaturas, suas masmorras que guardam monstros. A escola parece passar a ser a representação física de seus quatro falecidos fundadores: Godric Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin, que buscaram fundir, em um só lugar, bruxos com as mais diversas características e personalidades.

Portanto, além da escola ceder espaço para que esses alunos tão diferentes entre si convivam em uma relativa harmonia, ela também fornece respaldo para que os alunos consigam aprimorar suas personalidades a partir de suas características em comum. Para os alunos de Slytherin, a escola oferece suas masmorras subaquáticas; para os alunos de Gryffindor, ela oferece todo o conforto de uma de suas torres mais pomposas. Para os alunos de Hufflepuff, a escola providencia um espaço de trabalho colaborativo, representado pelas estufas do jardim. Para os de Ravenclaw, por sua vez, o castelo os instiga a saber mais e usar mais seus intelectos, sempre através da resolução de uma charada.

³⁴ Conforme a conceituação de Todorov (2014).

³⁵ Sobre a representação dos espaços como cenário e como espaço psicológico, Brandão nos diz: “no *Dicionário de Termos da Narrativa*, lê-se que a representação do espaço é ‘questão dominante numa reflexão de índole narratológica’. Nesse tipo de abordagem, com frequência nem se chega a indagar o que é espaço, pois ele é dado como categoria existente no universo extratextual. Isso ocorre sobretudo nas tendências naturalizantes, as quais atribuem ao espaço características físicas, concretas. Aqui se entende espaço como ‘cenário’, ou seja, lugares de pertencimento ou trânsito dos sujeitos ficcionais, recurso de contextualização da ação. (...) Já o ‘espaço psicológico’ abarca as ‘atmosfera’, isto é, projeções, sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhas variadas de abordagem da subjetividade (...).” (2013, pp. 58 – 59)

É essencial que *Harry Potter* tenha Hogwarts como espaço para as ações de sua narrativa, por inúmeros motivos. Por mais que a escola esteja muito longe das nossas escolas da “vida real”, ela continua sendo um lugar de surgimento e resolução de conflitos, de formação, de vivências. E é extremamente significativo que um personagem como Harry esteja inserido dentro deste ambiente, tendo em vista que sua história, no limite, se assemelha bastante com as histórias da tradição do romance de formação.

1.5 Por uma possibilidade interpretativa em *Harry Potter*: o romance de formação

Alguns estudiosos das mais diferentes áreas do conhecimento³⁶ já se perguntaram o porquê de *Harry Potter* ser um fenômeno literário e de cultura pop que consegue dialogar com crianças e adultos na mesma proporção. Alguns desses autores se voltam para a construção do texto em si, apontando como *Harry Potter* poderia (ou não) ser alocado dentro dos mais diversos gêneros textuais trabalhados na literatura. Em todas essas análises, há um aparente consenso: a série escrita por J.K. Rowling tem pés bem fincados no terreno da literatura maravilhosa, conforme os preceitos elaborados por Todorov em seu texto basilar *Introdução à Literatura Fantástica* (2014). Hogwarts e todas as particularidades pertencentes ao mundo bruxo não causam estranhamento ao leitor, muito pelo contrário; a ideia de que cuidar de um dragão é tão natural no universo de *Harry Potter* quanto beber água é natural em

³⁶ O professor Christopher Bell, vinculado à Universidade do Colorado, analisa *Harry Potter* a partir da perspectiva dos estudos de gênero, raça e classe social. Em *Hermione Granger saves the world* (2012), livro organizado por ele, existem vários trabalhos que se voltam à perspectiva de se entender Hermione como uma personagem feminista. Já em *Wizards vs. Muggles: essays on identity and the Harry Potter universe* (2016), também editado por ele, alguns pesquisadores foram convidados a discutir as representações do racismo, da masculinidade tóxica e do preconceito contra portadores de HIV presentes na série. Outra estudiosa que se dedicou a estudar os temas suscitados em *Harry Potter* foi Shira Wolosky. Em *The Riddles of Harry Potter* (2010), apresenta algumas interpretações que podem ser feitas à luz do texto de *Harry Potter* e afirma que a narrativa da série é construída sob uma base infinita de enigmas, charadas e caminhos analíticos. Segundo a autora, o que molda as interpretações que fazemos de obras literárias é o modo como trabalhamos nosso olhar frente às experiências que vivenciamos: “In many ways, the Potter books are classically patterned as quests, but in the broadest sense, what Harry and those around him pursue are secrets and riddles. In this sense, the “quest” is the act of interpretation itself. What the books also show is that such interpretation is never-ending, since the world we live in is one of inexhaustible meanings. Our interpretations can always be altered, as we encounter experiences we never suspected were even possible. This wonder of ever new interpretation that leads to great understanding of ourselves, others and the world we live in is the greatest power of literature, and the ultimate magic of *Harry Potter*.” (2010, p. 15)

nosso próprio universo faz com que não duvidemos em nenhum minuto de que tudo aquilo que nos é narrado funcione muito bem dentro dos limites da narrativa.

Outros estudiosos voltam seus olhares para os temas concretos que emergem da obra, sob os mais variados vieses. A filósofa Isabelle Smadja, no livro *Harry Potter: As Razões do Sucesso* (2001), busca analisar a fórmula narrativa criada por Rowling em uma tentativa de desvendar, como o título claramente sugere, as razões do sucesso da série. Para a sua análise, a autora interpreta a série de acordo com os mitos e contos de fadas, com os estudos de psicanálise e com as funções pedagógicas que se apresentam na narrativa.

Como *Harry Potter* é uma série concebida para crianças e adolescentes, não é difícil relacionar esses três pontos analíticos de Smadja àqueles que sempre são mencionados em análises de obras infanto-juvenis: por possuírem um fundo moral, essas narrativas sempre terão uma função pedagógica e sempre irão trabalhar com os mecanismos do inconsciente do leitor. Contudo, Smadja faz uma observação que nos parece ser bastante interessante e digna de nota:

É preciso dizer de saída que as aventuras de Harry Potter constituem-se na forma de um paradoxo. Em primeiro lugar, paradoxo de um livro que, embora povoado de seres fantásticos que se valem de sortilégios, de magia e de vassouras voadoras, é de uma racionalidade e de uma lógica que, pelo menos por enquanto, não parecem falhar. (2001, p. 7)

É interessante pensar a estrutura de *Harry Potter* a partir deste paradoxo mencionado por Smadja, onde as aventuras, criaturas e espaços maravilhosos do universo de *Harry Potter* se fundem às experiências reais que todo ser humano já pode ter passado, como o medo, as alegrias do primeiro amor, as relações que construímos com as pessoas com quem convivemos na escola, a dor de perder um ente querido, dentre outros. Neste sentido, Julia Eccleshare, no *Guide to the Harry Potter novels* (2002), discute como Hogwarts, apesar de ser um espaço maravilhoso, está extremamente próximo da realidade escolar dos jovens leitores da série, fomentando o ponto de vista sobre a narrativa paradoxal da série: “The enclosed world of the school creates a perfect miniature universe with rules, hierarchies, goodies and badies – all removed from the intervention of outside. Hogwarts is a perfect example of such an institution and is taken to its greatest example.” (2002, p. 49)

É a partir deste paradoxo, que envolve a ambientação maravilhosa da série e personagens e um espaço extremamente realista, que propomos mais uma possibilidade interpretativa para *Harry Potter*: a de analisar como estruturas narrativas bastante tradicionais

se fazem presentes na construção da obra em si e como estas estruturas poderiam, no limite, refletir experiências que geram identificação dos leitores para com a obra lida. Por conta disso, vamos retomar alguns pontos da análise feita sobre a construção dos personagens e da construção do espaço para mostrar como uma estrutura narrativa bastante tradicional está presente na série: o romance de formação.

Em *The Way of The World* (1987), Franco Moretti fala a respeito das diversas roupagens que o *Bildungsroman* teve na Europa ao longo dos séculos XVIII e XIX. O romance prototípico desta forma é *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, publicado em 1795, que retrata o percurso de amadurecimento e desenvolvimento espiritual, social, psicológico e político do jovem que dá título ao livro. Moretti passa pelo trabalho de Goethe, mas não fala apenas dele. O autor aponta as diferenças existentes entre os romances publicados na Alemanha, na França, e, sobretudo, na Inglaterra. Para o caso de *Harry Potter*, interessa-nos especialmente a revisão que Moretti fez do último país.

Via de regra, o romance de formação irá retratar o período de amadurecimento de um jovem protagonista e como ele aprende a lidar com sua interioridade frente às adversidades do mundo. Moretti nos fala que essa forma literária é a forma da modernidade por excelência, porque a ideia que temos hoje sobre *juventude* passou a existir na sociedade europeia do século XVIII³⁷, junto da ideia de *mobilidade*. O romance de formação, portanto, seria a forma da juventude e da mobilidade. É interessante observarmos como o conceito de tempo aparece de forma bem marcada aqui: a juventude não dura para sempre, já que o tempo passa e as pessoas envelhecem. O romance de formação retrata especificamente esse fragmento temporal da vida de seus personagens e seu enredo trata da forma como a passagem do tempo dentro de uma determinada sociedade influencia na mudança e no amadurecimento de seus personagens.

Mudança e amadurecimento, aqui, têm a ver com o fato do indivíduo aceitar sua própria multiplicidade, no sentido de que ele não será o mesmo desde o começo até o fim da sua vida. Esse embate entre o sujeito e o tempo, segundo Moretti, é um embate típico da modernidade, tendo em vista que essa é uma época da mobilidade, do deslocamento do sujeito e da instabilidade: quanto mais instável é uma sociedade, mais ela valoriza a ideia de

³⁷ "Youth, or rather the European novel's numerous versions of youth, becomes for our modern culture the age which holds the 'meaning of life': it is the first gift Mephisto offers Faust." (1987, p. 4)

juventude. Mover-se socialmente, portanto, implica em descobrir e aceitar vertentes, potencialidades e traços de personalidade que não são fixos, assim como a realidade social:

The modern individual is marked from birth by this heterogeneity of occupations, by a perennial disequilibrium of his symbolic and emotive investments. To become an individual in the full sense of the word, he will have to learn how to master this multiplicity, and how to keep it from turn into a wearisome disharmony. (1987, p. 39)

O mote do romance de formação será, dessa forma, mostrar como o indivíduo reage frente a essas mudanças, que são impostas tanto pela sociedade em que ele está inserido quanto por seus próprios desejos e motivações. Como o romance possui contornos muito próprios dentro das respectivas culturas em que ele está inserido, o romance de formação também irá trabalhar com questões que são próprias da sociedade em que ele foi escrito e publicado. Por isso que é difícil tomar apenas *Wilhelm Meister* como base para analisarmos nosso objeto de estudo, porque a realidade e as questões da Alemanha do século XVIII eram relativamente distantes da realidade e das questões da Inglaterra do mesmo século. Todavia, a forma produzida na Inglaterra daquele tempo não se mostra tão distante, por exemplo, da forma que J.K. Rowling criou para o seu *Harry Potter*.

Em *How to read literature* (2013), Terry Eagleton afirma que “English literature’s favourite orphan these days is indeed Harry Potter. Harry’s early life with the repulsive Dursley family is not far from Pip’s experience as a boy, or the Young Jane Eyre’s in the Reid family” (2013, p. 168), comparando o herói de Rowling a outros dois personagens ingleses igualmente famosos. Os romances de Dickens, aponta Moretti, assim como outros grandes romances ingleses dos séculos XVIII e XIX, são considerados pela crítica como os maiores representantes do gênero do *Bildungsroman* em seu país. Não é à toa que muitos desses romances carregam um nome próprio no título³⁸, pois seus enredos vão falar da trajetória de vida dessas pessoas em questão.

A particularidade do romance de formação na Inglaterra, segundo Moretti, é que, diferentemente daquele escrito no continente, ele preserva as escolhas que o protagonista fez na infância³⁹, mantendo o indivíduo fiel aos princípios que ele considerava certos antes de ter ido “viver no mundo real”. Esses valores, que são tão diferentes daqueles prezados pelo

³⁸ Como *David Cooperfield*, *Oliver Twist*, *Tom Jones*, *Jane Eyre*, dentre outros.

³⁹ Sobre as diferenças entre o romance de formação inglês e o romance de formação continental, Moretti fala que “Contrary to *Wilhelm Meister*, in the English novel the most significant experiences are not those that alter but those which *confirm* the choices made by childhood ‘innocence’. Rather than novels of ‘initiation’ one feels they should be called novels of ‘preservation.’” (1987, p. 182)

Bildungsroman no restante da Europa têm muito a ver com a conformidade social da Inglaterra daquela época, que era bastante estável se comparada à realidade dos outros países⁴⁰, e é por isso que o romance de formação de lá possui uma forma bastante distinta da produzida em outros países.

Este é um ponto de contato entre *Harry Potter* e os romances escritos dois séculos antes. A todo momento, na série, é aludida a ideia de que são as escolhas dos personagens que mostram a eles seu caráter e de como é importante que essas escolhas sejam preservadas. Em *The Chamber of Secrets*, Dumbledore enuncia: “It is our choices, Harry, that show what we truly are, far more than our abilities.” (1998, p. 214), prenunciando como o tema de ser fiel aos próprios princípios será um tópico que, volta e meia, voltará à tona no enredo da série.

Essas escolhas geram consequências, sejam elas más ou não. Aliás, “ser bom” e “ser mau” também é um produto das escolhas: em *The Order of the Phoenix*, livro em que o lado humano de Harry mais se sobressai, a discussão de que todos temos um lado luminoso e um outro lado não tão luminoso assim, importando apenas o lado que escolhemos para agir enquanto seres humanos, aparece a todo momento⁴¹. Não obstante, Dumbledore, a cada encontro que tem com Harry, fala que a maior diferença que o garoto tem em relação a Voldemort é que tanto um quanto outro escolheram um lado para agir: Harry, carregado pelo amor de seus falecidos pais, escolheu agir para proteger aqueles que ele igualmente ama e Voldemort, um ser humano que é incapaz de amar, não poderia ter escolhido outro caminho que não fosse o da maldade e da opressão.

A narrativa nos mostra que Tom Riddle, ainda antes de ser Voldemort, era um garotinho solitário que gostava de amedrontar seus amigos e que conquistava o respeito alheio através da ameaça; as pessoas que mais o temiam em Hogwarts foram aquelas que se tornaram seus seguidores no futuro. A sede pelo poder e o ódio que Aquele-que-não-deve-ser-nomeado sente pelas pessoas que ele julga inferiores foi o que justamente o levou a sua queda. O jovem Tom, desde cedo, escolheu o caminho do medo e da prepotência para construir sua

⁴⁰ Sobre a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, Moretti afirma: “But English society in the eighteenth and nineteenth centuries, despite the Industrial Revolution and Chartism, is by far the most stable in Europe, and proud to be so. Its value-system is decidedly stable, and stability itself is seen as a value, and as one of the strongest ones at that.” (1987, p. 185)

⁴¹ No quinto volume da série *Harry Potter*, Sirius Black enuncia: “the world isn’t split into good people and Death Eaters”, aludindo ao fato de que todo ser humano possui o bem e o mal dentro de si.

reputação e essas escolhas ganham requintes de crueldade ainda maiores conforme mais velho ele fica, mas em nenhum momento se arrependeu dessas escolhas tortas.

Harry, por outro lado, nunca nem pensou em escolher um lado que não fosse o de ficar contra o vilão, afinal de contas Voldemort havia lhe retirado toda uma vida junto de sua família. Ele sempre rechaçou amizades poderosas e interesseiras, como a de Malfoy, a favor dos amigos altruístas e bons, como é o caso de Rony e Hermione, além de ter escolhido pertencer à Gryffindor, a casa dos alunos bravos e corajosos, em detrimento da casa de Slytherin, que é comumente associada aos bruxos das trevas. No fim das contas, Harry escolhe se sacrificar para salvar seu mundo e seus amigos, porque essa seria a única forma de aniquilar Voldemort. A todo momento o garoto está sendo fiel aos seus princípios, que guiaram suas decisões desde o primeiro volume da série, ao mesmo tempo em que ele passa por transformações e mudanças em seu jeito de pensar e agir.

Por tratar do tema das escolhas como sendo um produto dos princípios dos personagens, *Harry Potter* é uma série que mostra, desde o primeiro volume, personagens que existem em oposição a outros, com base nas escolhas que eles fazem para suas vidas. Harry existe em oposição a Voldemort, Rony existe em oposição a Draco Malfoy, Dumbledore existe em oposição a Dolores Umbridge, Molly Weasley existe em oposição a Bellatrix Lestrange e essa oposição se dá porque os personagens *escolhem* agir de acordo com os pressupostos do bem ou de acordo com os pressupostos do mal. Cria-se, portanto, um embate bastante claro entre personagens que têm atitudes bondosas e altruístas e personagens que são cruéis e egoístas, revelando um plano narrativo que contrapõe escolhas feitas nos princípios do bem *versus* escolhas que consideram a esfera do mal.

Moretti também afirma que o romance de formação inglês, ao contrário dos romances escritos no restante da Europa, traz personagens crianças e é “legível” pelos jovens justamente por apresentar uma ambientação em que a esfera do bem é construída em contraste com a esfera do mal, assim como os contos de fadas clássicos:

The fairy tale begins with the hero at the mercy of those who think little of him and his abilities, who mistreat him and even threaten his life...” This is the basic predicament (if not always the starting point) of every protagonist of the English *Bildungsroman*: in *Jane Eyre*, the *incipit* is actually duplicated when the adult Jane flees Thornfield and finds herself hungry, feverish, alone and penniless in an unending rain. (1987, p. 186)

Harry Potter é uma saga que foi escrita para crianças em um primeiro momento, então é totalmente compreensível que se estabeleça um conflito entre as forças do bem contra o mal, assim como é totalmente compreensível que nós, enquanto leitores, acompanhemos muito mais o percurso dos personagens bondosos em detrimento dos personagens malvados.

Ainda no primeiro bloco narrativo da série, em *The Prisoner of Azkaban*, somos levados a nos indagar até que ponto um personagem é realmente malvado ou é apenas incompreendido, como é o caso de Sirius Black. O padrinho de Harry é um foragido da polícia, acusado de ter delatado a Voldemort o paradeiro dos Potter para que o vilão pudesse realizar seu desejo de aniquilar a família. Conforme a história vai acontecendo, vemos que, na verdade, a história de Sirius nunca foi contada, de fato, pelo próprio Sirius. Por conta disso, nós descobrimos, junto dos personagens da série, que o prisioneiro de Azkaban foi injustamente julgado e preso.

Apesar de esse conflito ser colocado desde o princípio, o narrador da série nos mostra, principalmente conforme Harry vai ficando mais velho, que nem todo mundo bom é realmente bondoso e que nem todo mundo malvado é verdadeiramente ruim. Draco Malfoy, o contraponto de Rony, é um garoto que tem todo um entorno suspeito: filho de dois Comensais da Morte⁴², o garoto é um *bully* de costas quentes, sempre protegido pelo dinheiro e pelo interesse do pai. Enquanto leitores, nutrimos por Draco o mesmo ódio que Harry sente por ele, afinal de contas, o garoto despreza nascidos trouxas, pessoas de origem humilde e zela pela pureza do sangue bruxo. Conforme os anos vão passando, Harry vê que Draco é, na verdade, um garoto perdido: ele não compactua, de fato, com os ideais de Voldemort, mesmo que ele tenha uma índole duvidosa.

Por outro lado, Dumbledore, que é a síntese da bondade do enredo de *Harry Potter* acaba revelando um lado bastante suspeito no último volume da série: Harry descobre que o professor, em sua juventude, compactuara com os mesmos ideais propagados por Voldemort, que envolviam a supremacia bruxa em detrimento dos trouxas, onde estes deveriam ser comandados por aqueles. Dumbledore acreditava, assim como Riddle, que os bruxos eram uma raça superior e que deveriam ser temidos. Harry admite para si mesmo que Dumbledore parece ter ganhado existência a partir do momento em que o garoto o conheceu⁴³, e, em sua

⁴² O nome dado aos seguidores de Voldemort.

⁴³ “He had thought he knew Dumbledore quite well, but ever since reading this obituary he had been forced to recognize that he had barely known him at all. Never once had he imagined Dumbledore’s childhood and

visão, não havia espaço para imaginar que o professor poderia ter sido alguém diferente daquele velhote amável que Harry tanto admirou.

Acontece que Dumbledore, Draco Malfoy, Sirius Black e Peter Pettigrew, eram personagens mais complexos do que o mero plano de bondade e maldade. Há uma confiança extrema no leitor ao apresentar personagens bastante realistas, bastante humanos, que vão além do embate entre bem e mal que é previamente estabelecido nas histórias para crianças. Para Voldemort, que não tem um traço de humanidade sequer, fica destinado o lugar real da maldade e perversão, afinal de contas, Harry necessita de um contraponto narrativo. Mais do que isso, Harry necessita de um contraponto que mostre o quão humano ele é. Voldemort é um personagem que passou por um processo de desumanização, de forma que existem muitas passagens da narrativa, principalmente da narrativa de *The Goblet of Fire* que fazem referência a isso:

“Aaah, pain beyond pain, my friends; nothing could have prepared me for it. I was ripped from my body, I was less than spirit, less than the meanest ghost...but still, I was alive. What I was, I do not know...I, who have gone further than anybody along the path that leads mortality. You know my goal – to conquer death.” (2000, p. 421)

Os velhos professores de Aquele-que-não-deve-ser-nomeado, que o conheceram quando ele ainda se apresentava sob o nome de seu pai, Tom Riddle, sempre afirmaram o quanto o rapaz era jovem, bonito e sedutor. Em sua busca pela imortalidade, Tom abandona seu nome humano, comum e trouxe para adotar o título vilanesco de Voldemort. Na tentativa de matar Harry, Voldemort perde seu corpo humano e se torna, como mencionado acima, menos que um espírito. Ele adquire um corpo físico devido a um grande feitiço de magia negra, mas esse corpo, segundo a descrição da narrativa⁴⁴, lembra muito mais o corpo de uma cobra do que o de um ser humano. De certa forma, Voldemort poderia ser lido como uma alegoria da desumanização. A narrativa de *Harry Potter* nos mostra, desde o primeiro livro, que Voldemort escolheu o caminho da crueldade e este caminho o levou a ir perdendo, gradualmente, seus traços humanos, começando pelo desejo de se afastar de tudo que o conecte à esfera do que é considerado mundano. Ele escolheu possuir o título de lorde porque

youth; it was though he had sprung into being as Harry had known him, venerable and silver-haired and old.” (2007, p. 21)

⁴⁴ “Whiter than a skull, with wide, livid scarlet eyes and a nose that was flat as a snake with slits for nostrils...Lord Voldemort had risen again.” (2000, p. 415)

um bruxo tão poderoso não poderia ter um nome tão trivial como Tom⁴⁵. Voldemort perdeu seu corpo e mutilou sua alma em sete pedaços para, desesperadamente, burlar a maior concretização de humanidade, que é a morte.

A ideia de apresentar o conflito do bem contra o mal cumpre sua função narrativa e a ultrapassa. Mais do que mostrar como um garoto bom luta contra a personificação do mal, *Harry Potter* deixa claro que, para abraçar sua humanidade, os personagens devem aceitar que não são somente bons, e nem somente ruins. Talvez seja por isso que a série funcione como uma leitura para crianças e para adultos também.

Moretti aponta, ainda, mais um tópico bastante interessante sobre o protagonista do *Bildungsroman*: o de que ele é uma pessoa comum, que permite com que o leitor se identifique mais com suas questões⁴⁶ do que, por exemplo, com as questões de um herói mítico. Conforme já discutimos, Harry possui um lado que muito dialoga com a tradição desses heróis, justamente por apresentar características de personalidade e habilidade que já “vêm de fábrica”: ele é um excelente jogador de quadribol, possui um talento sem precedentes para executar feitiços de defesa contra as artes das trevas, é ofidioglota, é extremamente corajoso e luta para sempre salvar os outros antes de salvar a si mesmo.

Mas talvez o grande mérito da série de J.K. Rowling seja o de mostrar que os anos de aprendizado de Harry em Hogwarts vão muito além dessas características que lhe são naturais: ele, assim como qualquer pessoa, sente dor, ama, sente raiva, sente angústia, sente impotência e é orgulhoso...características que estão bastante próximas dos homens comuns, mesmo que o protagonista do livro converse bastante com os heróis míticos e que a série esteja inserida em um universo fantástico. A despeito de seus grandes feitos no mundo bruxo, Harry Potter ainda é Harry Potter – um menino com o mais ordinário dos nomes⁴⁷, tendo em vista que este nome, na Inglaterra, é tão comum quanto João ou José para nós, brasileiros - e

⁴⁵ Embora J.K. Rowling não tenha dado nenhuma declaração oficial neste sentido, o nome Voldemort tem raiz francesa. *Vol de mort* significa “voo da morte”, o que tem uma relação bastante clara com o desejo do bruxo de escapar da morte.

⁴⁶ “His most typical function lies rather in making that world *recognizable* for any and all readers. The more the hero himself is an ‘anybody’, better yet with a nondescript name such as ‘Tom Jones’, the more easily will this process of identification take place.” (1987, p. 189)

⁴⁷ Em algumas entrevistas, Rowling declarou que a inspiração para o nome “Harry Potter” veio da convivência com o filho de alguns vizinhos da época que ela era criança. Em níveis mais simbólicos, a raiz de Potter é “pottery”, cuja tradução para o português brasileiro é cerâmica, um material bastante comum na produção de panelas e jarros. De acordo com o site Pottermore, os primeiros Potter eram bruxos versados em magia curativa, que ajudavam os trouxas na cura de doenças. Eles utilizavam seus potes de cerâmica para criarem feitiços e poções que curavam as pessoas de catapora, por exemplo.

filho de uma mãe bruxa nascida trouxa. Diferentemente de Voldemort, ele abraça todos os seus níveis de humanidade, de seu próprio nome até a iminência da morte e isso parece fazer toda a diferença para que Harry seja considerado, dentro dos limites da narrativa, um grande bruxo. Durante os sete anos da narrativa da série, ele tem que aprender a lidar com todas essas questões, além de ter que aprender (e aceitar) que sua maior função no mundo da magia é derrotar Voldemort.

No livro *Por uma literatura sem adjetivos* (2012), Andruetto fala muito sobre o ofício da escrita como forma do autor retratar questões que são próprias dos homens. Estas questões, segundo a autora, acabaram gerando formas literárias, tais como o romance e o romance de formação. Sobre este último, ela afirma:

Por isso, a permanência do romance de formação, aquela estrutura narrativa nascida no marco do romantismo alemão, na qual um personagem se constrói a si mesmo durante o trânsito. O herói começa a se delinear diante de nós a partir de uma carência. Como no início dos tempos, deverá sortear provas. Não três, não sete, mas centenas de pequenas provas até chegar a esse centro precioso e ilusório que é o encontro de cada um consigo. Precário, provisório centro da vida. Quem é esse que vem conosco e chega agora, ao final do romance? Esse que no início era uma criança, um mocinho? É um homem. Como cada um de nós. Um homem singular e, ao mesmo tempo, um homem como todos. Singela verdade, eternamente repetida. (2012, pp. 18 – 19)

Harry é a representação, nos nossos tempos, desse homem singular que é um homem como todos. Ele possui a marca da singularidade, que é sua cicatriz, ao mesmo tempo em que é tão ordinário quanto qualquer um de nós, possuindo um percurso formativo bastante próximo de nossos próprios percursos formativos. Hogwarts, sendo uma escola e o espaço máximo da narrativa da série, é a mão que rege a formação do garoto e de seus amigos.

A humanidade e o realismo que marcam a construção de Harry Potter e de *Harry Potter* é, sob meu ponto de vista, a grande chave do sucesso da série, que, mesmo tendo sido escrita na virada do novo milênio, consegue dialogar com um gênero literário que despontou e que conversava com seus leitores há alguns séculos atrás. Ao meu ver, o romance de formação continua conversando com seus leitores, principalmente os leitores da série escrita por J.K. Rowling. Por trazer um personagem que cresce e se desenvolve enquanto homem durante seus anos escolares, o texto de *Harry Potter* pode ter permitido que um grande contingente de pessoas se identificasse com Harry – e também com Rony e Hermione – fazendo da série o sucesso que ela é.

Como essa questão é algo muito difícil de teorizar sem dados concretos, recolhi respostas de mais de vinte leitores reais de *Harry Potter*, que articulei com o argumento de que a estrutura do romance de formação teria proporcionado identificação aos leitores da série, levando-os, em última medida, a se tornarem leitores literários. Os resultados foram recolhidos durante o curso de extensão “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” e estes dados são apresentados na seção seguinte.

PARTE 2

“‘I am not worried, Harry’, said Dumbledore, his voice a little stronger despite the freezing water. ‘I am with you.’”

Harry Potter and the Half-Blood Prince, p. 578.

2.1 A repercussão de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”

O desejo de entrar em contato com leitores reais de *Harry Potter* para tentar mapear suas experiências de leitura da série e suas experiências de leitor como um todo sempre foi muito grande. Porém, surgiu um problema: como eu conseguiria juntar um número considerável de leitores de *Harry Potter* para pedir que eles respondessem um questionário? Tentar localizá-los na internet seria fácil, porém os leitores seriam muitos e eu precisava ter um grupo-controle mais conciso e delimitado para poder analisar melhor suas respostas e fazer uma pesquisa que coubesse dentro desta dissertação de mestrado.

A saída que eu e a professora Andrea encontramos foi a de oferecer um curso de extensão sobre *Harry Potter* na FFLCH. Os dois requisitos básicos para que as pessoas pudessem fazer matrícula eram: ser maior de dezoito anos e ter lido os sete livros da série em algum momento da vida. Inicialmente, abrimos trinta vagas porque concordamos que analisar trinta questionários caberia tanto nos limites da dissertação quanto no meu próprio limite físico de trabalhar com as respostas, levando em conta o prazo disponível. A pesquisa com sujeitos passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

O curso, intitulado “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”, além de atender meu horizonte de expectativas para o mestrado em si, também teria um papel importante de divulgação científica e de tentar deixar a pesquisa acadêmica mais próxima da sociedade. Criei um programa para o curso, em que a proposta seria a de discutir os conceitos de teoria literária que eu mobilizo em meus estudos sobre a série com uma linguagem menos acadêmica⁴⁸. De maneira geral, a ideia era oferecer cinco aulas de três horas de duração cada, onde discutiríamos a respeito dos personagens-chave de *Harry Potter*, sobre os elementos do romanesco presentes na série e sobre a possibilidade de diálogo entre a obra e o modelo do romance de formação, tendo em vista a construção do enredo geral dos sete livros. Além disso, uma das aulas foi ministrada por Victor Menezes, doutorando da Unicamp, na qual ele tratou da construção do feminino e do masculino em *Harry Potter* tendo os estudos de gênero como panorama de discussão. A última aula foi ministrada por mim e por Luiz Felipe Baute, que também é mestrando da Unicamp, e nela discutimos a respeito do juízo de valor literário tendo em vista a opinião da crítica e dos ditos leitores não especializados sobre *Harry Potter*.

⁴⁸ O programa do curso pode ser encontrado no anexo A.

A divulgação do curso, *a priori*, estava sendo feita apenas no site do Serviço de Cultura e Extensão da FFLCH, conforme o regimento estabelecido para cursos de difusão. Um dia antes das matrículas começarem, um dos funcionários da secretaria do SCE me enviou uma mensagem alertando que o curso tinha sido divulgado pelo site G1⁴⁹ e que seria interessante pensarmos em dobrar o número de vagas oferecidas, tendo em vista o grande alcance de público que o site tem. Eu e a professora Andrea conversamos e concordamos em oferecer sessenta vagas, fazendo a necessária notificação na Plataforma Brasil, que é vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). O que não esperávamos, no entanto, eram as enormes proporções que a divulgação de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” iria tomar. A ideia do curso atraiu centenas de pessoas, que pediram incessantemente por uma próxima edição. Por conta disso, no primeiro semestre de 2019, oferecemos a segunda edição de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”⁵⁰.

Citando somente os sites de grande porte, o curso foi divulgado pelo Estadão⁵¹, pelo Catraca Livre⁵², pela Veja⁵³, pelo Correio Braziliense⁵⁴ e pela Folha⁵⁵. Além destes, o programa de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” foi amplamente replicado por sites relacionados à cultura pop e à cultura *nerd*, como, por exemplo, o Potterish⁵⁶, e também foi anunciado em jornais e programas televisivos, como o Café com Jornal⁵⁷, da emissora Bandeirantes, e o Zero1⁵⁸, da TV Globo. Eu e a professora Andrea fomos convidadas a conceder entrevistas para a Globonews e a BandNews, mas não pudemos aceitar a solicitação das emissoras por conta da pesquisa de campo que estava vinculada ao curso: toda e qualquer

⁴⁹ <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/19/curso-gratuito-sobre-harry-potter-na-usp-abre-inscricoes-nesta-segunda.shtml>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵⁰ Esta segunda edição foi relativamente diferente da primeira, e seu programa foi montado com base na avaliação que os alunos do primeiro curso responderam. Foram oferecidas oito aulas com duas horas e meia de duração, aos sábados (Anexo B).

⁵¹ <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,usp-abre-inscricoes-para-curso-gratuito-sobre-harry-potter,70002463687>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵² <<https://catracalivre.com.br/educacao/curso-gratis-harry-potter-usp-inscricao/>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵³ <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/usp-dara-curso-gratuito-sobre-harry-potter/>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵⁴ <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2018/08/20/ensino_ensinosuperior_interna,700938/curso-do-harry-potter-na-usp.shtml> Acesso em: 27/01/2019.

⁵⁵ <<https://f5.folha.uol.com.br/nerdices/2018/08/harry-potter-e-a-faculdade-filosofal-bruxo-sera-tema-de-curso-gratuito-na-usp.shtml>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵⁶ <<https://potterish.com/2018/08/harry-potter-usp-curso/>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵⁷ <<https://videos.band.uol.com.br/16504121/usp-abre-inscricoes-para-curso-sobre-harry-potter.html>> Acesso em: 27/01/2019.

⁵⁸ <<https://globoplay.globo.com/v/7103658/>> Acesso em: 29/01/2019.

opinião que eu emitisse antes de os alunos responderem ao questionário poderia influenciar nos resultados que eu iria recolher, ferindo, portanto, o protocolo da pesquisa tal como aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Junto com a enorme divulgação que o curso teve nas redes sociais e nos mais diversos veículos da imprensa, veio uma verdadeira avalanche de comentários de internautas que estavam ávidos por exporem suas opiniões a respeito das aulas do curso, que ainda nem havia começado. Contrariando toda e qualquer expectativa que eu tivesse, “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” virou objeto de interesse geral, dividindo a opinião de leitores e internautas e sendo alvo de comentários e julgamentos extremamente polarizados.

Recebemos muitos comentários positivos e de apoio, como estes, retirados do G1:

- “gostaria de parabenizar a USP e os professores por essa ideia de curso. Há algumas pessoas gritando aqui que se precisa de mais cursos de matemática, português, e etc etc etc. Esses atestam a sua burrice ao falar algo assim pois claramente não conhecem a USP, seus institutos, cursos e pesquisadores. Conheçam melhor o potencial humano e de pesquisa de uma universidade pública como a USP (que aliás, está entre as melhores da América Latina) antes de saírem dando palpite sobre o que se deve ou não estudar.”
- “bem que a USP poderia lançar uma versão desse curso em EAD, né????”
- “É um curso que pode ser usado na criação de personagens, em roteiro. Teatro, televisão, jogos, narrativas virtuais. Dimensões dos personagens, jornada do herói, etc. Me parece uma iniciativa muito válida. Os livros venderam milhões de exemplares. Os filmes, mais de bilhão de dólares. É uma parte importantíssima da economia. A USP e congêneres deveriam ter investido nestas modalidades (gastronomia, moda, etc) há muito tempo. Justamente por causa desta visão retrógrada, atrasada, deslocada, desinformada dos caras do século dezoito aí de baixo.”

No caso deste último comentário, o internauta usa o termo “caras do século dezoito aí de baixo” para se referir às pessoas que escreveram comentários negativos antes de ele mesmo escrever sua opinião favorável à existência do curso.

Os comentários negativos, no entanto, foram multiplicados por três se comparados aos discursos de apoio ao curso. A esmagadora maioria das opiniões eram bastante parecidas com esta aqui:

“Nossa!!!! Dinheiro usado com meus impostos para isso?? O que isso vai mudar na vida da sociedade?? Cara, que rumo está andando as universidades do Brasil, tá uma zona total.”

E este aqui:

“Bom saber para onde vai o dinheiro do imposto, enquanto pesquisadores das Universidades estão pedindo socorro devido à falta de dinheiro e estão saindo todos

para os EUA, Canadá, Europa. Enquanto isso os juvenzinhos revolucionários loucos vão defender isso.”

Ambos os comentários também foram retirados do G1.

A possibilidade de os comentários serem ainda mais ofensivos era evidente, então encontramos declarações como esta:

“USP se consagrando em formar idiotas lunáticos. É para isso que essa universidade consome milhões em verbas públicas.? Esse país está se transformando num verdadeiro circo comunista. Os formandos desse curso vão aprender a resolver problemas com passe de mágica e voando.”

Ou ainda:

“Isso que dá colocar filhinhos de papai fumadores de maconha! Imagino um recrutador vendo seu currículo: tenho curso na USP, do que? Harry Potter! Hilário!!!! Quem criou isso? Queria os nomes dos gênios! Ou se acham gênios!”⁵⁹

O impacto desses comentários negativos foi tão grande que o *youtuber* Thiego Novais, que produz conteúdo sobre os livros e os filmes de *Harry Potter* fez um vídeo⁶⁰ defendendo os motivos do curso ser tão importante, salientando a importância da leitura aprofundada em uma época onde as pessoas normalmente leem somente os títulos de notícias e criam, a partir disso, uma polêmica desnecessária. Em resposta ao vídeo de Thiego, o canal “Mamaefalei”, ligado ao Movimento Brasil Livre, também postou um vídeo⁶¹ explicando o porquê do dinheiro público ser extremamente mal investido em cursos como “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” ao invés de ser destinado para pesquisas realmente importantes, como as da área da saúde, por exemplo. Essa onda de comentários e conteúdos ofensivos me surpreendeu porque ela está diretamente relacionada com o fato de as pessoas terem opiniões negativas e assertivas sobre *Harry Potter*, que é uma série que consegue conversar com as mais diversas camadas sociais.

A discussão a respeito de “no que vale a pena investir o dinheiro público” e de “o que é uma obra literária digna de ser estudada” está bastante ligada à questão do juízo de valor, que, de uma forma ou de outra, sempre esteve conectada aos meus estudos sobre *Harry Potter* e sua recepção crítica. Esse debate sobre valor, sobre o que é literatura e sobre qual literatura deveria ser estudada em detrimento de tantas outras não é nada recente. Em um dos capítulos de *Literary Theory: An Introduction* (1983), Terry Eagleton fala sobre o longo caminho

⁵⁹ Incluímos pontuação e acentuação nos comentários para facilitar a leitura.

⁶⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=xFK5AQ_CDGU> Acesso em: 27/01/2019.

⁶¹ <<https://www.youtube.com/watch?v=Vor6aGEn9I8>> Acesso em: 27/01/2019.

percorrido pela literatura inglesa para se firmar como uma literatura válida, digna o suficiente para ser incluída nas grades universitárias, em um panorama traçado do século XVIII até meados do século XX.⁶²

Os valores de textos literários produzidos no século XVIII traziam em si os interesses da elite da época: esse era o fator que separava a alta literatura da baixa literatura. E notou-se que esse padrão se repetia através dos séculos; talvez com outras roupagens, mas os livros que sempre representam o cânone literário são, em sua maioria, o reflexo dos gostos e interesses da classe dominante dentro de uma determinada sociedade. Por conta disso, Eagleton afirma que todo trabalho literário é, dentre outras coisas, ideológico, pois, ao trabalhar com a língua de um povo e com o modo como esse povo pensa, a literatura se conecta com as estruturas e com as relações de poder da sociedade em que vivemos⁶³.

No que se refere à recepção crítica de *Harry Potter*, tendo em vista essa ideia de construção do cânone, Harold Bloom, nos anos 2000, escreveu um artigo para o *Wall Street Journal* intitulado “Can 35 million book buyers be wrong? Yes.”, onde o crítico americano discorre, em três páginas, sobre como o texto de Rowling é literariamente fraco, não exigindo grande demanda intelectual de seus leitores⁶⁴. Em nosso país, a escritora Ruth Rocha, em entrevista para o site iG⁶⁵ na ocasião da comemoração de seus cinquenta anos de carreira, fez afirmações relativamente parecidas com as de Bloom sobre os livros de Rowling. Sobre a literatura *best-seller*, a autora comenta:

Isto não é literatura, isto é uma bobagem. É moda, vai passar. Criança deve ler de tudo, o que tem vontade, o que gosta, mas eu sei que não é bom. O que eu acho que é literatura é uma expressão do autor, da sua alma, das suas crenças, e cria uma coisa nova. Esta literatura com bruxas é artificial, para seguir o modismo. Acho que o *Harry Potter* fez sucesso e está todo mundo indo atrás. (...) Não acho errado os livros fazerem sucesso. Eu gosto porque acho que as crianças leem, mas eu não gosto de ler *Harry Potter*, não acho que é literatura.

⁶² “The criteria of what counted as literature, in other words, were frankly ideological: writing embodied the values and ‘tastes’ of a particular social class qualified as literature, whereas a street ballad, a popular romance and perhaps even the drama did not.” (EAGLETON, 1983, p. 14)

⁶³ *ibidem*, p. 14.

⁶⁴ “One can reasonably doubt that ‘Harry Potter and the Sorcerer's Stone’ is going to prove a classic of children's literature, but Rowling, whatever the aesthetic weaknesses of her work, is at least a millennial index to our popular culture. So huge an audience gives her importance akin to rock stars, movie idols, TV anchors, and successful politicians. Her prose style, heavy on cliché, makes no demands upon her readers. In an arbitrarily chosen single page--page 4--of the first Harry Potter book, I count seven clichés, all of the “stretch his legs” variety.” (p.2)

⁶⁵ < <http://on.ig.com.br/palavra/2015-04-27/ruth-rocha-comemora-50-anos-de-carreira-harry-potter-nao-e-literatura.html> > Acesso em: 14/06/2019.

Tanto Harold Bloom quanto Ruth Rocha parecem caminhar em uma seara bastante idealizada da literatura, onde há a valorização de um texto literário que vem da alma do autor e a desvalorização de um texto literário que traz inúmeros clichês, que segue um molde literário e que vende milhões de exemplares pelo mundo. Os livros que se alocam na categoria de literatura de massa são reduzidos a um mero nada, assim como as pessoas que leem esses livros.

Em um outro tipo de crítica, Isabela Boscov assina o texto “Agora acabou”, publicado na edição 2019 da revista *Veja*. O texto faz, a princípio, uma contagem numérica sobre quanto o último livro da série vendeu em vinte e quatro horas. Em complemento a isso, o artigo é seguido de uma pequena tabela – “Balanço (quase) fechado” – onde há a enumeração da fortuna acumulada por Rowling e a quantidade de exemplares vendidos até então.

Além disso, a autora expõe seu argumento sobre o texto literário propriamente dito: “A prosa de Rowling é banal, seus personagens são unidimensionais e seu grande dom, como escritora é o de argumentista (...)” (p. 134), complementando seu ponto de vista com “Estão ausentes ali, em grande medida, os valores inerentes à literatura – a sedução por meio da palavra, por exemplo, e a capacidade de excitar, e não meramente aplacar a imaginação.” (p. 135).

No caso deste artigo escrito para a revista *Veja*, a autora menciona os valores da literatura sem que haja maior exposição textual da obra no decorrer de sua escrita – ou seja, a única justificativa que parece confirmar a “prosa pedestre”, os “personagens unidimensionais” e a “geração intelectualmente menos favorecida” é o prévio estabelecimento de recordes de venda e a fortuna que Rowling acumulou ao longo dos anos, sem que haja qualquer tentativa de análise do texto propriamente dito. A autora afirma que Rowling estimulou que adolescentes lessem por prazer, mas é enfática ao dizer que “o que não se deve, apenas, é permanecer resguardado no ambiente confortável da idealização”, de modo a conduzir sua argumentação para a ideia de que é necessária a busca por outros livros que vão além de *Harry Potter* e por uma dita experiência mais subjetiva de leitura.

Estes três autores cujos pontos de vista foram aqui expostos de forma breve falam através de gêneros textuais diferentes: Bloom é um crítico literário renomado que escreve para um artigo para jornal, Ruth Rocha é uma autora de livros infanto-juvenis brasileira que concede uma entrevista para um site e Boscov é uma crítica de cinema que escreve para uma

revista de grande circulação em nosso país. É evidente, também, que eles trazem formações profissionais bastante diferentes. Contudo, a opinião que os três apresentam sobre *Harry Potter* é relativamente convergente: a de que *Harry Potter* não é uma literatura válida pelos motivos que eles mesmos explicitaram nos trechos que eu repliquei aqui.

De certa forma, a opinião dos internautas que escreveram comentários negativos a respeito de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” vai ao encontro da opinião destes três autores, já que há uma insistência em afirmar que o dinheiro público está sendo mal investido em um curso que estuda uma literatura que, aparentemente, não eleva a alma dos sujeitos que a leem. Assim como nos textos de Bloom, de Ruth Rocha e de Boscov, os comentários da internet não utilizam elementos do texto para justificar tal ponto de vista⁶⁶, e eu entendo que este espaço (o de “comentários da internet”) não é o lugar ideal para se construir uma análise literária propriamente dita, por menor que seja. Mas, ainda assim, parece ser bastante comum, entre especialistas e não especialistas, a afirmação de que *Harry Potter* não é literatura com L maiúsculo.

Meio que sem querer, os resultados que colhi em minha pesquisa de campo acabam refutando estes discursos, pelas mais diversas razões. A principal delas tem a ver com as reflexões que os alunos do curso construíram, aula a aula, a respeito do texto de *Harry Potter*: por terem lido a série inúmeras vezes, os participantes tinham um vasto repertório e conhecimento de causa para mostrar que se a dita literatura com L maiúsculo tem a função de elevar a alma do sujeito através da leitura, *Harry Potter* é, sim, literatura. Estes leitores me mostraram como esta obra, em específico, os ajudou a entender situações de suas próprias vidas e como ela teve participação direta em seus amadurecimentos enquanto indivíduos.

A frase que abre esta segunda parte da dissertação, proferida por Dumbledore em um momento em que Harry era sua única salvação diante da morte iminente reflete bastante bem a relação dos leitores da série que participaram da pesquisa de campo. *Harry Potter* é um personagem que acompanhava, e ainda acompanha, a trajetória destes leitores. Nas seções seguintes veremos como alguns elementos narrativos da série foram analisados por estes leitores empíricos e como os sete livros representam um lugar acolhedor para o qual estas pessoas podem sempre voltar. Harry esteve – e ainda está – bem próximo destes leitores.

⁶⁶ Ainda que, dos três textos mencionados, o de Bloom é o que mais utiliza o texto literário para tentar construir o ponto de vista do autor.

2.2 Os participantes de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”

Por um erro de configuração de inscritos, sessenta e cinco pessoas foram matriculadas em “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”. Em sua maioria, as participantes inscritas eram mulheres: era um total de cinquenta e três mulheres para doze homens. Como normalmente acontece, a quantidade de alunos desistentes foi alta, o que nos permitiu fazer alguns pequenos rearranjos de matrícula. Três alunos desistiram formalmente, fazendo com que a Serviço de Cultura e Extensão da FFLCH entrasse em contato com os interessados da lista de espera para que eles ficassem com essas vagas remanescentes, mas apenas uma aluna respondeu à chamada da SCE. Tendo em vista o grande número de pessoas ausentes, eu, a professora Andrea e a própria SCE concordamos em formalizar a matrícula de duas alunas que vieram à primeira aula do curso para assisti-lo como ouvintes. Dessa forma, conseguimos manter uma média de quarenta alunos por aula.

Na primeira aula do curso, perguntei informalmente a quais áreas profissionais aquelas pessoas estavam vinculadas e, para minha surpresa, apenas metade da sala pertencia à área das humanidades. A outra metade pertencia quase inteiramente à área de exatas, sendo que uma minoria trabalhava na área das ciências biológicas. Talvez meu erro de professora principiante tenha sido o de pensar que a esmagadora maioria daqueles alunos pertenceria ao curso de Letras, assim como eu. Uma vez que se rompeu esta ideia, foi-se junto com ela meu medo de não estar falando nenhuma novidade para aqueles alunos: tudo seria novidade, tanto para mim, quanto para eles e a perspectiva de aprendermos juntos foi extremamente enriquecedora para a minha experiência no ensino de extensão e na realização da pesquisa.

Durante a primeira aula, a professora Andrea explicou aos alunos o motivo da existência de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”. Junto disso, ela também explicou que os alunos seriam convidados a responderem um questionário sobre suas experiências de leitura de *Harry Potter* e o critério para responder esse questionário era bastante simples: os alunos interessados deveriam ler, assinar e devolver o Termo de Consentimento Esclarecido e deveriam levar o questionário para responder em casa após a primeira aula, tendo que devolvê-lo já no início da segunda aula. Tivemos a precaução de deixar essas regras bem

explicadas, porque não queríamos que as respostas dos alunos fossem enviesadas pelo meu modo de analisar o texto da série.

O questionário, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP⁶⁷, apresentava cinco perguntas abertas, que exigiam respostas com justificativas. As perguntas foram as seguintes:

- Com quantos anos você leu *Harry Potter*?
- O espaço narrativo de *Harry Potter* (Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts) é atrativo para você? Justifique sua resposta.
- Com qual personagem você se identifica mais: Harry Potter, Rony Weasley ou Hermione Granger? Justifique sua resposta.
- A história de *Harry Potter* dialoga em algum ponto com seu amadurecimento enquanto indivíduo? Justifique sua resposta.
- *Harry Potter* mexeu com sua vida de leitor? Justifique sua resposta.

Além destas perguntas, o questionário também pedia que os participantes falassem sobre sua idade atual e gênero, porque estes dados poderiam vir a ser interessantes para minhas análises futuras.

Muitos alunos se mostraram extremamente interessados em responder o questionário e a prova disso é que aqueles que teriam que se ausentar na segunda aula me enviaram seus questionários respondidos via e-mail. Ao todo, vinte e oito pessoas responderam às perguntas: vinte e três mulheres e cinco homens. A média de idade entre os alunos que concordaram em ser os sujeitos da minha pesquisa de campo é de vinte e oito anos, sendo que a pessoa mais velha tinha quarenta e três anos quando respondeu e a mais nova tinha vinte e um.

Eu esperava que, com as respostas dos questionários, eu pudesse comprovar minha hipótese de leitura de *Harry Potter*: a série fez o sucesso que fez porque ela mostra a trajetória de amadurecimento de um garoto ao longo de sete anos, trajetória esta que foi acompanhada por leitores que tinham a mesma idade de Harry a cada livro. A série traria elementos narrativos que fariam com que esses leitores se identificassem muito com ela, sendo que o

⁶⁷ A FFLCH ainda não possuía um Comitê de Ética em Pesquisa para regulamentar as pesquisas realizadas com seres humanos, o que fez com que os projetos de nossa faculdade fossem vinculados ao CEPH do Instituto de Psicologia.

espaço escolar e a construção de um trio de protagonistas totalmente verossímil tomariam a frente nesta questão de identificação. Esta estrutura narrativa que mostra a formação de Harry seria um reflexo da formação do próprio indivíduo que lê este texto.

Desta forma, eu esperava que os participantes dissessem que se identificavam com Hogwarts e seus episódios porque a experiência escolar é formadora por excelência, além de ser praticamente universal. Conforme explicitarei na primeira parte da dissertação, a instituição que educa é uma constante em romances que tratam do tema da formação, justamente porque ela tem o objetivo primeiro de educar o indivíduo para que ele entre para a sociedade. Além disso, ela acaba formando o sujeito para o mundo porque, dentro da escola, ele estabelece relações de amor e amizade e descobre seus interesses pessoais.

Do mesmo jeito que eu esperava que os sujeitos de pesquisa respondessem que se identificavam com os acontecimentos ocorridos na escola, eu acreditava que a grande maioria deles iria apontar que se identificava com o personagem de Harry Potter. Como é ele que vemos crescer de forma mais clara na narrativa e por esta mesma narrativa nos mostrar os percalços que o garoto passa até se tornar um homem maduro, já que seu protagonismo é dado desde o título da série, eu pensava que as pessoas veriam suas próprias trajetórias de crescimento e amadurecimento refletidas na trajetória do menino.

A identificação com Harry justificaria, portanto, a resposta que eu esperava para a quarta pergunta: a de que os leitores diriam que a série dialoga com seu amadurecimento porque ela traz um personagem que tem a mesma idade que eles idealmente tinham quando leram os livros, transita em um ambiente formativo onde eles também transitaram e porque ele tem que descobrir qual é o seu lugar no mundo, assim como eles. Como consequência desta identificação, eu também esperava que os sujeitos de pesquisa afirmassem, em sua maioria, que *Harry Potter* havia sido a leitura que os introduziu no grande e fantástico mundo da leitura literária e que, graças à série, eles haviam se tornado grandes leitores.

Construí toda esta expectativa de resultados em parte por conta dos depoimentos recolhidos e lidos na internet⁶⁸, que, de modo geral, tendiam a afirmar que *Harry Potter* era

⁶⁸ O site *Literalmente Uai* recolheu depoimentos de vários leitores de *Harry Potter* na ocasião dos vinte anos de lançamento da Pedra Filosofal. Reproduzo alguns deles aqui, onde os leitores explicitam que se tornaram leitores literários graças à série de J.K. Rowling:

“Quando conheci Harry Potter, me sentia pouco atraído pela literatura. Gostava, mas não tinha muita paciência para livros grandes e sempre demorava muito nas leituras. Quando descobri o fantástico mundo de J.K.

essa leitura formadora, que os leitores se identificavam com Harry e seu crescimento e com os episódios escolares pelos quais ele passava. Vários professores de literatura e especialistas em leitura falam sobre isso⁶⁹ e, de certa forma, essa visão me ajudou a mapear como o romance de formação aparecia na narrativa da série. Eu esperava, inclusive, que os meus sujeitos de pesquisa afirmassem que haviam começado a ler *Harry Potter* com a mesma idade de Harry, ou seja, com onze anos.

Mas esta pequena – e extremamente valiosa – amostra de leitores me mostrou muitas coisas, principalmente uma variedade de leituras e interpretações, me apontando que a questão da formação, em *Harry Potter*, é apenas uma das leituras possíveis.

2.3 Espaço narrativo: uma leitura de projeção

Minayo, em *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (2002), fornece uma espécie de manual sobre como tabular os dados de uma pesquisa qualitativa, que, diferentemente da variável quantitativa, não possui categorias de análise tão evidentes. Para se analisar os dados de uma pesquisa qualitativa é necessário criar, a partir das respostas dos

Rowling, eu tive uma outra visão sobre literatura. Foi surreal. Eu nunca tinha me interessado tanto por um livro quanto me interessei pela “Pedra Filosofal”, que foi o primeiro que li e, desde então, se tornou o meu livro preferido.” Depoimento de Gilmar Pereira.

“Harry Potter foi um estopim para a minha paixão pela literatura. Desde o ensino fundamental, quando devíamos ler livros de autores nacionais para fazer testes, sentia que aquelas obras não me cativavam tanto ao ponto de procurar mais sobre aquilo. Foi então que encontrei o mundo da ‘fantasia’. Lendo ‘Harry Potter e a Pedra Filosofal’ descobri, literalmente, a magia dos livros e em como podia ser feliz naquele virar de páginas.” Depoimento de David Santos Souza.

“O universo de HP foi um dos maiores motivos para fazer com que eu me apaixonasse por leitura. Sempre lia alguns livros, mas não era na mesma proporção. Lembro que quando fui para a 5ª série e mudei de colégio, vi os livros na biblioteca e peguei para ler, porque já tinha ouvido falar dos filmes, desde então, não parei mais.” Depoimento de Filipe Alves.

“Eu estava com 13 anos em 2001, época de estreia do primeiro filme. Eu não tinha costume de ler muito. Foi a primeira vez que insisti para ganhar algo específico de Natal: queria os livros. Ganhei a “Pedra Filosofal” e a “Câmara Secreta” naquele Natal de 2001. Li os dois em poucos dias. Isso já era algo extraordinário, pois eu enrolava muito para finalizar leitura. Me apaixonei imediatamente.” Depoimento de Ana Paula Vargas.

Disponível em: < <https://www.literalmenteuai.com.br/harry-potter-20-anos/> >

⁶⁹ Em entrevista ao blog da TAG Livros, a professora Jane Naujorks, da UFRGS, afirma que para se criar o hábito de leitura, é necessário que a criança acompanhe constantemente uma história. Como Harry Potter foi escrito e publicado ao longo de dez anos, as crianças tiveram uma “constante” literária e, portanto, se formaram leitores. Na mesma reportagem, o professor Luís Augusto Fischer, também da UFRGS, afirma que a ambientação da narrativa gera uma identificação imediata entre leitor e texto, além de apresentar um universo fantástico que provoca uma imersão do leitor. Link para a reportagem: < <https://www.taglivros.com/blog/como-harry-potter-formou-uma-geracao-inteira-de-leitores/> > Acesso em: 26/04/2019.

sujeitos, categorias que expressem a subjetividade colocada pela pessoa em questão. Essas categorias devem mostrar informações que são relevantes para a hipótese de leitura que o pesquisador está construindo, de modo a confirmar ou refutar sua tese. Tive de elaborar essas categorias, para analisar se as respostas dos participantes do curso iam ao encontro da minha hipótese, que foi esboçada acima.

Para a segunda pergunta do questionário – “O espaço narrativo de *Harry Potter* (Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts) é atrativo para você? Justifique sua resposta.” – foram criadas três categorias que trouxessem a argumentação dos sujeitos de um jeito mais fiel. A primeira categoria foi denominada “mobilização de aspectos literários do espaço”, que abrange as respostas onde os participantes se valiam de conceitos propriamente literários para justificar o porquê de Hogwarts ser um cenário atrativo para elas.

Cinco sujeitos trabalharam com esses conceitos sem saber, na maioria dos casos, que o estavam fazendo. Por exemplo, uma participante afirma que “Hogwarts é quase como uma personagem com vida própria na história” e outra comenta que os personagens da história são mais atrativos do que o espaço propriamente dito: “acredito que a escola só é legal por conta de quem está lá”. Esse dado reflete, minimamente, que estas leitoras são capazes de refletir e argumentar *literariamente* a respeito da obra que estão lendo, sem, necessariamente, escrever uma análise literária aos moldes que os estudantes, os professores de Letras e os críticos literários escrevem.

É curioso que os participantes continuam falando dos aspectos literários do espaço nas duas outras categorias de análise que criei, baseada nas respostas recebidas. A segunda delas, denominada “espelhamento da vivência no espaço literário” concentra o maior número de participantes. Para esta maioria existe, sim, uma ligação entre o espaço narrativo de *Harry Potter* e o espaço escolar que eles mesmos frequentam ou frequentaram. Uma das participantes, que é professora de língua portuguesa há vinte anos, afirma que “Hogwarts é o retrato de uma escola real, com suas características complexas e seus modelos tradicionais (horários fixos, aula, avaliações por mérito.)”. Outro participante falou a respeito da identificação imediata que o espaço narrativo escolar pode trazer ao leitor:

“Acredito que seja bastante atrativo, o ambiente escolar com suas singularidades, a experiência de socialização, negociação de conflitos, formação de laços de amizade e inimizade com colegas alunos ou professores, construção da própria identidade, etc. São todos desafios comuns à maioria das pessoas, então quase que de imediato existe uma identificação com o ambiente e as situações vividas pelos personagens.”

Outros participantes acabaram levantando os mesmos pontos sobre sua identificação enquanto ex-alunos de escola regular e o percurso de Harry em uma mesma escola. Contudo, contrariando minhas expectativas, a maioria dos participantes acabou revelando que Hogwarts é atrativa para eles por ser a representação da magia por excelência. Ter um ambiente mágico ao alcance das mãos se mostrou uma espécie de refúgio para esses leitores, que viviam uma realidade escolar bastante diferente da de Harry e seus amigos, mesmo que tenham passado por conflitos e situações bastante parecidas com aquelas que são narradas nos livros. Desta forma, criei a terceira categoria de análise para a questão do espaço literário em *Harry Potter*, a de “Hogwarts como projeção de um lugar ideal/refúgio”.

Neste sentido, uma aluna afirmou que Hogwarts “fica fora da realidade cotidiana, como se fosse um mundo completamente diferente com seus próprios problemas e onde os nossos parecem pequenos, por isso queremos ir para lá e esquecermos o que está acontecendo do lado de fora”, aludindo diretamente à ideia de que o espaço em que a magia se concretiza é bem mais interessante do que a vida real. Outro aluno vê Hogwarts como uma alternativa à estrutura escolar que temos no Brasil: “Desde a primeira vez que li me senti muito atraído pelo universo, em especial a escola. A ideia de pegar um trem para chegar a um castelo por si só já é encantadora, principalmente para nós no Brasil onde os colégios internos não são tão comuns.” Ambos os casos mostram a ideia de que Hogwarts seria a representação de um lugar no mínimo mais interessante que os lugares frequentados por estes participantes, seja por conta da magia em si, seja por conta dos meios que os levariam a entrar em contato com a magia, como o Expresso de Hogwarts.

Uma fala bastante significativa e que nos dá a dimensão de como *Harry Potter* está presente no imaginário coletivo é a da participante que faz a seguinte afirmação: “lembro que quando comecei a ler, eu tinha uma esperança de receber a carta de Hogwarts quando fizesse onze anos.” Receber a carta de Hogwarts, assim como pegar um trem que transporta as pessoas do mundo trouxa para o mundo bruxo são bastante significativas se pensarmos no espaço de *Harry Potter* como sendo um espaço de projeção. Não que a série em si seja uma espécie de fuga do que acontece na realidade dos dias, mas o discurso destes leitores demonstra que Hogwarts e a magia são uma alternativa bem mais legal e interessante ao que eles próprios vivenciam ou vivenciaram. É uma escola, como a escola que os leitores frequentaram, mas esta escola é melhor porque ela tem elementos fantásticos e maravilhosos, que não são encontrados no nosso dia-a-dia.

Um participante resumiu, em sua fala, esta questão. Ele afirma que:

“Seja no primeiro contato, seja no momento atual, a existência de um espaço de magia e fantasia nas ‘mesmas’ condições de espaço e tempo que o leitor vive é sempre fascinante. É nítido que no primeiro momento, a conexão com o espaço de ensino é um fator de conexão.”

Hogwarts é este espaço de formação educacional e social, e *também* deixa à disposição de seus alunos – e de seus leitores – um ambiente com infinitas possibilidades de aventuras e de descobertas. O espaço narrativo de *Harry Potter* é passível de gerar identificação, mas, mais do que isto, ele parece refletir uma realidade melhorada – realidade esta que seus leitores gostariam de frequentar, de fazer parte. A maneira mais fácil de fazer isto acontecer, aparentemente, é deixando os livros de J.K. Rowling à mão, lendo-os sempre que possível.

2.4 Harry, Rony e Hermione: leituras de identificação

Se Hogwarts é o espaço da identificação e projeção, o trio de personagens se mostrou estar apenas na seara da identificação – pelo menos em um primeiro momento. A terceira pergunta do questionário (“Com qual personagem você se identifica mais: Harry Potter, Rony Weasley ou Hermione Granger? Justifique sua resposta.”) buscava, no fundo, mapear se os participantes do curso se identificavam com a trajetória de formação de Harry, tendo em vista que é ele quem vemos crescer e amadurecer ao longo dos sete livros. Além disso, temos muito mais acesso aos sentimentos e reflexões que Harry faz a respeito de seu entorno do que propriamente acesso a qualquer coisa que Rony ou Hermione sentem ou sobre o que refletem. Minha expectativa, enquanto pesquisadora, era que a maioria esmagadora dos alunos vissem suas próprias questões de amadurecimento e formação refletidas em Harry. O que eu não esperava, no entanto, era que a maioria dos alunos fosse se identificar mais com Hermione Granger do que com Harry Potter.

Em um levantamento feito em 2017 na Inglaterra e publicado pelo jornal espanhol *El País*, a empresa de pesquisa de mercado YouGov divulgou que a maior parte dos ingleses tinha Hermione como personagem preferido de *Harry Potter*. Mil e sessenta e quatro pessoas foram entrevistadas, e 27% delas disseram que Hermione era sua personagem favorita,

seguida por Albus Dumbledore e só depois deste, Harry⁷⁰. Contudo, a pesquisa em questão não revelou o motivo da garota ser a personagem preferida da maioria dos britânicos.

No caso de minha própria pesquisa, das vinte e oito pessoas que responderam o questionário, dezesseis (57,14%) declararam se identificar com Hermione. Três (10,7%) alegaram se identificar com Harry, e outras três (10,7%), com Rony. Quatro pessoas (14,2%) afirmaram que o trio, como um todo, gera identificação e duas pessoas (7,1%) se identificaram com dois personagens, sendo eles Harry e Hermione e Hermione e Voldemort, que não era um personagem incluso na questão.

É importante afirmar que esta terceira questão trouxe respostas que se encaixavam em mais de uma categoria de análise, mostrando que os alunos interpretaram Harry, Rony e Hermione como os personagens tridimensionais que eles são. Ninguém se identificou com Hermione apenas porque ela é inteligente, mas também porque ela sofria *bullying* por ser inteligente e porque ela conseguia driblar este tipo de adversidade sendo fiel àquilo que ela acredita, por exemplo. Para esta terceira questão, várias respostas aparecem em mais de uma categoria de análise o que mostra, no limite, o comprometimento interpretativo dos leitores empíricos que participaram da pesquisa para com esta obra em específico.

Notei que quatro categorias faziam com que os participantes se identificassem com Hermione, sendo a primeira delas a categoria “Gênero”. Apesar de Hermione ser a única personagem feminina do trio, este fato não pareceu ser um fator tão relevante para a identificação, tendo em vista que apenas quatro participantes (25%) destacaram a importância da representatividade de se identificar com uma personagem feminina em suas respostas. Além disso, homens também declararam se identificar com a personagem, o que nos mostra que a construção do *ethos* de Hermione parece ser um fator que tem mais relevância para a questão da identificação do que, necessariamente, sua representatividade na esfera do gênero – pelo menos, neste estudo que estamos realizando.

Alguns alunos declararam se identificar com Hermione por terem passado por situações de preconceito assim como ela, fazendo com que a categoria “Bullying” fosse criada. Hermione é uma bruxa nascida trouxa, o que faz com que ela sofra muito preconceito dos personagens mais conservadores da série, como Draco Malfoy. Além disso, a personagem

⁷⁰ A pesquisa pode ser encontrada no link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/cultura/1498474722_461399.html> Acesso em: 03/05/2019.

é descrita como uma menina de cabelos volumosos e dentes grandes, o que também a faz ser motivo de piada entre os personagens da Slytherin. Os participantes que se identificaram com Hermione por conta destas situações de preconceito afirmaram que já sofreram *bullying* ou pela sua aparência ou por serem dedicados aos estudos.

“Dedicação aos estudos e inteligência” pareceram ser os principais motivos para os participantes terem se identificado com a personagem: quinze pessoas (93,75%) apontaram estas características como fator de identificação. Uma das participantes afirma que ela e Hermione compartilham a mesma “sede do conhecimento”, enquanto outro aluno argumenta que “assim como ela, me considero um leitor voraz e acho que a maioria das minhas dúvidas podem ser sanadas por um bom livro.” É bastante significativo que este tipo de resposta apareça no questionário tendo em vista o lugar em que ele foi passado e o público que o respondeu.

A grande maioria dos participantes do curso era composta de pós-graduandos da própria USP, de ex-alunos de graduação da USP ou de outras universidades públicas e de alunos de graduação da USP. Creio que os alunos que estudam ou estudaram na USP ou em seus pares carregam, de alguma forma, o rótulo da inteligência, da dedicação aos estudos, de serem leitores vorazes. Afirmo que eles carregam este rótulo *de alguma forma* porque existem ambientes – como a própria USP, inclusive – que não veem leitores de *Harry Potter* como pessoas portadoras de uma inteligência notável. Contudo, em alguns círculos, principalmente no espaço “curso de *Harry Potter* na USP” estes alunos são Hermiones em potencial e não têm nenhum medo de serem assertivos a este respeito.

Era bastante recorrente, nas aulas, a discussão de como Hermione salvava a pele de Harry em grandes momentos da história: as respostas de todos os enigmas eram desvendadas pela garota, as incursões na biblioteca eram lideradas por ela, a ideia de aprender clandestinamente veio dela, em detrimento da aparente burrice de Harry, que era incapaz de enxergar as soluções para seus problemas. Para um público majoritariamente constituído de alunos considerados inteligentes, o caminho de se comparar com uma protagonista que concentra, em si mesma, grande parte da inteligência do mundo bruxo, é algo extremamente natural.

Na contramão desta maioria, os poucos participantes provindos de outras instituições que não a USP e seus pares ou que não mencionaram se são/eram frequentadores deste tipo de

espaço acadêmico tiveram um discurso relativamente diferente a respeito de sua identificação com Hermione e sua inteligência. É o caso desta participante, que é pedagoga e não mencionou se tinha alguma ligação com a universidade pública: “na minha visão, ela (Hermione) tem todas as características de superação, pois vinda de família trouxa é como se a todo momento ela tivesse que provar/autenticar merecer estar naquele lugar. Assim como me sinto em vários âmbitos da minha vida.”

A inteligência de Hermione, neste caso, é vista sob um ângulo bastante diferente dos demais. Normalmente, os próprios personagens de *Harry Potter* associam esta inteligência a um tipo de petulância sem precedentes. Os leitores que responderam ao questionário acabavam associando, também, sua inteligência a uma espécie de liderança, porque ela precisa *provar* que também pertence ao mundo dos bruxos, o que é algo significativo.

Como mencionado na primeira seção desta dissertação, Hermione é a personagem que menos vemos crescer ao longo da narrativa, porque as impressões de Harry sobre a amiga são essas impressões gerais: ela é inteligente, mandona, sabe-tudo. Se tentarmos aprofundar nossas próprias reflexões sobre Hermione, veremos que a garota tenta provar, a todo o momento, o porquê de ela merecer estar em Hogwarts e, mais do que isso, o porquê de ela ser uma bruxa genial.

A inteligência de Hermione é desvalidada a todo momento por Snape, o mestre de poções. Ela sofre ofensas de todo o tipo de Draco Malfoy e isso a deixa visivelmente abalada, além de ter virado matéria-prima para que uma jornalista impetuosa escrevesse calúnias a seu respeito. Hermione passa a ser pessoalmente perseguida pelos Comensais da Morte por ser nascida trouxa e por ser amiga de Harry. Mas ela sempre consegue passar por essas situações de um jeito ou de outro.

Neste sentido, muitos participantes que destacaram se identificar com Hermione por causa de sua inteligência, também afirmaram que gostam da personagem devido às suas outras características inatas, como a coragem, a lealdade e a bondade. É interessante ver como os leitores associam características que são mais identificáveis em Harry e em Rony (coragem e lealdade, respectivamente) à Hermione, que demonstra ser tudo isso também, mas não em uma leitura mais superficial. Lealdade e bondade são características normalmente atreladas à amizade - e a amizade, como um todo, apareceu de forma bastante relevante nos discursos dos participantes a respeito de Hermione.

Uma das alunas afirmou que “[Hermione] sempre desempenhou o papel de ‘mãe de todos’, às vezes um pouco controladora e exigente demais, entre outras coisas.” Outra aluna escreveu que “o fato de ela [Hermione] ser leal e altruísta quanto a ajudar os seus amigos também é algo que temos em comum.” Uma outra participante associa o fato de Hermione ser inteligente e saber resolver os problemas à forma com que a personagem se relaciona com Harry e Rony, sendo este um fator de identificação para ela enquanto leitora: “Eu sempre fui a criança que queria e sabia responder tudo e, embora eu não seja muito amorosa, sou o lugar para onde meus amigos correm quando têm dúvidas ou quando precisam de alguém que vai ajudar, se não resolver, os problemas deles.”

É relevante que os participantes da pesquisa enxerguem Hermione como a amiga que ela é. Conforme já visto anteriormente, é pela amizade que ela e Rony constroem com Harry que os três conseguem se equilibrar mutuamente. Hermione é a parte mais racional desta amizade e, como levantado pela aluna, exerce, de certa forma, o papel de “mãe de todos”, a que puxa a orelha para o próprio bem do filho – e é interessante que os alunos tendam a se identificar mais com uma personagem praticamente perfeita do que com aqueles que têm muito a aprender.

Rony, no caso, é um destes personagens que parecem existir na narrativa para aprenderem a se tornar alguém melhor. Já foi visto, na Parte I, como o melhor amigo de Harry é extremamente passional e tem muitas dificuldades para lidar com seus sentimentos, assim como possui um sentimento de inferioridade. Ao mesmo tempo em que mete os pés pelas mãos, Rony é o mais leal dos amigos e demonstra seu apoio a Harry das mais diversas formas. Três participantes do curso disseram se identificar com Rony, em dois tipos de categorias diferentes: lealdade e insegurança.

Dois participantes afirmaram que se identificam com Rony por conta de sua insegurança. Um dos alunos afirmou que “nunca fui grande destaque nos esportes, nem o primeiro da turma, embora estivesse entre eles. Também não sou bom em lidar com sentimentos, porém tenho mais autocontrole que o Weasley, considero-me leal aos amigos e sou mais útil assessorando o líder do que exercendo a sua função.” Este aluno também revelou, no questionário, que sempre estudou em escola pública de periferia. Embora não haja uma relação direta, é possível supor que o fator socioeconômico também o liga, de alguma forma, com Rony.

Outra aluna afirmou que “a insegurança dele e sua lealdade com a família e os amigos foram características que eu via em mim.” A terceira pessoa que se identifica com Rony não salientou a questão da insegurança, mas a importância da lealdade na construção deste personagem: “a lealdade dele é algo que eu dou muito valor e tento oferecer aos meus amigos. Mesmo ele sendo um entre tantos irmãos, não tenho dúvidas que ele seria capaz de matar e morrer por eles.”

A lealdade também aparece como categoria para um dos outros três alunos que se identificam com Harry. Uma aluna afirmou que “apesar de se sentir solitário às vezes, ele [Harry] dá valor aos laços de amizade. Além de defender e fazer de tudo pelos amigos, Harry não menospreza aqueles que vivem à margem da sociedade bruxa.” Os outros dois que se identificam com o protagonista apontam a perda dos pais e a necessidade de descobrir seu lugar no mundo como fatores de identificação.

Vale destacar, também, o depoimento do participante que afirma se identificar tanto com Hermione quanto com Voldemort, sendo que este último se afasta totalmente das características de bondade, igualdade, altruísmo e coragem, que são tão evidentes em Hermione. O aluno afirma:

“Na infância/adolescência, [eu me identificava] com a Hermione, por toda a questão de ser nerd/inteligente e etc. Mas o modo de aprendizagem de Hermione é extremamente técnico (“palavra por palavra decoradas do livro texto”) o que faz com que hoje em dia eu não me veja tanto assim nela. No quesito aprendizado/ciência/etc, me vejo muito mais próximo de Voldemort. Acho admirável o fato de ele ter ido tão além no que diz respeito a ‘magia proibida.’”

Em sua resposta, o participante fala sobre sua identificação com os personagens no nível acadêmico, educativo. De fato, Voldemort é um personagem dotado de uma inteligência tão admirável quanto a de Hermione, senão ele não teria realizado os grandes feitos que realizou. O aluno não faz um julgamento de valor do caráter dos personagens, por exemplo, mas sinaliza que sua ambição intelectual é tão grande quanto a de Voldemort, mesmo que o bruxo possua características bastante baixas.

Há aqueles, ainda, que se identificam com o trio como um todo. É curioso que as três pessoas que fazem esta associação acreditam que a inteligência, a coragem e a lealdade são o que as conectam com Hermione, Harry e Rony, respectivamente. Mesmo que estas características acabem reduzindo os personagens do trio àquilo que é mais visível neles, duas participantes argumentam que a riqueza da construção do trio é apresentar, no todo, valores

que são demasiadamente humanos. Uma delas faz a seguinte afirmação: “Nunca consegui definir com qual me identifico mais. Pois com a Hermione, ser CDF é algo normal, e no fim, aceito pelos amigos. Com o Rony, a lealdade intrínseca e a família que acolhe todo mundo. E com o Harry, a impetuosidade, nem sempre pensar antes de agir.”

Outra participante elenca os motivos que fazem com que ela se identifique com cada um dos três amigos:

“Harry: a revolta por não ter mais os pais vivos, a coragem para lutar pelos seus objetivos, a confiança, a lealdade. Rony: o desejo de não viver à sombra dos outros, a ‘birra’ em alguns momentos, a lealdade que supera os medos e as dúvidas. Hermione: a dedicação aos estudos, a superação, a vontade de ser sempre melhor, a luta contra as injustiças, a lealdade aos amigos acima de tudo.”

Estes dois depoimentos acabaram indo ao encontro da minha própria análise do trio, que é um todo equilibrado cujo funcionamento seria impossível com a inexistência de uma das partes. Ambas participantes falaram sobre as características de Harry, Rony e Hermione que acabam sendo a força de suas formações enquanto personagens, e estes valores parecem estar presentes na formação pessoal das próprias participantes.

2.5 Lições sobre amadurecimento: a função fraterna

A quarta pergunta do questionário trazia a seguinte indagação: “a história de *Harry Potter* dialoga em algum ponto com o seu amadurecimento enquanto indivíduo? Justifique sua resposta.” Como mencionado anteriormente, com esta questão eu esperava que os alunos respondessem que a obra de J.K. Rowling se relacionava com seus amadurecimentos pessoais porque os livros, além de acompanhar o crescimento de Harry, acompanhava o crescimento dos leitores. Desta forma, o texto literário funcionaria como uma espécie de espelho para a trajetória do leitor enquanto indivíduo, e vice-versa.

Mais uma vez, esperava encontrar este tipo de resposta por conta dos depoimentos recolhidos na internet. Aione Simões, dona do blog “Minha vida literária”, escreveu um *post* comemorando os dez anos de lançamento de *Harry Potter* no Brasil, onde ela fala acerca de sua experiência de leitora e fã que acompanhou a série por dez anos. A blogueira faz a seguinte afirmação: “comparações a [sic] parte, eu cresci com o Harry. Li meu primeiro livro

quando tinha a mesma idade dele e li meu último com a mesma idade dele também.”⁷¹. Muitos outros depoimentos online se acumulam na esteira do depoimento de Aione, nos quais leitores apaixonados garantem que cresceram junto de Harry, enfrentando as mesmas dores e amores da adolescência.

Esse amadurecimento cronológico que coloca Harry e seus leitores no mesmo patamar apareceu em algumas das respostas para o meu questionário. Um dos participantes fez a seguinte afirmação:

“Por ter acompanhado o lançamento dos livros, eu basicamente li cada uma das obras com a mesma idade dos personagens. Lembro que em *A Ordem da Fênix* me senti tão bravo quanto o Harry. Diversos pontos do meu processo de amadurecimento foram influenciados pelos livros.”

Apesar de não mencionar quais pontos de seu amadurecimento foram influenciados pelos livros, o aluno faz alusão ao fato de ter compartilhado com Harry o mesmo sentimento de irritação e injustiça enquanto lia o quinto volume da série. Durante as aulas do curso, em vários momentos os alunos justificaram a raiva aparentemente infundada de Harry em *The Order of the Phoenix* falando que todo adolescente de quinze anos já passou por algum momento de revolta, e que isso tinha relação direta com aquela fase da vida da pessoa.

Outra participante também argumentou a respeito deste amadurecimento cronológico, dizendo que a obra dialoga com seu próprio amadurecimento por conta da “percepção de pontos da personalidade [dos personagens] que se desenvolveram praticamente ao mesmo tempo que a minha.” Uma terceira aluna afirma que “o amadurecimento de todos os personagens reflete de uma forma ou de outra o amadurecimento de uma pessoa real. A mudança de comportamento e crenças é claro na história e é algo que também passamos.” Embora esta participante não afirme diretamente que o desenvolvimento cronológico das personagens acontece em correspondência direta a seu próprio desenvolvimento cronológico, ela levanta a questão do aprendizado sobre a vida, que é acumulado através da passagem do tempo.

Indo em outra direção, alguns participantes afirmaram que *Harry Potter* dialoga com seu amadurecimento enquanto indivíduo por conta da identificação com determinadas questões, que não necessariamente têm a ver com o desenvolvimento cronológico. Uma das participantes afirmou: “embora minha mãe tenha falecido quando eu já tinha 30 anos (em

⁷¹ <<https://www.minhavidaliteraria.com.br/2011/07/14/harry-potter-10-anos-de-historia/>> Acesso em: 10/05/2019.

2005) e eu já fosse independente, a dor da perda fez com que eu compreendesse melhor algumas atitudes que o Harry teve. Mesmo sendo adulta, sofri e amadureci junto com ele.”

É nítida a maneira como a idade também se coloca neste caso: a participante ressalta que mesmo sendo adulta, ou mais velha do que Harry, ela compartilhava com o personagem a mesma dor da perda dos pais, o que dá a entender que a obra trata de questões consideradas universais, como a morte e o luto, e que isso transpõe qualquer tipo de amadurecimento etário.

Uma aluna falou sobre como a série a fez enxergar a possibilidade de crescer sem amarguras:

“Além do amadurecimento cronológico, o que mais me identifico na narrativa é com o fato de o Lupin saber lidar com a ‘adversidade’ de ser um lobisomem sem perder a doçura nos momentos em que ele não está transformado. Eu aprendi muito com isso, porque hoje vejo a importância de não deixar os problemas te moldarem negativamente. Crescer sem endurecer. Respeitar a despeito de não ser respeitado.”

Ela menciona sua identificação com o personagem Lupin, que é um dos melhores amigos dos pais de Harry e que se transforma, mensalmente, em lobisomem. A narrativa de *Harry Potter* nos mostra a todo momento como este personagem consegue transcender o rótulo de “monstro” que é colocado sobre os homens que são marcados por este tipo de maldição, justamente porque ele consegue se colocar no mundo com uma humanidade não esperada para um lobisomem. É interessante que a aluna tenha mencionado este personagem em detrimento de outros, com maior protagonismo, e que passam pelo mesmo tipo de processo, porque talvez em Lupin a característica humana fique ainda mais clara, já que ele tem um lado claramente monstruoso.

Já foi discutido aqui a respeito de *Harry Potter* colocar maldade e bondade como questões que não são necessariamente pretas e brancas, e que elas basicamente dependam da escolha de ação do indivíduo. A trajetória de Harry mostra isso de uma forma bastante clara, e muito do seu amadurecimento enquanto sujeito vem do fato de ele entender que escolheu ser bom apesar de todo o sofrimento pelo qual passou. Talvez esse seja um dos principais temas abordados na narrativa da série. O que eu não esperava, no entanto, era que os participantes levantassem a existência de um outro tema que aparece em *Harry Potter* e que tem relação direta com seus próprios processos de amadurecimento: a amizade.

Vários alunos mencionaram como a representação da amizade em *Harry Potter* tem uma relação direta com o seu amadurecimento. Uma das alunas afirma que a série dialoga

com seu amadurecimento “principalmente na questão das escolhas e das amizades, tipo, eu prefiro um amigo Weasley do que Malfoy e como minhas escolhas me fizeram ser o que sou hoje.” Um outro participante, em resposta para esta quarta pergunta do questionário, afirmou:

“Ao tratar da amizade do trio protagonista me ensinou a perceber que há amigos e colegas, o valor daqueles que ficam do seu lado apesar dos desafios, a lealdade, a manter seus ideais mesmo que o ambiente não contribua. Estudei em escola pública de periferia, então o ambiente não era dócil e escolher bons amigos era crucial.”

Uma das alunas afirma que a representação da amizade na série possibilitou que ela fizesse amigos em sua vida privada: “*Harry Potter* me ensinou os valores de lealdade e amizade e a não temer a morte. Também foi os livros das sagas que me conectaram às pessoas do mundo real, por meio de RPG e encontro de fãs.” Outra aluna afirmou que a narrativa do menino bruxo mostrou a importância de alguns valores: “como as amizades verdadeiras são importantes e como às vezes temos que colocar o outro como prioridade.”

Por fim, uma participante mencionou que os conflitos existentes na relação de Harry, Rony e Hermione são conflitos comuns na adolescência, e que ela vivenciou vários deles: “(...) cresci lendo os livros e as situações de conflito, amizade, relacionamentos do trio percebi que várias situações na adolescência são comuns e que devemos contar com a ajuda dos amigos e mentores.” Conforme já debatido, o amadurecimento de Harry enquanto indivíduo não seria possível sem a ajuda e o acompanhamento de Rony e Hermione. Quando os leitores trazem a amizade do trio como uma representação de valor relevante, temos que admitir que ela – a amizade – também é um conceito bastante importante dentro da grande narrativa da série.

A amizade aparece com bastante força em vários episódios de *The Philosopher's Stone* porque é neste livro que as relações mais básicas entre os personagens são estabelecidas. Quando Draco Malfoy afirma que existem amigos melhores do que outros e que ele poderia ajudar Harry a se relacionar com essas pessoas, o garoto rebate dizendo que ele consegue, sozinho, escolher quem vai ser seu amigo⁷². É também neste livro que

⁷² “You’ll soon find out some wizarding families are much better than others, Potter. You don’t want to go making friends with the wrong sort. I can help you there.’ He held out his hand to shake Harry’s, but Harry didn’t take it. ‘I think I can tell who the wrong sort are for myself, thanks’, he said coolly.” (1997, p. 108)

Hermione diz a Harry que a amizade é um valor mais importante do que a inteligência⁷³ e que Dumbledore enuncia que as pessoas devem ser corajosas para enfrentar seus amigos⁷⁴.

A relação de amizade que salta aos olhos sempre será a de Harry, Rony e Hermione, mas a relação estabelecida entre muitos outros personagens permite o andamento da narrativa: vemos como a amizade entre os Marotos tem influência direta no percurso do próprio Harry; como a aliança entre grandes bruxos do passado, através da formação da Ordem da Fênix, foi capaz de deter Voldemort em sua primeira ascensão; como a amizade existente entre os jovens bruxos da geração de Harry conseguiu afugentar uma professora autoritária; como Harry, Rony e Hermione constroem um laço bastante forte com Hagrid, para além da relação professor-aluno.

É interessante que a amizade surja no discurso dos leitores de *Harry Potter* como um valor importante da narrativa da série porque quando estudamos literatura, lidamos com textos que abordam os mais variados tipos de relacionamento, sejam amorosos, familiares, o relacionamento entre o indivíduo e a sociedade, o relacionamento do indivíduo consigo mesmo, e, também, a amizade.

A amizade acontece através da identificação de uma pessoa com outra, é a criação de um laço de cumplicidade, lealdade e companheirismo em uma relação que não é hierárquica, mas sim, fundada em um princípio de igualdade. Na contemporaneidade, muitas obras cinematográficas, televisivas e literárias trazem, para o cerne de suas narrativas, este tipo de relação fraternal construída dentro de um grupo de amigos que, na convivência com seus semelhantes, formam-se a si mesmos.

Essa ideia é debatida no livro *Função Fraterna* (2000), organizado pela psicanalista Maria Rita Kehl. A autora recupera a ideia de “fratria”, que no mito das origens estudado por Freud possuía uma conotação bastante negativa: a constituição de uma fratria significava, necessariamente, que o pai – ou uma figura patriarcal – seria assassinada. Ao recuperar a ideia, a autora e os outros autores que escrevem o livro dão à palavra uma visão mais positiva, de estabelecimento de uma relação fraternal entre as pessoas, mostrando como a imagem do eu também é construída através do parâmetro de identificação com o outro:

⁷³ “‘Me!’ said Hermione. ‘Books! And cleverness! There are more important things – friendship and bravery – oh Harry – be *careful!*’” (1997, p. 287)

⁷⁴ “‘There are all kinds of courage,’ said Dumbledore, smiling. ‘It takes a great deal of bravery to stand up to our enemies, but just as much to stand up to our friends.’” (1997, p. 306)

É na circulação horizontal que se cria a possibilidade, para os sujeitos, de desenvolvimento de traços identificatórios secundários (em relação ao traço unário que dá consistência subjetiva ao *eu*), essenciais para permitir a diversificação das escolhas do destino, em relação às quais o traço unário é insuficiente. (2000, p. 43)

A autora ainda enuncia que as relações horizontais (construídas em detrimento de uma relação vertical e patriarcal) seriam as responsáveis pela modificação e atualização da linguagem e pelas pequenas transgressões realizadas contra figuras institucionais (KEHL, 2000, p. 43), além de serem relações características da democracia moderna, que permite que a troca de saberes e ideias aconteçam através de encontros e discussões das pessoas com os seus semelhantes. Ainda neste sentido, a ideia de fratria apresentada por Kehl demonstra que as pessoas possuem uma experiência de pertencimento para além do nicho da família nuclear.

Os motivos para a criação destes nichos de pertencimento, segundo Kehl e os demais autores do livro, seriam os mais variados. A própria Kehl fala a respeito da construção da identidade dos “manos” da periferia de São Paulo através das relações cantadas em forma de rap pelos Racionais. Joel Birman mostra como a produção cinematográfica estadunidense se vale desta ideia de fratria para criar a imagem da mulher, do louco e do velho – figuras que, de uma forma ou de outra, são minorias sociais e que, segundo o autor, são figuras que representam de forma bastante ilustrativa a noção de fraternidade.

Birman também discute como a fraternidade e sua representação na contemporaneidade fundamentam uma noção de ética bastante específica. Segundo o autor, a fraternidade só pode acontecer se o sujeito se reconhecer incompleto e precário, encontrando no outro este mesmo estado de incompletude e percebendo, portanto, que o *eu* e o *outro* se encontram em estado igualitário de não-suficiência, o que gera identificação. De acordo com o autor, esta ideia de igualdade entre os semelhantes possui respaldo histórico, calcado no conceito de precariedade, que só foi passível de existir junto da modernidade⁷⁵. Esta ideia é colocada em contraste com o ideário de autossuficiência presente nas antigas comunidades aristocráticas, que, de certa forma, ainda está presente no imaginário coletivo e que, no limite, permite que certos indivíduos almejem se colocar em uma posição de poder. Birman ainda afirma que “a *solidariedade* é a consequência imediata da ética do laço fraterno” (2000, p. 185), pensando em atitudes coletivas que viriam a beneficiar grupos com relações igualitárias.

⁷⁵ “O ideário igualitário, que marcou a modernidade, se fundou no pressuposto desta insuficiência subjetiva, criticando mesmo a noção de plenitude. A autossuficiência, como princípio, implica uma hierarquia de base, segundo a qual alguém pode afirmar que pode prescindir os outros, pois se bastaria. (...). Não existiria qualquer igualitarismo possível, enfim, fundando-se neste princípio, já que a lógica da onipotência se imporia desde a origem do sistema em questão.” (2000, p. 184)

De acordo com as minhas análises do texto de *Harry Potter*, é possível ver como a relação de amizade construída entre o trio de personagens principais é extremamente baseada no conceito de igualdade e de dependência mútua, mas não em um sentido pejorativo. Harry, órfão de pai e mãe e renegado pela família em que está inserido, encontra em Rony e Hermione o amor, o carinho e o apoio necessário para poder cumprir sua jornada dentro do mundo bruxo. Rony, que se sente diminuído em suas relações familiares, consegue encontrar seu próprio valor na vivência com Harry e Hermione. Desta última, muito pouco se fala sobre sua relação com seus familiares e muito se fala de sua relação conflituosa com aqueles que a enxergam como sangue ruim. É com Harry e Rony que Hermione se verá em pé de igualdade, onde ela encontra espaço para dar voz aos seus ideais.

É interessante que as diferenças entre os personagens do trio são salientadas a toda hora na história: é Hermione quem faz a lição de casa para os garotos, é Harry quem sempre vai agir na impulsividade, é Rony quem sempre será o alívio cômico. Mas os seus ideais para o futuro acabam sendo os mesmos: derrotar Voldemort. E os três sabem que a tarefa só pode ser feita se eles trabalharem em conjunto. De toda forma, os interesses do trio acabam sendo os mesmos interesses da sociedade bruxa, onde todos, marcados pelas suas diferenças, agem em prol do bem comum.

Neste sentido, a narrativa deixa bastante clara a importância da lealdade e também da fraternidade em momentos de crise, seja ela uma crise social ou uma crise subjetiva. Harry, que é um personagem que tem tendências muito grandes ao heroísmo, tenta persuadir Rony e Hermione a não viajar com ele em sua jornada de destruição de Voldemort. Os amigos já haviam tomado medidas drásticas para esconderem e protegerem suas famílias: Hermione realizou um feitiço em seus pais para que eles perdessem a memória e esquecessem que tinham uma filha e Rony transfigurou um vampiro para que este parecesse com ele próprio, fazendo com que Harry reconhecesse a importância deste grande ato de amizade e coragem e com que os leitores identificassem, mesmo sem saber, a função fraterna dentro do enredo da série:

There was a silence in the room, broken only by gentle thuds as Hermione continued to throw books onto one pile or the other. Ron sat watching her, and Harry looked from one to the other, unable to say anything. The measures they had taken to protect their families made him realize, more than anything else could have done, that they were really going to come with him and that they knew exactly how dangerous it would be. He wanted to tell them what that meant to him, but he simply could not find words important enough. (2007, p. 99)

Quando os participantes do curso afirmam que *Harry Potter* dialoga com seus amadurecimentos porque a obra ensina valores importantes como a amizade e a coragem, eles reforçam, de certa forma, o valor da função fraterna que está presente no enredo na série. Como aludido por Birman e Kehl, a nova valorização do conceito de fratria tem uma motivação histórica forte, marcada pela mudança no imaginário coletivo da contemporaneidade. *Harry Potter* é uma obra literária contemporânea e, assim como outras, carrega consigo os valores da sociedade em que está inserida. A série não poderia representar melhor a forma da função fraterna nas relações entre seus personagens, que são baseadas em um caráter de igualdade, de respeito, de apoio e de interesses em comum.

Gostaria de retomar, aqui, a resposta de um aluno para esta quarta pergunta do questionário: “ao tratar da amizade do trio protagonista me ensinou a perceber que há amigos e colegas, o valor daqueles que ficam do seu lado apesar dos desafios, a lealdade, a manter seus ideais mesmo que o ambiente não contribua.” Acredito que, como uma boa história dedicada ao público infanto-juvenil, *Harry Potter* possui alguns toques de ensinamento moral e esta resposta, assim como várias outras, ilustra bem o caráter educativo da história. Mais importante do que ver seu próprio amadurecimento retratado no amadurecimento de Harry, os participantes da pesquisa tiraram lições sobre altruísmo, igualdade, lealdade e coragem para poderem levar para suas próprias vidas.

2.6 *Harry Potter*: um romance de formação de leitores?

Pesquisar *Harry Potter* para meus trabalhos de mestrado e, anteriormente, de iniciação científica, me deu a oportunidade de constatar e confirmar certos elementos que eu apenas notava, sem nenhuma pretensão, quando ainda era uma leitora e fã apaixonada pela obra de J.K. Rowling. Uma dessas informações que pude constatar com mais clareza é a de que os leitores de *Harry Potter* gostam muito de falar sobre suas experiências de leitura da série, seja nas redes sociais, em blogs ou em encontros de *fandom*.

Foi bastante emblemático para mim ver como as pessoas estavam se manifestando a este respeito em 2017, ano em que se celebraram os vinte anos de publicação de *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*. Os depoimentos no estilo “como *Harry Potter* mudou a minha

vida” se multiplicaram aos montes pela internet⁷⁶, recolhidos, em sua maioria, por sites especializados na série ou de divulgação de notícias. O teor destes depoimentos variava minimamente, e todos, em sua essência, pareciam afirmar que *Harry Potter* havia dado a oportunidade de leitura para pessoas que ou não liam nada, ou liam muito pouco.

Luiz Guilherme Boneto, que é colaborador do site *Potterish*, foi convidado pelo blog da Editora Rocco a escrever um texto dedicado aos futuros leitores de *Harry Potter*⁷⁷, no qual ele fala a respeito do potencial transformador da obra em sua própria vida:

(...) honestamente não acredito que meu gosto pela leitura e pela escrita tenha vindo de um dom divino – foi algo desenvolvido durante a minha adolescência inteira. E se houve uma série de livros que teve papel crucial na elaboração do meu espírito crítico, definitivamente foi *Harry Potter*. Esse poder, de não apenas criar gosto pela leitura, mas de transmitir valores e auxiliar na formação moral e no desenvolvimento do espírito crítico, é um aspecto que *Harry Potter* manterá para sempre. Se livros são companheiros para a vida toda, a nossa série é também uma amiga, e haverá de sê-lo também para muitos outros que virão depois de nós.

Esse orgulho que Luiz Guilherme apresenta por ter entrado em contato com a leitura através de *Harry Potter* é o mesmo orgulho que estava presente no discurso dos participantes do Clube do Livro de *Harry Potter* que mediei na Livraria da Vila. É o mesmo orgulho que estava presente no discurso de amigos pessoais e conhecidos que escreveram suas próprias reflexões durante a comemoração dos vinte anos de lançamento de *The Sorcerer's Stone*. É, também, o mesmo orgulho presente na voz dos alunos de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”, replicados ora em fala, ora em texto, através da resposta aos questionários.

Era uma constante, nas aulas, os alunos enumerarem as várias vezes que releram algum livro da série de *Harry Potter*, bem como apontarem seus livros preferidos de cada “fase” da história – e isso aconteceu nas duas edições do curso. Na segunda, mais recente, uma das alunas afirmou que havia parado de contar o número de vezes que leu *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* na décima quarta vez, sendo este o seu livro preferido da série inteira. Outro aluno, que frequentou as duas edições de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*”, fez uma declaração bastante emocionante acerca de suas releituras: “toda

⁷⁶ O site BuzzFeed publicou dezoito depoimentos de pessoas que falavam como *Harry Potter* havia mudado a vida delas: < <https://www.buzzfeed.com/br/jenniferschaffer/18-formas-magicas-das-quals-harry-potter-mudou-s>> Acesso em: 31/05/2019.

A editora Rocco também fez uma postagem comemorativa a respeito dos vinte anos de lançamento de *The Philosopher's Stone*: < <https://www.rocco.com.br/blog/os-vinte-anos-de-a-pedra-filosofal-e-o-retorno-a-infancia/>> Acesso em: 31/05/2019.

⁷⁷ <<https://www.rocco.com.br/blog/para-os-novos-leitores-um-velho-e-adoravel-sentimento/>> Acesso: 31/05/2019.

vez que eu releio *Harry Potter* é como se eu estivesse lendo um livro novo; não porque o livro mudou, mas porque eu não sou o mesmo.”

Por que *Harry Potter* é uma leitura da qual as pessoas se orgulham tanto? Por que a obra é relida um sem número de vezes, com reflexões como esta levantada pelo aluno do curso? *A priori*, minha hipótese, baseada nos depoimentos que eu encontrava e lia na internet, era sempre a mesma: *Harry Potter* é uma leitura que comove seus milhões de leitores porque muito provavelmente eles entraram para o maravilhoso mundo da literatura por conta das aventuras de Harry, Rony e Hermione. Reitero que este tipo de discurso é amplamente difundido na rede e a imagem que eu tinha do leitor empírico de *Harry Potter* era justamente esta: de uma pessoa que, a partir de *Harry Potter*, migrou para várias outras leituras.

Harry Potter seria, por assim dizer, uma leitura de iniciação. Em *Como se fizesse um cavalo* (2012), a premiada autora brasileira Marina Colasanti recupera, em uma conferência, toda a sua vida de leitora. Ela se vale da metáfora da escultura do cavalo, atribuída a Michelangelo, para tentar se lembrar de qual livro seria seu livro fundador: se lhe retirassem da frente todos os livros já lidos, assim como se retirassem vários pedaços de uma grande rocha para esculpir um cavalo, qual livro sobraria? Qual livro seria o livro que iniciou sua vida de leitora?⁷⁸

Uma parte dos críticos que escreveram sobre Rowling e sua prosa, conforme discutimos mais acima⁷⁹, afirmam que talvez o único grande mérito da autora tenha sido o de

⁷⁸ A reflexão levantada por Marina Colasanti é a seguinte: “Recentemente, buscando material para organizar um curso, debrucei-me sobre biografias e depoimentos de escritores, de pessoas ligadas a leitura, ou apenas de grandes leitores. E o que mais me fascinou foi ver repetida, em versões diversas, a experiência do primeiro livro, do livro fundador que nunca mais se esquece, aquele que abriu as portas para todos os que viriam depois. É um encontro possível somente graças a uma série de conjunções internas e externas, quase mágico. É uma revelação.” (2012, p. 19)

⁷⁹ Motoko Rich, que é repórter do *The New York Times*, em um texto publicado na Folha de S. Paulo, no ano de 2007, afirma: “de todos os poderes mágicos utilizados por Harry Potter, talvez nenhum tenha exercido mais encantamento do que sua suposta capacidade de transformar os hábitos de leitura dos jovens. Numa espécie de mitologia sobre a série extremamente popular da britânica J.K. Rowling, muitos pais, professores, bibliotecários e livreiros lhe deram crédito por inspirar uma geração de crianças a ler por prazer, em um mundo dominado por mensagens instantâneas e downloads de músicas.” Isabela Boscov, no já mencionado texto ‘Agora acabou’, afirma que o maior mérito do trabalho de Rowling é o de ter possibilitado que crianças não-leitoras se tornassem leitoras: ‘O que esses cétricos [os críticos de Rowling] se perguntam, então, é se *Harry Potter* é uma iniciação a uma vida de leitura ou a única leitura que muitas dessas crianças se animarão a fazer na vida. Os 325 milhões de exemplares vendidos por Rowling até *As Relíquias da Morte* sugerem que algo de positivo, sim, há de sobrar desse fenômeno. Nem que seja apenas a constatação de que não pode ser somente responsabilidade de uma única autora resolver o problema – o desinteresse de toda uma geração pela palavra escrita – para o qual pais e professores não conseguem encontrar solução adequada.’”

ter levado uma geração inteira de crianças e adolescentes a tomarem gosto pela leitura, cumprindo um papel que a escola, por exemplo, parece, até hoje, não conseguir atingir.⁸⁰ Como eu sempre concordei com este argumento, justificava que *Harry Potter* era uma obra fundadora por causa de sua forma narrativa: por apresentar uma estrutura que dialoga com o romance de formação, esta forma faria com que os leitores da série se identificassem com o protagonista e, como uma consequência não esperada, essa identificação fez de *Harry Potter* o sucesso que ele é. Sucesso este que levou milhões de leitores mundo afora a se tornarem leitores.

Entretanto, não foi exatamente isto que os participantes da minha pesquisa de campo trouxeram em suas respostas à última pergunta do questionário⁸¹. Esse dado, o de que *Harry Potter* seria a leitura inicial destas pessoas, até apareceu, mas outra informação, muito mais significativa, veio na esteira da ideia de leitura formadora: *Harry Potter* foi, para muitos desses leitores, uma espécie de ritual de passagem.

Harry Potter foi publicado no Brasil nos anos 2000. Quando a série foi lançada aqui pela editora Rocco, quatro livros de *Harry Potter* já haviam sido publicados na Inglaterra, de modo que a editora lançou, naquele ano, os três primeiros volumes da série: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta* e *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*⁸². *Harry Potter e o Cálice de Fogo* viria a ser publicado aqui somente em 2001, e os livros subsequentes seguiram os anos de publicação na Inglaterra.

Os leitores que acompanharam os anos de lançamento (e, consequentemente, de crescimento) de *Harry Potter* no Brasil, se tivessem começado a ler os livros com 11 anos de idade nos anos 2000, teriam nascido no ano de 1989. Dediquei-me a fazer todas estas contas porque queria ver se havia alguma relação de idade entre a dita “geração *Harry Potter*

⁸⁰ Escrevendo mais uma vez para a revista *Veja*, desta vez para promover o último filme da franquia, *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte II*, Isabela Boscov faz uma consideração que converge com o argumento de que *Harry Potter* seria uma obra fundadora: “[J.K. Rowling] é, sim, a autora que foi capaz de seduzir com eles [temas da morte, amizade e amor] uma geração pouco dada à leitura. E ler, em especial na infância, é aprender a dominar certos mecanismos complexos de abstração – projetar-se, identificar-se e também equacionar conflitos íntimos por meio de símbolos, signos e ideias.”

⁸¹ A pergunta era: “*Harry Potter* mexeu com sua vida de leitor? Justifique sua resposta.”

⁸² Os sete volumes da série *Harry Potter* foram traduzidos para o português brasileiro por Lia Wyler, junto de *Animais Fantásticos e Onde Habitam*, *Quadribol Através dos Séculos* e *Os Contos de Beedle, o Bardo*. A tradução de Wyler é reconhecida pela crítica e pela própria J.K. Rowling como uma das melhores traduções feitas à série.

brasileira”⁸³ e os leitores que participaram da pesquisa. A média de idade que os sujeitos de pesquisa tinham quando leram *Harry Potter* era de 13 anos, e a média de idade que eles tinham quando participaram do curso era de 28 anos – se aproximando bastante da idade da geração que acompanhou os anos de publicação de *Harry Potter* no Brasil.

Em um primeiro momento, analisei os dados dos participantes que haviam lido *Harry Potter* dentro da média de idade calculada, ou seja, dos dez aos treze anos. Indaguei, posteriormente, como estes leitores haviam chegado a *Harry Potter* e grande parte deles afirmou que foi através dos filmes, ou seja, primeiro eles assistiram ao filme para só depois lerem o livro. Além disso, estes participantes afirmaram possuir condições prévias favoráveis para a compra, empréstimo ou ganho de livros: há aqueles que conseguiam comprar os livros conforme eles foram sendo lançados, há aqueles que contavam com o empréstimo de parentes próximos ou pegavam os livros emprestados de bibliotecas escolares e há aqueles que foram presenteados com os livros.

Doze dos vinte e oito sujeitos leram a série dentro da idade média e apenas três deles afirmaram que *Harry Potter* era sua leitura fundadora. Neste sentido, eles afirmam que “*Harry Potter* é o responsável pela existência da minha vida de leitor”, “*Harry Potter* foi crucial para a minha jornada de leitora” e “Ele não mexeu (com minha vida de leitor), ele iniciou. Foi o primeiro livro que eu lembro de ter lido sozinha, e de ter tido prazer em ler.”

Por outro lado, os demais participantes que se encontravam dentro da média da idade afirmaram que *Harry Potter* simbolizava mais um amadurecimento da sua vida de leitor do que qualquer outra coisa, conforme podemos notar em algumas respostas replicadas abaixo:

- “(...) antes dele eu nunca tinha lido livros tão longos que não tivessem desenho, depois de ler HP eu percebi que dava pra ler e me divertir com histórias longas (...)” [começou a ler *Harry Potter* com 11 anos]
- “*Harry Potter* foi o primeiro livro sem gravuras que eu li. Ele abriu as portas para a literatura juvenil e me fez ir atrás de outros livros que me fizessem sentir a mesma alegria que eu tinha com a obra de J.K. Rowling.” [começou a ler *Harry Potter* com 11 anos]
- “(...) Eu lia antes de conhecer *Harry Potter*, mas sempre livros de poucas páginas ou gibis. A série e sua leitura fácil me levou a colecionar livros e a melhorar meu hábito de leitura”. [Começou a ler *Harry Potter* com 12 anos]
- “Os livros da série abriram portas para que eu passasse a me interessar por livros considerados mais ‘complexos’.” [Começou a ler *Harry Potter* com 10 anos]

⁸³ Ou seja, as pessoas que leram *Harry Potter e a Pedra Filosofal* com 11 anos e acompanharam, cronologicamente o crescimento de Harry.

- “Influenciada por minha mãe sempre adorei ler, mas creio que para mim *Harry Potter* foi a obra responsável por me introduzir ao mundo dos ‘grandes romances fantásticos’”. [Começou a ler *Harry Potter* com 12 anos]

- “*Harry Potter* foi minha porta de entrada para a leitura. Talvez isso não seja muito justo, eu sempre li muito gibi, mas livros mesmo começou com *Harry Potter*”. [Começou a ler *Harry Potter* com 11 anos]

Percebe-se que estes leitores salientam como *Harry Potter* é uma obra mais complexa do que seu repertório de leitura anterior, seja porque os livros apresentam um grande número de páginas, seja pela falta de ilustrações, seja pelo tamanho da história como um todo. No caso destes leitores, *Harry Potter* funcionou como uma leitura de iniciação – mas uma leitura de iniciação a livros mais complexos se comparados aos infanto-juvenis e aos gibis que os participantes liam antes de terem entrado em contato com a história de Harry.

Se analisarmos as respostas dos participantes que leram *Harry Potter* fora da média de idade para menos (dos 7 aos 9 anos) veremos que há uma convergência entre os dados que apresentamos anteriormente, ou seja, que *Harry Potter* é considerada uma leitura que marca ora um amadurecimento literário, ora uma iniciação literária, tendo influenciado, inclusive, a escolha de carreira de uma das participantes:

- “Até os meus 9/10 anos, eu só lia livros com imagens e *Harry Potter* foi o primeiro livro sem imagens que eu li e isso mudou minha forma de ler.” [Começou a ler *Harry Potter* com 9 anos]

- “*Harry Potter* foi o marco de passagem no meu amadurecimento como leitor. Os primeiros livros da saga me consolidaram na leitura de livros em si, pois minha base fixa anterior eram histórias em quadrinhos e mangás.” [Começou a ler *Harry Potter* com 7 anos]

- “A partir da leitura dos livros que me tornei uma leitora voraz. Além disso, foi algo que influenciou minha escolha profissional e acadêmica (Letras, Tradutor/Intérprete – Português/Inglês).” [Começou a ler *Harry Potter* com 8 anos]

Os participantes que extrapolaram a média de idade para mais (dos 14 aos 18 anos) veem, em sua maioria, *Harry Potter* como uma leitura de cabeceira:

- “Os livros de *Harry Potter* são aqueles para os quais me volto quando não estou disposta a ler quaisquer outros livros.” [Leu a série aos 17 anos]

- “Foi a primeira vez que virei uma noite lendo e adorei a sensação. Foi também a primeira vez que eu li uma série mais de uma vez e descobri que é possível redescobrir o mesmo universo a cada leitura. HP é a história que eu quero ler para os meus filhos.” [Leu a série aos 17 anos]

- “*Harry Potter* foi a primeira série de livros que li por curiosidade/prazer, e foi amor à primeira vista, tanto que reli anualmente nos quatro anos seguintes.” [Leu a série aos 15 anos]

Aparentemente, há alguma relação entre a idade em que as pessoas leram *Harry Potter* e a forma com que elas enxergam a importância da obra em suas vidas de leitores: *Harry Potter* é uma leitura de iniciação literária e é uma leitura de cabeceira, mas, mais do que isso, ela é uma leitura que demarca, de alguma forma, o amadurecimento dessas pessoas enquanto leitores. Em todos os casos, a história de Harry ganha significado afetivo para essas pessoas por motivos diferentes, mas que são bastante relevantes para sua manutenção na vida adulta, como, por exemplo, a escolha profissional e a da história para contar aos filhos.

Todos esses leitores se orgulham muito de terem lido *Harry Potter* porque, de uma forma ou de outra, a série é uma obra de transição, um divisor de águas em suas vidas: de não leitores passam a leitores, de leitores médios passam a leitores complexos. Por leitor médio, eu entendo as pessoas que já possuíam alguma experiência de leitura que ainda não era voltada a um repertório de romances e outras formas literárias, como por exemplo, a leitura de gibis, revistas e mangás. O leitor complexo, na minha visão, continua tendo os gibis em seu repertório de leitura, mas também se volta à leitura de outros gêneros. Na grande maioria dos casos, os participantes aludem a como a forma dos livros é importante para marcar a transição: a narrativa é grande e sem ilustrações. Criei essas categorias com base nas respostas à quinta pergunta do questionário.

Se *Harry Potter* oscila entre duas esferas de forma – a de narrativa para crianças, que remonta ao conceito de herói romanesco ao mesmo tempo em que mostra a construção da subjetividade de um indivíduo tendo que crescer para lidar com as adversidades da vida – ela também oscila, majoritariamente, entre duas esferas de leitura: a de iniciação e a de transição. Ambas demarcam a ideia de crescimento, de formação: ora os leitores saíram do “nada” literário para chegar a algum lugar literário, ora eles saíram de um terreno literário considerado médio para chegar a um terreno literário considerado complexo.

Há, ainda, alguns casos de exceção que devem ser mencionados: as respostas dos participantes que leram *Harry Potter* muito depois da média de idade (depois dos 20 anos) ou muito antes dessa média (aos 6 anos). Em dois casos, as participantes leram a série com 23 e 27 anos, e ambas afirmaram que *Harry Potter* apenas complementou seus hábitos de leitura.

Uma das participantes leu a série aos 25 anos e seu relato merece destaque, dadas as considerações que ela faz acerca de sua experiência de leitura como um todo:

“Quando eu li a série, estava num momento de retomada da leitura. Eu li os livros numa espécie de clube de leitura que tínhamos no meu trabalho. Nós trocávamos os livros, emprestavamos uns para os outros. Tanto é que não li os livros na ordem cronológica. Nessa época, também li *O Senhor dos Anéis* e muitos outros livros, graças a esse clube. Foi muito interessante, porque retomei uma coisa que sempre gostei, que é a leitura, mas de uma forma diferente, compartilhando. E hoje eu tenho uma ideia diferente sobre os livros. Antes queria tê-los, além de lê-los, mas hoje quero apenas lê-los, acho que o que importa mesmo é a experiência da leitura e do compartilhamento. Mas claro que tem alguns livros que gosto de guardar fisicamente, mas a maioria, hoje, guardo apenas na memória e na alma.”

Esta leitora possuía condições financeiras prévias que permitiam a compra de livros, mas parece que este não era um fator que a aproximava da leitura como uma atividade subjetiva, ou seja, uma atividade que acontecia no âmbito da experiência e do aproveitamento pessoal. Ter o livro era tão importante quanto ler o livro. Ler o livro passou a ser mais importante do que qualquer outra coisa a partir do momento em que a experiência da leitura acontece dentro de uma rede de compartilhamento, como um clube de leitura. E *Harry Potter* é a obra que marca, mais uma vez, essa transição de fase – e, neste caso, de valores: a série estava lá quando a aluna passou a guardar as histórias na “memória e na alma”.

Há, ainda, o caso de uma participante que leu a série aos seis anos, bem mais nova que o restante da turma:

“Eu já lia bastante antes, mas nada como HP: eu lia um livro em um dia aos sete anos. Minha mãe não queria que eu lesse só HP, então para cada livro de HP que eu lia, eu tinha que ler cinco livros de literatura nacional, às vezes até mais. Com isso, apanhei muito gosto e rapidez para leitura, algo que eu tenho até hoje e foi decisivo para o curso que estou hoje (Medicina).”

O depoimento desta participante revela que *Harry Potter* ajudou com que ela criasse um forte hábito de leitura desde uma idade muito precoce, o que, segundo ela, foi algo bastante decisivo para sua entrada no curso de medicina. Nas aulas do curso, ela demonstrava que possuía um repertório de leitura bastante amplo, que não se resumia apenas às leituras literárias, mas também de textos críticos das mais diversas áreas. Neste caso, aparentemente, é possível concluir que *Harry Potter* foi uma espécie de teia de leitura da aluna, já que os sete livros possibilitaram que ela construísse uma rede interconexa de livros.

Além disso, esta participante deixa evidente que teve que negociar a leitura de um livro que ela gostava de ler com outros livros que ela era obrigada a ler com a mãe, uma adulta que recomendava que a filha lesse livros de literatura brasileira. *Harry Potter* foi tão importante na vida desta participante que ela aceitava pagar um preço – ler livros considerados maiores, mais importantes – para poder ter a oportunidade de entrar em contato

com o mundo mágico de J.K. Rowling. Havia chances de que a relação que esta aluna construiu com a leitura fosse apenas mecânica, afinal de contas, ela era obrigada a ler outros livros que não *Harry Potter*, mas isso não aconteceu. E talvez a responsabilidade de a aluna ter criado uma boa relação com a leitura tenha sido justamente de *Harry Potter*.

Esses casos de “desvio da idade” apresentam relatos muito diferentes porque ou as participantes eram mais velhas do que Harry, não tendo como crescer com ele, ou era muito mais nova que ele, o que também não permitia uma certa consonância para acompanhar o crescimento do personagem. Diferente dos casos de leitores que se encontram dentro ou muito próximos da média de idade de leitura, não ter crescido junto de Harry parece ter criado um impacto diferente de leitura para estas participantes.

Aqueles que acompanharam cronologicamente o crescimento de Harry parecem criar uma relação mais próxima com os livros de *Harry Potter* e com a própria experiência de leitura. Eles têm orgulho em falar, além de insistirem na ideia de que a obra funciona como um rito de passagem em suas vidas, justamente por ela ter criado novas experiências com a leitura literária: seja a iniciação desta, seja torná-la mais complexa, seja classificá-la como leitura de cabeceira.

Para a participante que leu *Harry Potter* em um momento de retomada de leitura, a obra em si não parece ter sido a única responsável pela mudança em seu olhar: a experiência de compartilhamento de livros foi mais importante do que a forma da narrativa. Para a aluna que leu a obra bastante criança, a leitura dos livros contribuiu para que ela passasse a ler mais e mais rápido, além de ter encontrado prazer na leitura mesmo diante do cenário de negociação com um adulto, mesmo diante de todas as concessões que ela teve que fazer para poder ler a obra que tanto gostava.

Embora haja esta diferença entre a experiência de leitura destes diversos grupos de leitores, todos os participantes – da pesquisa em si e do curso também – falam sobre *Harry Potter* de forma apaixonada. Seus discursos, seja nas respostas ao questionário, seja em suas participações na sala de aula, mostram como a série criada por J.K. Rowling é extremamente importante para eles... Importante a ponto de as pessoas se deslocarem até a Cidade Universitária durante cinco sextas-feiras para poderem discutir essa obra que eles tanto amam.

PARTE 3

“Your mother died to save you.

If there is one thing Voldemort cannot understand, it is love.

He didn’t realize that love as powerful as your mother’s for you leaves its own mark.

*Not a scar, no visible sign...to have been loved so deeply,
even though the person who loved us is gone, will give us some protection forever.*

It is in your skin.”

Harry Potter and the Sorcerer’s Stone, p. 299

3.1 A forma narrativa de *Harry Potter*

Na primeira parte desta dissertação, discuti como diversos autores das mais variadas áreas de estudo se dedicaram a investigar o porquê de *Harry Potter* fazer tanto sucesso, dando especial atenção ao trabalho de Isabelle Smadja. Conforme apresentado anteriormente, a autora afirma que a série é escrita em cima de um paradoxo narrativo porque ela consegue integrar, em um todo bastante coerente, um universo maravilhoso repleto de situações mundanas, realistas.

Nelly Novaes Coelho, no artigo “O fenômeno *Harry Potter* e nosso tempo em mutação” apresenta alguns fatores que justificariam o sucesso da série: o mercado e a forma literária. A autora também afirma que *Harry Potter* é escrito sob um paradoxo narrativo, mas apresenta uma visão diferente da de Smadja do que seria este paradoxo:

(...) vemos a série novelesca de *Harry Potter* como um inteligente amálgama de heranças dos tempos primordiais (mitos, arquétipos, processos de iniciação do saber oculto, mistérios de alquimia, etc. que permanecem no inconsciente coletivo) fundidas com dados reais do nosso mundo atual (tecnológico, informático, cibernético, com suas ‘magias’ inventadas pela ciência). Fruto dessa fusão, a série *Harry Potter* se oferece como uma pequena obra prima da construção literária, pela arte da escrita de J.K. Rowling.⁸⁴

Apesar de as autoras possuírem uma leitura⁸⁵ de *Harry Potter* que divergem bastante da minha proposta de análise, eu concordo com ambas quando elas afirmam que a história se constrói sob um paradoxo narrativo. *Harry Potter* fala sobre o funcionamento de uma sociedade cem por cento mágica, que possui políticas que permitem este funcionamento, um esporte, criaturas e até mesmo quitutes próprios, além de Hogwarts. Ao mesmo tempo que *Harry Potter* mostra como a magia se concretiza pelos mais diversos meios, a série traz até seus leitores personagens bruxos em processo de crescimento e amadurecimento, tendo de lidar com questões bastante humanas; questões reais demais para que possam ser resolvidas com um pequeno toque de varinha. *Harry Potter*, portanto, é uma série que caminha no entremeio de alguns gêneros literários, dentre os quais salientei a importância do romanesco e do romance de formação para, principalmente, construir os personagens principais da série.

⁸⁴Disponível em: <<https://www.hildahilst.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Harry-Potter.pdf>> Acesso: 28/06/2019.

⁸⁵ A leitura de Smadja de *Harry Potter* se aproxima dos estudos da psicanálise e da pedagogia, e a de Coelho se aproxima dos estudos da filosofia.

De certa forma, as respostas dos participantes de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” vieram ao encontro desta proposta de leitura para a narrativa da série. Muitos deles afirmaram, principalmente nas respostas à segunda pergunta do questionário, que seu encantamento pelo espaço narrativo vem justamente do fato de ele estar inserido entre a magia e a realidade:

- “Todo o mundo bruxo de *Harry Potter* me cativa muito. Não só em relação a magia (feitiços e animais) em si, mas principalmente a questão do que os relacionamentos interpessoais podem trazer de benefício ou não, por exemplo.”
- “Ao decorrer da saga, vários elementos do mundo bruxo são revelados, e estudar em Hogwarts parece ser uma experiência incrível. A magia é obviamente atrativa – aprender a usá-la e ter um espaço seguro para a comunidade bruxa é ainda mais. Além disso, o senso de união em cada casa é muito forte.”
- “Hogwarts é a escola dos sonhos de qualquer nerd (e daqueles que não são também, penso eu), um lugar que você pode morar durante o semestre letivo e ficar totalmente imerso em um ambiente repleto de conhecimento, possibilidades, experiências, e, acima de tudo, magia.”
- “É muito atrativo (o espaço narrativo), pois sempre me interessei sobre o tema da bruxaria, mágica, coisas fantásticas. E também sempre me interessei por educação, escola, ambiente escolar, amizades do tempo de escola, relações que se formam no período escolar.”

Não tinha a intenção de que os sujeitos de pesquisa nomeassem os pormenores da narrativa em suas reflexões sobre o espaço em que a história acontece, mas mesmo sem dizer “maravilhoso” ou “fantástico” ou “realismo”, eles também afirmam que *Harry Potter* se constrói em cima de um paradoxo narrativo justamente por trazer um espaço mágico que gera identificações reais, como a vivência escolar, as relações de amizade e amor construídas durante os anos de colégio, os conflitos e, até mesmo, o fato de os personagens da série terem que fazer testes e lições de casa.

E não é apenas na questão sobre o espaço narrativo que os leitores empíricos de *Harry Potter* fizeram alguns apontamentos sobre os gêneros literários presentes na série. Para falar sobre sua identificação com os personagens, os participantes levantaram questões sobre o *ethos* de Harry que mostram como suas leituras pessoais também enxergam características heroicas no personagem em suas respostas para a terceira pergunta do questionário, enaltecendo como a coragem e o sangue frio do personagem seriam fatores que geram reconhecimento:

- “Hermione Granger, em grande parte, por ser a mais aplicada aos estudos, interessada por conhecimento e solucionadora de problemas. Mas um pouco também com Harry, por ter atitudes impulsivas e rebeldes, e por estar o tempo todo descobrindo seus arredores.”

- “(...) Com o Harry, a impetuosidade, nem sempre pensar antes de agir.”

- “Harry: a revolta por não ter mais os pais vivos, a coragem para lutar por seus objetivos, a confiança, a lealdade.”

Até mesmo durante as aulas do curso, os alunos afirmavam a todo momento o quanto Harry tinha a “cabeça quente”, pensando muito pouco para tomar qualquer decisão e como ele possuía um pendor natural para salvar os outros. A coragem, que aparece na resposta dos alunos que se identificam com o personagem, é outra característica que o relaciona com os heróis de narrativas épicas e romanescas. É importante reafirmar, também, que as respostas dos alunos foram dadas antes de eu começar a ministrar as aulas do curso e que, portanto, eles ainda não possuíam nenhum tipo de contato com a leitura que eu faço sobre *Harry Potter* para construírem seus próprios pontos de vista.

As reflexões trazidas pelos leitores de *Harry Potter* apontam que a narrativa da série perpassa por diversos gêneros narrativos, onde o maravilhoso, o romanesco e o próprio romance moderno realista são os mais evidentes. Acredito que seja bastante complicado tentar afirmar o que faz da série de J.K. Rowling o sucesso que ela é, porque há uma variedade de fatores envolvidos que podem vir a fazer parte da “fórmula do sucesso”, se é que há alguma fórmula⁸⁶.

Por outro lado, acredito que a mobilidade de gêneros literários presente dentro da narrativa faz com que muitos leitores se encantem e, ao mesmo tempo, se identifiquem com as questões debatidas pela obra – e isso pode ser comprovado pelos depoimentos dos leitores que participaram do meu estudo. Conforme analisado anteriormente, Hogwarts é, para estes leitores, um espaço narrativo de projeção; é uma escola, que apresenta uma realidade bastante próxima da realidade dos leitores *ao mesmo tempo* em que ensina magia, que guarda mistérios, que possui criaturas fantásticas.

Harry é corajoso, consegue salvar o dia, é o herói do time de quadribol da escola e derrotou o maior bruxo das trevas de todos os tempos *ao mesmo tempo* que sofre por ter perdido sua família e por ver cada um de seus mentores deixá-lo sozinho no mundo. Esse “*ao mesmo tempo que*” parece conceber toda a narrativa de *Harry Potter*. Ao caminhar entre

⁸⁶ Muitos fóruns de internet discutem se *Harry Potter* possui uma fórmula de sucesso, passível de ser incorporada a outros textos para que eles se tornem “o próximo *Harry Potter*”, assim como muitos sites prometem a “receita” do *best-seller* perfeito, inspirado em *Harry Potter*. Há, inclusive, um livro intitulado “O segredo do *best-seller*”, escrito por Jodie Archer e Matthew L. Jockers, onde os autores ensinam ao público como escrever um livro que seja um sucesso de vendas.

bifurcações narrativas, a série constrói sua própria forma de narrar. Essa forma de narrar, que mais parece ser um caldeirão de gêneros literários gera identificação com os leitores que se veem encantados pelo mundo mágico de J.K. Rowling *ao mesmo tempo que* compartilham com ele suas experiências de vida.

3.2 A perpetuação de *Harry Potter* no tempo

Harry Potter é uma série que trabalha com a questão do tempo sob os mais diversos vieses. No enredo, Harry e Hermione utilizaram um Vira-tempo⁸⁷ para impedir que Sirius Black voltasse para Azkaban, a prisão dos bruxos. Em estrutura, a narrativa da série é dividida em sete livros, onde cada um deles narra um ano de vida de Harry. A história de cada volume sempre se inicia no dia 31 de julho, dia em que Harry comemora seu aniversário. A história de cada livro demarca com ênfase a idade de Harry, quase que tentando ressaltar como o garoto consegue realizar grandes feitos a despeito de sua pouca idade. Além disso, como já mencionei em seções anteriores, a narrativa faz questão de mostrar as nuances e a profundidade do personagem Harry à medida que ele vai ficando mais velho, que passa de criança deslumbrada com o mundo da magia a um jovem adulto responsável pela salvação de todo o mundo bruxo.

O tempo, como quase tudo que envolve *Harry Potter*, extrapola o limite das páginas dos livros para ganhar uma significação importante em nosso próprio mundo real. Publicada ao longo de dez anos, a série de J.K. Rowling conseguiu propiciar uma experiência de leitura que talvez outros livros ainda não tenham conseguido: a de fazer com que seus leitores acompanhassem, cronologicamente, o crescimento dos personagens e dos temas que a história debate.

Os participantes da minha pesquisa de campo mostraram que suas relações com a leitura, especialmente a leitura de *Harry Potter*, tem bastante a ver com a idade com que eles próprios começaram a ler a série. Os que acompanharam a história com a mesma ou com uma

⁸⁷ O Vira-tempo, que em inglês é denominado como Time-Turner, é um artefato mágico que permite que seu dono volte no tempo para realizar algumas tarefas. Na série, Hermione ganha este objeto da professora McGonagall, porque ela havia pego muitas disciplinas escolares sem ter tempo hábil para cursá-las de fato. O Vira-tempo ajudava a garota a voltar algumas horas no passado, para que ela pudesse cursar duas matérias ao mesmo tempo.

idade bem próxima da de Harry afirmaram que a série os iniciou na vida literária ou que ela funcionou como um trampolim para leituras ditas mais complexas. Em ambos os casos, *Harry Potter*, que é uma série inicialmente destinada ao público infanto-juvenil, é marcante na vida destes leitores mesmo enquanto adultos. Ela persiste em ser uma leitura importante e com várias significações para estes leitores para além de seus dez, onze anos. Tão importante que eles falam sobre os personagens e sobre os episódios da história com o mesmo amor, dedicação e prazer que uma criança se vale para falar sobre seus personagens preferidos de desenhos animados, por exemplo.

A grande pergunta que surgiu, no meio destas reflexões, foi: por que *Harry Potter* conseguiu ultrapassar as barreiras impostas pelo tempo, sendo que outras obras infanto-juvenis ficaram para trás, junto da faixa etária de público para o qual elas foram destinadas? Mais uma vez, acredito que não há uma resposta objetiva, direta e simples para esta pergunta. Há um conjunto de fatores que favorecem a perpetuação da série no espaço e no tempo, sendo o mercado talvez o mais óbvio deles.

A história de *Harry Potter* ganhou materialidade quando Chris Columbus aceitou dirigir a adaptação cinematográfica de *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* junto da Warner Bros. em 2001⁸⁸. Harry, Rony, Hermione, Hagrid, Snape e Dumbledore ganharam um rosto e um corpo e Hogwarts ganhou um projeto arquitetônico visual que faz parte do imaginário de milhões de pessoas. O projeto do primeiro filme foi extremamente bem-sucedido, com uma arrecadação de mais de 317.575.550 dólares apenas nos Estados Unidos, fazendo com que a série ganhasse outras sete adaptações ao longo de dez anos.

⁸⁸ HARRY POTTER and the Sorcerer's Stone. Direção: Chris Columbus. Warner Bros. Pictures. 2001.

HARRY POTTER and the Chamber of Secrets. Direção: Chris Columbus. Warner Bros. Pictures. 2002.

HARRY POTTER and the Prisoner of Azkaban. Direção: Alfonso Cuarón. Warner Bros. Pictures. 2004.

HARRY POTTER and the Goblet of Fire. Direção: Mike Newell. Warner Bros. Pictures. 2005.

HARRY POTTER and the Order of Phoenix. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2007.

HARRY POTTER and the Half-Blood Prince. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2009.

HARRY POTTER and the Deathly Hallows Part I. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2010.

HARRY POTTER and the Deathly Hallows Part II. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2011.

As adaptações cinematográficas e seu apelo visual geraram um mercado próprio para o público da série: uniformes de Hogwarts, vassouras, bolas de quadribol, a armação dos óculos de Harry, cachecóis, varinhas...todo esse material, que ganhou forma com os filmes, pode ser adquirido via compra física ou online. Essa prática, que começou há pelo menos dezessete anos atrás, ainda se faz presente nos dias de hoje e ajuda a perpetuar todo o imaginário que rodeia o universo de *Harry Potter* ao longo do tempo.

Além disso, quando se deu por encerrada a filmagem da última adaptação cinematográfica, os estúdios Leavesden, que ficam em Londres e onde foram gravados os oito filmes da série, foram transformados no museu *The Making of Harry Potter*, onde os fãs podem visitar cada uma das locações importantes para a história de Harry no cinema. Junto do museu, os parques da Universal nos Estados Unidos construíram dois parques de diversão inspirados no universo cinematográfico de *Harry Potter*. Os parques reproduziram uma Hogwarts que é visitável, Hogsmeade⁸⁹ e o Beco Diagonal⁹⁰, além de terem feito a Floresta Proibida⁹¹ com todos seus animais e criaturas. O museu e os parques reproduzem a identidade visual dos filmes, que acabou se tornando a identidade visual de *Harry Potter* por excelência⁹² e eles são visitados por milhões de pessoas anualmente.

O apelo criado pelos filmes reverbera na venda de itens específicos e até mesmo na venda dos próprios livros, que ganham novas edições⁹³ a cada ano que passa, movimentando milhões de dólares mundo afora. Não há dúvida que cada um destes itens ajuda na manutenção da presença que *Harry Potter* tem na vida de seus leitores, para além das crianças e dos adolescentes. O mundo mágico está, mais uma vez, muito próximo do mundo real –

⁸⁹ Hogsmeade é o nome do povoado bruxo próximo a Hogwarts. Ele é frequentado pelos estudantes da escola em finais de semana específicos, onde eles podem visitar suas lojas de logros e brincadeiras, de doces e seus restaurantes temáticos.

⁹⁰ O Beco Diagonal, ou Diagon Alley no termo original, é uma rua de comércio bruxo. Todos os alunos de Hogwarts adquirem seu material escolar nas lojas do Beco.

⁹¹ Floresta Proibida, ou Forbidden Forest, é a floresta que fica nos entornos de Hogwarts. Nenhum aluno pode visitar o interior da Floresta, porque ela guarda animais e criaturas mágicas perigosíssimos.

⁹² Nas duas edições de *Harry Potter: Caminhos Interpretativos*, os alunos afirmaram que não conseguem dissociar a imagem de Daniel Radcliffe, Rupert Grint e Emma Watson de Harry, Rony e Hermione, bem como não conseguem imaginar uma Hogwarts diferente daquela apresentada nos filmes.

⁹³ Hoje em dia, a série ganhou edições comemorativas de aniversário: quando cada livro completa vinte anos de lançamento, as editoras Bloomsbury e Scholastic lançam edições que representam cada uma das quatro casas de Hogwarts. Além disso, em 2017, os livros começaram a ser relançados em edições totalmente ilustradas, cujos desenhos são feitos por Jim Key. Até o depósito desta dissertação, *The Sorcerer's Stone*, *The Chamber of Secrets* e *The Prisoner of Azkaban* já possuem suas edições ilustradas.

mesmo que as pessoas tenham que investir uma quantidade considerável de dinheiro para entrarem em contato com ele.

Para além disto, creio que um outro fator que ajuda *Harry Potter* a possuir considerável significação para crianças e adultos é, justamente, sua forma narrativa, que já foi bastante debatida até aqui. Para o universo da criança, ela possui a dosagem necessária de magia e fantasia, que povoam a imaginação dos pequenos em seus poucos anos de vida. Para os adultos, a série apresenta temas que estão presentes na realidade cotidiana, como a morte, o perdão e a amizade.

Estas camadas de leitura parecem se tornar visíveis a cada vez que os leitores revisitam a história de Harry e seus amigos. Prova disso é a declaração que vários alunos de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” fizeram: a de que a história da série parecia ganhar novos contornos e novas interpretações a cada releitura. E estas interpretações só eram possíveis de acontecer porque eles iam amadurecendo com a passagem dos anos. Essas leituras de revisitação, segundo a declaração dos participantes do curso, pareceram criar laços afetivos ainda maiores entre leitor e obra, como se *Harry Potter* fosse, de fato, um nicho de pertencimento. As pessoas têm orgulho de serem leitoras de *Harry Potter*, assim como têm orgulho de contar como aconteceram suas aproximações com a obra, com os filmes e como eles construíram amizades com pessoas que também amam este universo.

Há, ainda, um terceiro fator que faz com que *Harry Potter* seja uma obra que dialoga com os leitores ao longo de tanto tempo: o fator sócio-histórico. Toda obra de arte carrega, de alguma forma, os valores do tempo em que ela foi escrita, e com *Harry Potter* não seria diferente. A série traz um forte debate sobre preconceito racial, sobre regimes ditatoriais e sobre a imprensa que reproduz falácias. Este debate, com referências diretas à obra, foi fortemente incorporado a diversas manifestações políticas mundo afora, incluindo o Brasil, que eram contrárias, por exemplo, à eleição de presidentiáveis conservadores⁹⁴. Isto mostra o

⁹⁴ Nas eleições de 2018 no Brasil, eleitores que foram às ruas, contrários à candidatura do presidente eleito Jair Bolsonaro, levavam cartazes com os seguintes dizeres: “Quando Voldemort é candidato à presidência, nós precisamos de uma nação de Hermiones!”, “Dumbledore não deixaria isso acontecer!”, “Minha carta de Hogwarts não chegou, mas cansei de ser trouxa.” Os americanos, em protestos contra a eleição de Donald Trump, exibiam cartazes que diziam: “Dumbledore’s Army still recruiting!”, “Dumbledore did not die for this to keep happening” e “When I said I wanted the real world to be more like *Harry Potter*, I just meant the magic stuff not the entire plot of book five where the government refuses to do anything about a deathly threat so the teenagers had to rise up and fight back.”

quanto a história de *Harry Potter* é capaz de provocar reflexões em seus leitores, incluindo-se aí os leitores mais velhos.

A própria divulgação de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” mostrou o amplo interesse que as pessoas ainda têm por *Harry Potter*, mesmo depois de tanto tempo. As vagas se esgotaram rapidamente, e uma parte considerável dos participantes se deslocava por grandes distâncias para ir até a Cidade Universitária semanalmente para poderem discutir a obra que tanto amam. O tempo, que perpassa *Harry Potter* pelas mais diversas esferas interpretativas, reforça a paixão dos leitores para com a série e, quase contraditoriamente, imortaliza o bruxo de óculos redondos com uma cicatriz em forma de raio no meio da testa no imaginário coletivo, para além das páginas dos livros e das telas de cinema.

3.3 *Harry Potter*, experiência e memória

Em “Ler: uma operação de caça”⁹⁵, Michel de Certeau debate o modo como a cultura se aproxima muito mais da elite intelectual do que das massas, em uma relação de poder. Ele argumenta, também, sobre a ideia que se formou sobre o que seria a leitura ideal e qual seria o leitor ideal e de como o sentido literal de um determinado texto é concebido pelos membros desta elite intelectual⁹⁶, em uma relação de mediação hierárquica onde a leitura do dominado sempre tem significação inferior à leitura do dominador⁹⁷. Certeau propõe, portanto, uma reflexão acerca da política da leitura e da identidade deste leitor⁹⁸, além de afirmar que nem a leitura e nem um leitor possuem um lugar específico, estratificado.

⁹⁵ CERTEAU, Michel de. “Ler: uma operação de caça” In: *A Invenção do Cotidiano – 1. Artes do Fazer*. Petrópolis, 2014. 22ª edição.

⁹⁶ “A leitura fica de certo modo obliterada por uma relação de forças (entre mestres e alunos, ou entre produtores e consumidores), das quais ela se torna o instrumento. A utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os ‘verdadeiros’ intérpretes.” (p. 243)

⁹⁷ “Aliás, se a manifestação das liberdades do leitor através do texto é tolerada entre funcionários autorizados (é preciso ser Barthes para se atrever a fazê-lo), ela é, ao contrário, proibida aos alunos (simples ou habilmente reduzidos à escuderia do sentido ‘recebido’ pelos mestres) ou ao público (cuidadosamente advertido sobre ‘o que se deve pensar e cujas invenções são consideradas desprezíveis, e assim reduzidas ao silêncio).” (p. 243)

⁹⁸ “Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los.” (p. 245)

A proposta de Certeau, que busca investir na pluralidade de leituras e leitores em detrimento de uma dada verticalidade na relação que se constrói entre mediadores de leitura e os leitores de fato veio diretamente ao encontro de um dos principais objetivos desta pesquisa: o de mostrar como os leitores empíricos de *Harry Potter* podem refletir, analisar e debater temas a respeito desta obra que eles gostam tanto.

“*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” acabou se mostrando um curso para especialistas na série de Rowling, porque os participantes conseguiam se lembrar de vários pormenores da história mesmo tendo lido os livros há algum tempo. Eu achava importante salientar, aula a aula, que os pontos de vista que eles construíram sobre a obra eram tão importantes quanto a leitura que eu mesma fazia dela, porque a sala de aula era um espaço de troca entre os professores e os alunos. Essa prática acabou por desfazer o receio da leitura errada e o medo do julgamento, construindo um ambiente de aula mais seguro, mais tranquilo.

Falar sobre *Harry Potter*, neste curso, misturou-se, muitas vezes, com falar sobre a própria experiência. Para os participantes da aula e até para mim mesma, a leitura de *Harry Potter* foi feita porque foi estabelecida, desde sempre, uma relação muito subjetiva com a série, seus personagens, seu espaço. Havia o palpite de que os leitores de Harry eram apaixonados pelas aventuras do menino bruxo porque eles se identificavam com vários episódios da história. O palpite, por fim, foi confirmado – e não apenas pelas respostas ao questionário, mas também pela vivência nos dias de aula.

Havia os alunos que, mesmo sabendo de toda a maldade de Voldemort, se condoíam com sua história de formação. Havia outros que defendiam com veemência a normalidade de Rony, outros que não economizavam as injúrias à Dolores Umbridge e aqueles que não economizavam os elogios à Hermione. E toda essa leitura apaixonada tinha muita relação com a intimidade dos participantes, porque *Harry Potter* havia marcado suas vidas (e não apenas suas vidas de leitores) de alguma forma: amizades foram construídas em fóruns que debatiam a obra, alunos ingressaram na carreira em Letras por conta da história⁹⁹, outros desenvolveram o hábito da escrita criativa por conta da escrita de *fanfics* sobre a série, casais foram formados por causa de *Harry Potter*.

⁹⁹ A tese de doutorado de Patrícia Trindade Nakagome, intitulada “A vida e a vida do leitor: um conceito formado no espelho” (PPG-TLLC – FFLCH – USP, 2015) mostra como cinco alunos ingressaram no curso de Letras por conta de sua forte relação com a série *Harry Potter*, sendo eu mesma um dos sujeitos de pesquisa.

Há quem veja essa relação com a obra com olhos não muito favoráveis, como, por exemplo, Harold Bloom no texto em que afirma que trinta e cinco milhões de compradores de livros estavam errados por investirem seu tempo e seu dinheiro com a leitura de *Harry Potter*. Mas os alunos de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” mostraram que, na verdade, é bastante importante a relação de intimidade e amor que se cria com a obra... caso contrário, não seria possível discuti-la de uma forma minimamente razoável.

Criar uma relação de subjetividade com a obra não significa tecer apenas inúmeros elogios ao texto, pelo menos no caso dos alunos do curso. Os participantes apresentavam um olhar bastante crítico para o texto de *Harry Potter*, apontando questões que poderiam ter sido tratadas de uma outra forma para fazer a história caminhar de um jeito mais harmônico, por exemplo.

Antonio Candido fala sobre a necessidade de se explorar mais nossa experiência afetiva com as obras, principalmente no que cabe ao trabalho da crítica literária em si, no texto “Crítica e Memória”. Em uma das passagens, ele afirma:

Dos livros que lemos, alguns se incorporam mais do que outros à nossa experiência, muitas vezes de maneira desproporcional em relação à sua qualidade. Por isso, vale a pena fazer a história das nossas leituras, não só a fim de avaliarmos o papel que tiveram em nossa formação e em nossa concepção de mundo, mas também para verificar que obras reconhecidamente maiores nem sempre são as que marcam mais fundo. (2004, p. 33)

Por mais que os alunos de “*Harry Potter: Caminhos Interpretativos*” não sejam críticos literários, é possível afirmar com bastante certeza que a experiência afetiva que eles têm com a obra de J.K. Rowling ajudou-os a formar seu olhar crítico a respeito da série e de outras obras literárias como *O Senhor dos Aneis*, *Crepúsculo* e *Percy Jackson*. *Harry Potter* apareceu na vida destes alunos das mais variadas formas possíveis¹⁰⁰: alguns se encantaram pelos filmes e foram procurar os livros, outros ganharam um livro de presente de algum familiar e outros, ainda, tiveram a leitura mediada por algum professor querido. No texto já citado de Candido, ele também fala da importância do crítico se lembrar de como aconteceu seu primeiro contato com os livros.

O exercício da memória afetiva que Candido sugere apareceu de forma natural no discurso dos alunos do curso. Para estes alunos, é impossível dissociar o amor pela história de

¹⁰⁰ Em um questionamento feito *a posteriori* com os sujeitos que participaram da pesquisa de campo, perguntei como havia sido o primeiro contato dos alunos com *Harry Potter*. Os exemplos citados estavam já replicados nas respostas ao questionário.

Harry da tarefa de analisar os temas da obra. E eu sinceramente acredito que a valorização da experiência afetiva destas pessoas é o que permitiu que não se criasse uma atmosfera hierárquica e hostil dentro do curso, até porque eu mesma não consigo separar a importância que *Harry Potter* tem em minha vida de leitora da importância que a série tem em minha vida de pesquisadora. Todos estávamos reunidos primeiro e principalmente porque amávamos cada pedacinho do mundo mágico criado por J.K. Rowling e cada episódio extraordinário que Harry, Rony e Hermione compartilharam.

Harry Potter é uma série de livros que fala, sobretudo, sobre a salvação do próximo pelo amor. Harry derrotou Voldemort com apenas um ano de idade porque sua mãe, em nome do amor que sentia por seu filho, se sacrificou para salvá-lo. Posteriormente, por conta do amor que sente por seus amigos, Harry também entrega sua vida a Voldemort. É por amor que Harry retorna dos mortos¹⁰¹, para poder concluir a tarefa que havia sido designada a ele. Como não poderia ser diferente, o amor que aparece nas páginas de *Harry Potter* consegue sobressair dos limites físicos do livro para ganhar vida aqui fora, em nosso mundo. E essa experiência afetiva com a leitura da série permite que ela seja discutida com seriedade, respeito e admiração.

Não é muito usual concluir um trabalho de mestrado falando da relação subjetiva que o pesquisador tem com a obra, mas no caso desta dissertação, gostaria de me valer do exercício sugerido por Antonio Candido e recuperar na memória o que fez com que eu me tornasse uma leitora assídua de *Harry Potter*. Assim como muitos participantes do curso, meu primeiro contato com a série foi através dos filmes, na hoje longínqua era das locadoras de fitas VHS. Aluguei os três primeiros filmes, achei a história incrível e fui pegar livros na biblioteca de minha escola. Até aquele ano, cinco livros haviam sido lançados, e eu me lembro de ter lido a série em uma ordem totalmente desconexa, porque os livros eram emprestados, e eles nem sempre estavam todos disponíveis na ordem correta.

Eu estava às vésperas de completar treze anos, e já gostava muito de ler. Mas com *Harry Potter* minha experiência de leitura foi diferente... Eu fiquei simplesmente encantada com Hogwarts, com o funcionamento das leis do mundo bruxo. Encontrei em Hermione meu

¹⁰¹ Harry Potter se entrega a Voldemort, que consegue matá-lo. Todavia, Harry não sabia que possuía dentro de si um pedaço da alma do vilão, e o que morre, na verdade, é este pedaço de alma. O garoto vai parar em um limbo espaço-temporal, onde tem um encontro com Dumbledore. O professor diz que o garoto tem a opção de abraçar a morte por inteiro ou retornar como um homem puro, livre dos vestígios de Voldemort, para poder liquidá-lo. Harry escolhe voltar.

espelho literário, e queria ter tido amigos tão companheiros como Harry e Rony. Como eu sofria junto de Harry! E também comemorava suas vitórias. Torci tanto para que Rony e Hermione pudessem ficar juntos no final da história e, olha só, eles ficaram! A história de *Harry Potter* sempre foi, para mim, muito palpável, muito verossímil, porque eu vibrava com cada um daqueles personagens como se eles fossem meus conhecidos de carne e osso.

Com a leitura de *Harry Potter*, comecei a pesquisar a história de vida de Joanne Rowling e de Lia Wyler, e descobri que a primeira havia se formado em Literatura Clássica, na Universidade de Exeter, e a segunda em Letras, pela PUC. Isso foi o suficiente para eu decidir me enveredar por uma carreira parecida, o que me trouxe à graduação em Letras, e, mais recentemente, a este mestrado.

Não poderia ter dedicado grande parte da minha vida acadêmica a outra obra que não fosse *Harry Potter* justamente porque sou, antes de qualquer outra coisa, uma fã apaixonada por ela. E, assim como eu, existem outros milhões de leitores que amam *Harry Potter* e que amam falar sobre esta série. Meu esforço, com esta dissertação, foi o de trazer uma leitura minha de *Harry Potter* e, também, leituras que fossem de outros leitores de *Harry Potter*. Estas duas esferas ora convergem, ora divergem, mas sempre se ajudam e se complementam de alguma forma.

Retomo, por fim, a frase que é a epígrafe deste trabalho: “nenhuma história sobrevive a não ser que exista alguém que queira escutá-la. As histórias que mais amamos vivem com a gente para sempre.” Este trabalho é uma forma de mostrar como *Harry Potter*, mesmo após vinte anos de seu lançamento, sobrevive na memória e no coração de seus vários leitores – e sobrevive porque as pessoas ainda se encantam e se apaixonam pela magia das palavras escritas por Joanne Rowling.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Bia. Das diferenças entre ler e ver televisão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 03 jul. 2005.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- _____. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BATISTA JÚNIOR, João. USP dará curso gratuito sobre Harry Potter. *Veja*, São Paulo, 20 ago. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/usp-dara-curso-gratuito-sobre-harry-potter>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- BELL, Christopher E. (Org.) *Hermione Granger saves the world: essays on the feminist heroine of Hogwarts*. Jefferson: McFarland, 2012.
- _____. *Wizards vs Muggles: essays on identity and the Harry Potter Universe*. Jefferson: McFarland, 2016.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador”: In: *Os pensadores*., vol. XLVIII: Abril Cultural, 1975, pp. 63 – 81 ou In: *Obras escolhidas*. V. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 197 – 221.
- BLOOM, Harold. “Can 35 Million Book Buyers Be Wrong? Yes”. *Wall Street Journal*, 2000.
- BONETO, Luiz Guilherme. Para os novos leitores, um velho e adorável sentimento. *Rocco*, 5 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/para-os-novos-leitores-um-velho-e-adoravel-sentimento/>>. Acesso em: 31/05/2019.
- _____. Os vinte anos de A Pedra Filosofal e o retorno à infância. *Rocco*, 26 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/os-vinte-anos-de-a-pedra-filosofal-e-o-retorno-a-infancia/>>. Acesso em: 31/05/2019.
- BOSCOV, Isabela. O Legado de Harry. *Revista Veja*. Número 2226, 20 de julho de 2007, pp. 131 – 133.

- BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- _____. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRANDÃO, Luiz Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 13. ed. São Paulo, SP: Cultrix, Pensamento, 2010.
- CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A personagem de ficção*. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- _____. *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. 22ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições Sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CHIAPPINI, Lúcia. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. *O fenômeno Harry Potter e o nosso tempo em mutação*. Disponível em: <<https://www.hildahilst.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Harry-Potter.pdf>>. Acesso em: 28/06/2019.
- COLASANTI, Marina. *Como se Fizesse Um Cavalo*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- COMO Harry Potter formou uma geração inteira de leitores. *TAG Livros*, 1 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.taglivros.com/blog/como-harry-potter-formou-uma-geracao-inteira-de-leitores/>> Acesso em: 26 abr. 2019.
- CURSO grátis na USP sobre Harry Potter abre inscrições. *Catraca Livre*, 19 ago. 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/educacao/curso-gratis-harry-potter-usp-inscricao/>> Acesso em: 27/01/2019.
- CURSO gratuito sobre Harry Potter na USP abre inscrições nesta segunda. *Portal G1*, Rio de Janeiro, 19 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/19/curso-gratuito-sobre-harry-potter-na-usp-abre-inscricoes-nesta-segunda.ghtml>> Acesso em: 27 jan. 2019.

EAGLETON, Terry. *How to read literature*. New Haven: Yale University Press, 2013.

_____. *Literary Theory: An Introduction*. Oxford: Basil Blackweel, 1983.

ECCLESHARE, Julia. *A guide to the Harry Potter novels*. Londres: Continuum, 2002.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Reimpressão 7ª ed. Trad. Pérola de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2015. (reimpressão da 7ª edição).

EIRAS, Natália. Ruth Rocha comemora 50 anos de carreira: ‘Harry Potter não é literatura’. *iG*, São Paulo, 27 abr. 2015. Disponível em: <<http://on.ig.com.br/palavra/2015-04-27/ruth-rocha-comemora-50-anos-de-carreira-harry-potter-nao-e-literatura.html>>. Acesso em: 14/06/2019.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. De Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*. Nº 53. São Paulo: USP, março/abril/maio, 2002.

FRYE. Northrop. *The secular scripture: a study of the structure of romance*. Massachussetts: Harvard University Press, 1976.

GOMES, Paulo Emilio S. “A personagem cinematográfica” In. CANDIDO, Antonio et. al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva,. 2014, pp. 103-119.

HARRY Potter e a faculdade filosofal: o bruxo será tema de curso gratuito na USP. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 2018. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/nerdices/2018/08/harry-potter-e-a-faculdade-filosofal-bruxo-sera-tema-de-curso-gratuito-na-usp.shtml>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

KEHL, Maria Rita (org.). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MICHEL, Aline. USP oferece curso sobre os livros da série Harry Potter. *Potterish*. 07 ago. 2018. Disponível em: <<https://potterish.com/2018/08/harry-potter-usp-curso/>>. Acesso em: 27/01/2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MORETTI, Franco. *The way of the world: – The bildungsroman in European culture*. Londres: Verso, 1987.

NAKAGOME, Patrícia. *A vida e a vida do leitor: um conceito formado no espelho*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada. FFLCH/USP, 2015.

NIEDERAUER, Ana Paula. USP abre inscrições para curso gratuito sobre Harry Potter. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 2018. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,usp-abre-inscricoes-para-curso-gratuito-sobre-harry-potter,70002463687>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

RICH, Motoko. Relíquias da leitura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2207200704.htm>>. Acesso em: 28/06/2019.

SAMDJA, Isabella. *Harry Potter: as razões do sucesso*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SCAMANDER, Newt. *Fantastic beasts and where to find them*. Londres: Bloomsbury, 2001.

SCHAFER, Jennifer. 18 depoimentos sobre como ‘Harry Potter’ mudou a vida das pessoas. *Buzzfeed*, 7 nov. 2016. Disponível: <<https://www.buzzfeed.com/br/jenniferschaffer/18-formas-magicas-das-quais-harry-potter-mudou-s>>. Acesso em: 31/05/2019.

SIMÕES, Aione. *Harry Potter: Dez anos de história*. Disponível em: <<https://www.minhavidaliteraria.com.br/2011/07/14/harry-potter-10-anos-de-historia/>> . Acesso em: 10 mai. 2019.

SOUSA, Silvana. USP cria curso sobre Harry Potter, e inscrições acabam em poucas horas. *Correio Braziliense*, Brasília, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_ensinosuperior/2018/08/20/ensino_ensinosuperior_interna,700938/curso-do-harry-potter-na-usp.shtml> Acesso em: 27 jan. 2019.

TZVETAN, Todorov. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

USP abre inscrições para curso sobre Harry Potter. *Portal UOL*. Disponível em: <<https://videos.band.uol.com.br/16504121/usp-abre-inscricoes-para-curso-sobre-harry-potter.html>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Tradução de . Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

Obras de J.K. Rowling

SCAMANDER, Newt. *Fantastic beasts and where to find them*. Londres: Bloomsbury, 2001.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Deathly Hollows*. Nova York: Scholastic, 2007.

_____. *Harry Potter and the Goblet of Fire*. Nova York: Scholastic, 2000.

_____. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. Nova York: Scholastic, 2005.

_____. *Harry Potter and the Order of Phoenix*. Nova York: Scholastic, 2003.

_____. *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*. Nova York: Scholastic, 1999.

_____. *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*. Nova York: Scholastic, 1997.

Filmografia

HARRY POTTER and the Sorcerer's Stone. Direção: Chris Columbus. Warner Bros. Pictures. 2001.

HARRY POTTER and the Chamber of Secrets. Direção: Chris Columbus. Warner Bros. Pictures. 2002.

HARRY POTTER and the Prisoner of Azkaban. Direção: Alfonso Cuarón. Warner Bros. Pictures. 2004.

HARRY POTTER and the Goblet of Fire. Direção: Mike Newell. Warner Bros. Pictures. 2005.

HARRY POTTER and the Order of Phoenix. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2007.

HARRY POTTER and the Half-Blood Prince. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2009.

HARRY POTTER and the Deathly Hallows Part I. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2010.

HARRY POTTER and the Deathly Hallows Part II. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2011.

Vídeos

MAMAEFALEI. Curso de Harry Potter – USP. *Youtube*, 21 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vor6aGEn9I8>>. Acesso em: 27/01/2019.

OBSERVATÓRIO Potter. A polêmica do curso gratuito de Harry Potter da USP!. *Youtube*, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFK5AQ_CDGU>. Acesso em: 27/01/2019.

ZERO1 comenta curso de Harry Potter em São Paulo. *Globoplay*, 20 out. 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7103658/>>. Acesso em: 29/01/2019.

ANEXOS

ANEXO A - Programa da primeira edição de *Harry Potter: Caminhos Interpretativos*

Aula 1

“Os personagens-chave de Harry Potter”

Apesar de J.K. Rowling ter escrito uma série cujo título traz o nome de um único personagem, a narrativa como um todo não é apenas sobre este único personagem. Dessa forma, discutiremos como Harry Potter, Rony Weasley, Hermione Granger e Alvo Dumbledore foram construídos e como eles são importantes para entendermos a formação do personagem principal.

Professora: Beatriz Masson

Bibliografia específica

CANDIDO, Antonio (et. al.). A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva, 2014. (reimpressão da 13a edição).

ECCLESHARE, Julia. A guide to Harry Potter novels. Londres: Bloomsbury, 2002.

ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. Tradução de Pérola de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2015. (reimpressão da 7a edição).

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a ordem da fênix. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Harry Potter e o enigma do príncipe. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Aula 2

“Harry Potter: herói romanesco”

A partir dos pressupostos de Northrop Frye e Joseph Campbell, proporemos um debate sobre como Harry Potter, o personagem, dialoga com a tradição literária do herói romanesco.

Professora:

Beatriz

Masson

Bibliografia

específica

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 13. ed. São Paulo, SP: Cultrix, Pensamento, 2010.

FRYE, Northrop. The secular scripture: a study of the structure of romance. Massachussetts: Harvard University Press, 1976.

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a câmara secreta. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e o cálice de fogo. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

WOLOSKY, Shira. The Riddles of Harry Potter. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

Aula

3

“Harry Potter: indivíduo em formação”

Tendo em vista a longa tradição narrativa do romance de formação, que já foi debatida por Lukács e Bakhtin, discutiremos como Harry Potter, a série, retoma e revê o tema do indivíduo em formação.

Professora:

Beatriz

Masson

Bibliografia

específica

BAKHTIN, Mikhail. Questões e de literatura e estética. Tradução de Aurora F. Bernardini. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

LUKÁCS, Georg. A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 1967.

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a câmara secreta. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____, Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a ordem da fênix. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Aula 4

“As construções dos masculinos e dos femininos em Harry Potter”
À luz dos recentes debates inseridos no campo dos Estudos de Gênero, serão analisadas nessa aula as construções das personagens masculinas e femininas, a forma como se dão suas relações e as expressividades de suas sexualidades. Serão tecidos comentários especialmente acerca das personagens Harry Potter, Hermione Granger, Rony Weasley, Gina Weasley, Lílá Brown, Gilderoy Lockhart e Alvo Dumbledore.

Professor: Victor Menezes

Bibliografia específica

BELL, Christopher E. (Org.) Hermione Granger saves the world: essays on the feminist heroine of Hogwarts. McFarland, 2012.

BELL, Christopher E. (Org.) Wizards vs Muggles: essays on identity and the Harry Potter Universe. McFarland, 2016.

CAMACCI, Lauren R. “The Prisoner of Gender: Masculinity in the Potter Books”. In. BELL, Christopher E. (Org.) Wizards vs Muggles: essays on identity and the Harry Potter Universe. McFarland, 2016, p. 38-61

Aula 5

“Harry Potter, a crítica literária e a voz do leitor.”
Por meio da discussão da recepção tanto da crítica especializada quanto dos leitores reais da série, traçaremos paralelos sobre os significados e valores produzidos e difundidos pela obra em ambas as esferas. Para uma análise mais pontual, também

discutiremos sobre o espaço acadêmico e as suas relações com obras artísticas populares e o processo cultural contemporâneo, utilizando Harry Potter como um objeto de estudo.

Professores: Beatriz Masson e Luiz Felipe Baute

Bibliografia específica

ABRAMO, Bia. Das diferenças entre ler e ver televisão In Folha de São Paulo, 03/07/2005.

Disponível em:

BLOOM, Harold. Can 35 million book buyers be wrong? Yes. In Wall Street Journal, 2000. Disponível em:

BOSCOV, Isabela. Agora acabou In Revista Veja, no 2226, 1o de agosto de 2007, pp. 134-135.

_____. O legado de Harry In Revista Veja, no 2226, 20 de julho de 2007, pp. 131 – 133.

BOURDIEU, Pierre. Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2002.

_____. As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa. Dez lições Sobre Estudos Culturais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

_____. How to read literature. New Heaven: Yale University Press, 2013.

WILLIAMS, Raymond. Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo. Tradução de Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ANEXO B -Programa da segunda edição de *Harry Potter: Caminhos Interpretativos*

Aula 1

“Os personagens-chave de Harry Potter”

Apesar de J.K. Rowling ter escrito uma série cujo título traz o nome de um único personagem, a narrativa como um todo não é apenas sobre este único personagem. Dessa forma, discutiremos como Harry Potter, Rony Weasley, Hermione Granger e Alvo Dumbledore foram construídos e como eles são importantes para entendermos a formação do personagem principal.

Professora: Beatriz Masson

Bibliografia específica

CANDIDO, Antonio (et. al.). A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva, 2014. (reimpressão da 13ª edição).

ECCLESHARE, Julia. A guide to Harry Potter novels. Londres: Bloomsbury, 2002.

ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. Tradução de Pérola de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2015. (reimpressão da 7ª edição).

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a ordem da fênix. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Harry Potter e o enigma do príncipe. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Aula 2

“Harry Potter: herói romanesco”

A partir dos pressupostos de Northrop Frye e Mikhail Bakhtin, discutiremos as características formais que fazem parte da construção de um herói de novela romanesca para analisarmos, na aula seguinte, como essas características aparecem em Harry Potter, o protagonista.

Professora: Beatriz Masson

Bibliografia específica

BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo. São Paulo: Editora 34, 2018.

FRYE, Northrop. The secular scripture: a study of the structure of romance. Massachusetts: Harvard University Press, 1976.

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a câmara secreta. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____, Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e o cálice de fogo. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

Aula 3

“Harry Potter: herói romanesco”

Tendo em vista os pontos discutidos na aula anterior sobre a construção de um herói romanesco, nesta aula iremos analisar como estes traços aparecem em Harry Potter.

Professora: Beatriz Masson

Bibliografia específica

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a câmara secreta. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____, Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e o cálice de fogo. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Aula 4

“Harry Potter: indivíduo em formação”

Nesta aula, vamos comentar sobre a longa tradição do romance de formação dentro da literatura ocidental tendo como panorama teórico os trabalhos de Georg Lukács e Mikhail Bakhtin. Posteriormente, analisaremos como J.K. Rowling retoma alguns pontos desta forma literária.

Professora: Beatriz Masson

Bibliografia específica

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética. Tradução de Aurora F. Bernardini. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

LUKÁCS, Georg. A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 1967.

ROWLING, J.K. Harry Potter e a pedra filosofal. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a câmara secreta. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____, Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Harry Potter e a ordem da fênix. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Aula 5

“Harry Potter e a crítica literária”

Por meio da discussão da recepção tanto da crítica especializada quanto dos leitores reais da série, traçaremos paralelos sobre os significados e valores produzidos e difundidos pela obra em ambas as esferas. Para uma análise mais pontual, também discutiremos sobre o espaço acadêmico e as suas relações com obras artísticas populares e o processo cultural contemporâneo, utilizando Harry Potter como um objeto de estudo.

Professora convidada: Patrícia Trindade Nakagome

Bibliografia específica

BLOOM, Harold. Can 35 million book buyers be wrong? Yes. In Wall Street Journal, 2000. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB963270836801555352>>

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.
_____. How to read literature. New Heaven: Yale University Press, 2013.

RANCIERE, Jacques. Ódio à democracia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

_____. O mestre ignorante. São Paulo: Autêntica Editora, 2007.

Aula 6

“Harry Potter: indivíduo em formação”

A partir das visões teóricas discutidas a respeito do romance de formação, proporemos uma análise dos textos de Harry Potter e a ordem da fênix, Harry Potter e o enigma do príncipe e Harry Potter e as relíquias da morte.

Professora: Beatriz Masson

ROWLING, J.K. Harry Potter e a ordem da fênix. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Harry Potter e o enigma do príncipe. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. Harry Potter e as relíquias da morte. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Aula 7

“O narrador de Harry Potter: entre livro e filme”

O debate sobre as diferenças que existem entre os livros de Harry Potter e suas respectivas adaptações para o cinema é extenso e, de certo modo, bastante polêmico. O enfoque da aula será feito a partir dessa problemática. Por meio de análises comparativas entre ambas as obras, serão discutidos os modos narrativos tanto das obras literárias quanto das obras cinematográficas. Ao final, serão examinados seus respectivos desdobramentos na produção, distribuição e recepção da série Harry Potter como um todo.

Professores: Beatriz Masson e Luiz Felipe Baute

Bibliografia específica:

BENJAMIN, Walter. “O narrador”: In: Os pensadores, vol. XLVIII: Abril Cultural, 1975, pp. 63 – 81 ou In: Obras escolhidas. V. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 197 – 221.

BONITZER, Pascal; CARRIERE, Jean-Claude. Prática do Roteiro Cinematográfico. São Paulo: JSN. 1996.

CHIAPPINI, Lúcia. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1990.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. De Fábio Fonseca de Melo. In: Revista USP. Nº 53. São Paulo: USP, março/abril/maio, 2002.

GOMES, Paulo Emilio S. “A personagem cinematográfica” In CANDIDO, Antonio et. al. A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva. 2014, pp. 103-119.

Filmografia

HARRY POTTER e a Pedra Filosofal. Direção: Chris Columbus. Warner Bros. Pictures. 2001.

HARRY POTTER e a Câmara Secreta. Direção: Chris Columbus. Warner Bros. Pictures. 2002.

HARRY POTTER e o Prisioneiro de Azkaban. Direção: Alfonso Cuarón. Warner Bros. Pictures. 2004.

HARRY POTTER e o Cálice de Fogo. Direção: Mike Newell. Warner Bros. Pictures. 2005.

HARRY POTTER e a Ordem da Fênix. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2007.

HARRY POTTER e o Enigma do Príncipe. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2009.

HARRY POTTER e as Relíquias da Morte Parte I. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2010.

HARRY POTTER e as Relíquias da Morte Parte II. Direção: David Yates. Warner Bros. Pictures. 2011.

Aula 8

“Os lugares de Harry Potter”

A obra de Rowling, bem como sua adaptação cinematográfica, circula por diversos espaços, das escolas e universidades aos blogs, imprensa, canais de You Tube, estes últimos nem sempre dedicados ao universo de Rowling ou à literatura, e em cada um deles existem modos específicos de lidar com ela. Nessa aula, discutiremos, sob a perspectiva das relações entre

literatura e sociedade, os diferentes modos de inserção dessa obra tanto na literatura quanto na sociedade contemporânea.

Professora convidada: Andrea Saad Hossne

Bibliografia específica:

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a vida social” e “O escritor e o público”. In: *Literatura e Sociedade*. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

PAES, José Paulo. *A aventura literária*: Ensaio sobre Ficção e Ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Compilação de textos publicados em Jornais, em blogs e em fóruns de discussão na internet.

ANEXO C - As capas estadunidenses de *Harry Potter*

ANEXO D - Harry, Rony e Hermione no cinema

Daniel Radcliffe, Rupert Grint e Emma Watson em *Harry Potter and The Sorcerer's Stone* (2001)

ANEXO E -Hogwarts no cinema

Hogwarts em *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (2001)